

SÍLVIA C.S.P. MARTINSON
PEDRO RIVERA JARO

QUATRO CANTOS

PEDRO RIVERA JARO
SÍLVIA C.S.P. MARTINSON

CUATRO ESQUINAS

Quatro Cantos / Cuatro Esquinas

Primera edición: Agosto de 2023

Depósito Legal: Impresión bajo demanda

Copyright © 2023

Silvia C.S.P. Martinson – Pedro Rivera Jaro

Autoeditado

espaciodelescritor.com

contacto@espaciodelescritor.com

Reservados todos los derechos. No se permite la reproducción total o parcial de esta obra, ni su incorporación a un sistema informático, ni su transmisión en cualquier forma o por cualquier medio (electrónico, mecánico, fotocopia, grabación u otros) sin autorización previa y por escrito de los titulares del copyright. La infracción de dichos derechos puede constituir un delito contra la propiedad intelectual.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou incorporada num sistema informático ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio (eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro) sem a autorização prévia por escrito dos detentores dos direitos de autor. A violação destes direitos pode constituir uma infração à propriedade intelectual.



SILVIA CRISTINA P. MARTINSON
nasceu em Porto Alegre, é advogada e
reside atualmente no El Campello
(Alicante, Espanha). Já publicou suas
poesias em coletâneas: VOZES DO
PARTENON LITERÁRIO IV (Editora
Revolução Cultural Porto Alegre, 2012),
publicação oficial da Sociedade
Partenon Literário, associação a que
pertence, em **ESCRITOS IV**, publicação
oficial da Academia de Letras de Porto
Alegre em parceria com o Clube
Literário Jardim Ipiranga (coletânea)

que reúne diversos autores; **Escritos IV** (Edições Caravela Porto Alegre, 2011);
Escritos 5 (Editora IPSDP, 2013) y en español **Versos en el Aire** (Editora
Diversidad Literaria, 2022)

Participou de concursos nacionais de contos, bem como do **GRUPO DE
ARTISTAS E ESCRITORES DO GUARUJA — SP**, onde teve seus poemas
publicados na coletânea **ARAUTOS DO ATLANTICO** em encontros Culturais do
Guarujá.

SILVIA CRISTINA P. MARTINSON nació en Porto Alegre, es abogada y
actualmente vive en El Campello (Alicante, España). Ya ha publicado su poesía
en colecciones: **VOCES DEL PARTENÓN LITERARIO IV** (Editora Revolução
Cultural Porto Alegre, 2012), publicación oficial de la Sociedad Partenón
Literario, asociación a la que pertenece, en **ESCRITOS IV**, publicación oficial de

la Academia de Letras de Porto Alegre en colaboración con el Club Literario Jardim Ipiranga (colección) que reúne a varios autores; Escritos IV (Edicões Caravela Porto Alegre, 2011); Escritos 5 (Editora IPSDP, 2013) y en español Versos en el Aire (Editora Diversidad Literaria, 2022). Participó en concursos nacionales de cuento, así como en el GRUPO DE ARTISTAS Y ESCRITORES DE GUARUJA - SP, donde tuvo sus poemas publicados en la colección ARAUTOS DO ATLANTICO en Encuentros Culturales de Guarujá.



PEDRO RIVERA JARO, nació el 24 de febrero de 1950 en Madrid, España. Jubilado con estudios de Empresariales, Marketing y Logística. Dedicado por afición a la narrativa y poesía. Jurado en el Concurso Cultural FECI/INTE, participante en el Libro Versos en el Aire, con el poema ¿A dónde va?

Concurso Villa de Lumbrales XXII, de la Asociación de Mujeres.

Concurso de Editora Ex Libric, con el trabajo 48 Palabras.

PEDRO RIVERA JARO, nascido em 24 de fevereiro de 1950 em Madrid, Espanha. Reformado com estudos em Ciências Empresariais, Marketing e Logística. Dedica-se por hobby à narrativa e à poesia. Júri do Concurso Cultural FECI/INTE, participante no livro Versos en el Aire, com o poema ¿A dónde va?

XXII Concurso Villa de Lumbrales, Associação de Mulheres. Concurso da Editora Ex Libric, com a obra 48 Palabras.

En el rincón silencioso del paso del tiempo, dos almas que han acumulado más historias de las que los años pueden contar, se entrelazan en un abrazo literario. En estas páginas, Pedro Rivera Jaro y Silvia C.S.P. Martinson, dos viajeros incansables por las sendas de la vida, nos guían con maestría y pasión a través de los paisajes de la prosa y el verso.

Pedro Rivera, con la sapiencia de los días vividos, teje palabras en su prosa con la paciencia del artesano que da forma a un antiguo reloj de cuerda. Sus relatos, como hilos que conectan momentos, nos envuelven en una nostalgia serena y nos invitan a contemplar el universo desde sus perspectivas únicas. Las palabras de Pedro Rivera son un puente que une el pasado y el presente, llevándonos a mundos que solo él puede pintar con su pluma.

Silvia C.S.P. Martinson, por su parte, hilvana el tiempo en versos que fluyen como arroyos que han encontrado su cauce. Sus poesías son como destellos de luz que atraviesan las hojas de un bosque antiguo, desvelando emociones y pensamientos que laten en lo más profundo del alma. En cada verso, Silvia C.S.P. Martinson nos invita a explorar el misterio de la vida desde ángulos inusuales, recordándonos que la poesía es la lengua de las emociones que a menudo quedan sin palabras.

Cuatro Esquinas/Quattro Canti es más que una colaboración literaria; es un encuentro de dos miradas que han sido testigos de amores y despedidas, de alegrías y tristezas, y que se atreven a compartir su sabiduría y sensibilidad con nosotros. A medida que nos sumergimos en estas páginas, no solo descubrimos el talento de dos escritores, sino también la riqueza de la experiencia vivida y la belleza que emana de las palabras bien tejidas.

Que este libro sea un recordatorio de que la creatividad y la pasión por la escritura no conocen límites de edad, y que cada página nos inspire a apreciar la vida en todas sus manifestaciones, desde los susurros del viento hasta los latidos de nuestros propios corazones.

Los artículos y poemas de Pedro y Silvia están escritos en el lenguaje materno de cada uno: Silvia en portugués y Pedro es español, pero ambos nos permiten conocer el otro idioma, traduciendo el texto a la lengua del compañero. Silvia nos ofrece los textos de Pedro en portugués y Pedro, los de Silvia en español.

Ambos autores comparten sus textos con todo el mundo en su perfil de Facebook “Espacio del Escritor” y en la web literaria “espaciodelescritor.com”.

Para mí ha sido un placer acompañarlos en este camino que sé solo es el principio.

José Manuel Lusilla

Em um canto silencioso da passagem do tempo, duas almas que acumularam mais histórias do que os anos podem contar, entrelaçam-se em um abraço literário. Nestas páginas, Pedro Rivera Jaro e Silvia C.S.P. Martinson, dois viajantes incansáveis pelos caminhos da vida, nos guiam com maestria e paixão através das paisagens da prosa e do verso.

Pedro Rivera, com a sabedoria dos dias vividos, tece palavras em sua prosa com a paciência do artesão que dá forma a um antigo relógio de corda. Seus relatos, como fios que conectam momentos, nos envolvem em uma nostalgia serena e nos convidam a contemplar o universo a partir de suas perspectivas únicas. As palavras de Pedro Rivera são uma ponte que une o passado e o presente, nos levando a mundos que somente ele pode pintar com sua pena.

Silvia C.S.P. Martinson, por sua vez, entrelaça o tempo em versos que fluem como riachos que encontraram seu curso. Suas poesias são como flashes de luz que atravessam as folhas de uma floresta antiga, revelando emoções e pensamentos que pulsam no âmago da alma. Em cada verso, Silvia C.S.P. Martinson nos convida a explorar o mistério da vida a partir de ângulos incomuns, lembrando-nos que a poesia é a língua das emoções que frequentemente ficam sem palavras.

Quatro Esquinas/Quatro Cantos é mais do que uma colaboração literária; é um encontro de duas visões que testemunharam amores e despedidas, alegrias e tristezas, e que ousam compartilhar sua sabedoria e sensibilidade conosco. À medida que nos aprofundamos nessas páginas, não

apenas descobrimos o talento de dois escritores, mas também a riqueza da experiência vivida e a beleza que emana das palavras bem tecidas.

Que este livro seja um lembrete de que a criatividade e a paixão pela escrita não conhecem limites de idade, e que cada página nos inspire a apreciar a vida em todas as suas manifestações, desde os sussurros do vento até as batidas de nossos próprios corações.

Os artigos e poemas de Pedro e Silvia estão escritos em suas línguas maternas: Silvia em português e Pedro em espanhol, mas ambos nos permitem conhecer a outra língua, traduzindo o texto para a língua do companheiro. Silvia nos oferece os textos de Pedro em português e Pedro, os de Silvia em espanhol. Ambos os autores compartilham seus textos com o mundo em seu perfil no Facebook "Espacio del Escritor" e no site literário "espaciodelescritor.com".

Foi um prazer para mim acompanhá-los neste caminho que sei que é apenas o começo.

José Manuel Lusilla

Quatro cantos

Sílvia C.S.P. Martinson

Na casa em que habito,

há uma sala ampla e ensolarada.

Tem ela quatro cantos,

! todos eles são moradas !

Num se esconde a Saudade,

n'outro coabita a Alegria...

Num terceiro o Desejo,

No quarto: a Fantasia e a Poesia.

É incrível! Convivem todos quatro

Em perfeita harmonia!

A guarnecer dita sala,

há um tapete velho e um sofá,

onde me pego, as vezes,

a dormir ou a meditar...

A Saudade, sempre sorrateira,

tenta a sala invadir,

fazer dela seu império

pra depois...Me destruir!

Rápida me antecipo e me livro,

jogando-a pra debaixo do tapete,

onde lá fica, maliciosa, a sussurrar!

De seu canto então,

Contumaz a Alegria,

Intenta a tudo conquistar;

exacerba-se e, sem pudor, convida

o Desejo pra com ele acasalar...

Irada, aos dois expulso,

pra debaixo do tapete;

qundo então, continuam a resmungar...

Resta o último e quarto canto,

onde povoam e se mantiveram

em silêncio. E delas?! Sei-o tanto!

Acordam-se; dão-se as mãos

e soberanas reinam, agora,

todas duas: a Fantasia que

me enleva, me envolve e transporta,

diáfana e célere ao abraço

dos braços, poderosos, amigáveis,

amorosos e iluminados da: Poesia.

Cuatro esquinas

Sílvia C.S.P. Martinson. Traducido al español en por Pedro Rivera Jaro

En la casa donde vivo

hay una habitación amplia y soleada.

Tiene ella cuatro esquinas

¡todas son viviendas!

En una se esconde Nostalgia.

En una otra cohabita la Alegría...

En una tercera, el Deseo,

en la cuarta: la Fantasía y la Poesía.

¡Es increíble!

Las cuatro coexisten

en perfecta armonía!

Acondicionando esta habitación,

hay una alfombra vieja y un sillón

donde a veces me sorprendo

a dormir o meditar...

Nostalgia, siempre furtiva

intenta invadir la habitación,

Para hacer de ella su imperio

para luego... ¡destruirme!

Rápidamente me anticipo y me deshago de ella

arrojándola por debajo de la alfombra,

donde se queda, maliciosa, susurrando.

Desde su esquina entonces,

la Alegría es contumaz,

intenta conquistarlo todo

e invita descaradamente

al Deseo de acostarse con él...

Enfadada, las echo a las dos

por debajo de la alfombra;

cuando luego, siguen refunfuñando...

Queda la última y cuarta esquina

donde pueblan y permanecen

en silencio. ¿Y de ellas? ¡Sé tanto!

Se despiertan; se cogen de la mano

y reinan ahora soberanas, las dos:

La Fantasía que

me embelesa, me envuelve y me transporta

diáfana y veloz al abrazo

de los brazos, poderosos, amistosos

amorosos e iluminados de la Poesía.

Bairro II

Sílvia C.S.P. Martinson

Sentada aqui na praia, sozinha, junto à natureza que me envolve e tranquiliza, volto ao passado e às lembranças boas que trago de minha infância, no bairro em que cresci.

São boas lembranças, alegres e às vezes melancólicas, como ocorre a todos nós que tivemos a alegria de viver.

Na minha rua – e chamo de minha porque fui das primeiras que ali nasceram – havia muitos vizinhos e amigos.

Os adultos trabalhavam cada um em sua especialidade e aptidão ou no emprego que conseguiam em face da escassez de oportunidades àquela época.

Quanto a nós, quando em férias da escola, dormíamos até mais tarde, o tanto quanto nossas mães o permitissem e às vezes com o beneplácito de tomar o café na cama nos dias mais frios – na minha terra faz muito frio no inverno – o que era o máximo da alegria para nós.

O café vinha contido em uma garrafa de refrigerante grande, com um bico de mamadeira na ponta, como se fossemos pequenos bebê.

O perigo era grande de: por entre as brincadeiras, na cama, que fazíamos, minha irmã e eu e que normalmente se tratavam de proezas arriscadas como imitar artistas de circo, o que por mais de uma vez fez com que entornássemos o líquido na cama, enxovalhando assim cobertas, travesseiros, lençóis e a nós mesmas.

Éramos muito ativas e as férias era o período anual, afora a expectativa do Natal, da Páscoa e de nossos aniversários, a época mais esperada do ano.

Naquela época não havia o hábito e nem dinheiro para presentear com brinquedos às crianças fora das datas acima mencionadas.

Passávamos o tempo entre estas ocasiões especiais, fora às necessidades normais de aquisição de roupas, sapatos e uniformes, que em princípio deveriam durar todo ano, sem ganhar qualquer presente.

Minha mãe costurava muito bem, era modista, então as roupas feitas por ela, mesmo que crescêssemos, duravam por muito tempo.

Os sapatos quando estavam mais gastos eram levados ao sapateiro para que os arrumasse e os mesmos continuavam a servir mais um pouco até o crescimento normal do pé, quando então eram substituídos.

Vizinhos e amigos se respeitavam normalmente, cada um seguindo seus hábitos quotidianos.

As conversas entre eles se davam longe das crianças, (quando eram importantes) as quais não eram consideradas suficientemente adultas para delas participarem, até porque, naquele tempo, seria considerada uma falta de respeito e sinal de má educação uma criança interferir em um diálogo entre os mais velhos.

Éramos crianças, brincávamos, estudávamos, apanhávamos nossas justas palmadas e reprimendas quando merecíamos.

No entanto, acima de tudo, éramos felizes.

Barrio II

Silvia C.S.P. Martinson. Traducido al español por Pedro Rivera Jaro

Sentada aquí en la playa, sola, junto a la naturaleza que me rodea y tranquiliza, vuelvo al pasado y a los buenos recuerdos que traigo de mi infancia en el barrio donde crecí.

Son buenos recuerdos, alegres y a veces melancólicos, como nos pasa a todos los que tuvimos la alegría de vivir.

En mi calle -y la llamo mía porque fui uno de los primeros en nacer allí- había muchos vecinos y amigos.

Los adultos trabajaban cada uno en su especialidad y habilidad, o en los trabajos que podían conseguir, dada la escasez de oportunidades en aquella época.

En cuanto a nosotros, cuando estábamos de vacaciones en la escuela, dormíamos hasta tarde, todo lo que nuestras madres nos permitían, y a veces con la benevolencia de tomar café en la cama en los días más fríos -en mi pueblo hace mucho frío en invierno-, lo que era la mayor alegría para nosotros.

El café venía en una gran botella de refresco, con un pico de botella en el extremo, como si fuéramos bebés.

El peligro era grande: entre los juegos de cama que hacíamos mi hermana y yo, que solían ser acrobacias arriesgadas como imitar a artistas de circo, derramábamos el líquido sobre la cama más de una vez, rozando así las mantas, las almohadas, las sábanas y a nosotros mismos.

Éramos muy activos y las vacaciones eran el periodo anual, además de la expectación de la Navidad, la Semana Santa y nuestros cumpleaños, el momento más esperado del año.

En aquella época no había ni costumbre ni dinero para regalar juguetes a los niños fuera de las fechas mencionadas.

Pasamos el tiempo entre estas ocasiones especiales, aparte de las necesidades normales de comprar ropa, zapatos y uniformes, que en principio deberían durar todo el año, sin recibir ningún regalo.

Mi madre cosía muy bien, era una modista, así que la ropa que hacía, aunque creciéramos, duraba mucho tiempo.

Los zapatos, cuando se gastaban, se llevaban al zapatero para que los arreglara y seguían ajustándose un poco más hasta el crecimiento normal del pie, cuando se sustituían.

Los vecinos y amigos se respetaban con normalidad, cada uno seguía sus costumbres cotidianas.

Las conversaciones entre ellos tenían lugar lejos de los niños (cuando eran importantes), a los que no se consideraba lo suficientemente adultos como para participar en ellas, porque en aquella época se consideraba una falta de respeto y un signo de mala educación que un niño se inmiscuyera en una conversación entre mayores.

Éramos niños, jugábamos, estudiábamos, recibíamos nuestros justos azotes y reprimendas cuando los merecíamos.

Pero, sobre todo, fuimos felices.

Bons tempos

Sílvia C.S.P. Martinson

Não vivo a relembrar o passado como se fosse o melhor tempo de minha existência.

Mas às vezes algumas lembranças voltam à mente e me fazem sorrir ao recordar.

Penso que vivemos agora uma nova e maravilhosa vida em relação a conforto e tecnologia nunca imaginada por nossos pais, especialmente para as mulheres de então.

Infelizmente em face de tantos outros fatores uma grande maioria das pessoas, no mundo, passa fome e não têm nem suas necessidades básicas, como seres humanos, atendidas e supridas.

Mas, abstraindo-me de tudo isto vou narrar um pequeno fato que ficou marcado em minha memória e que faz juz ao título desta narrativa.

Éramos crianças.

Minha mãe trabalhava em casa muitíssimo. Era modista conhecida e reconhecida por seu trabalho impecável. Tinha excelente clientela.

Nossa casa era grande e confortável para a época e à classe social a qual pertencíamos, graças ao trabalho de meus pais. Não éramos ricos, porém não nos faltava comida à mesa, roupas e calçados modestos sempre limpos e principalmente acesso à educação e ao estudo.

Deixando as divagações de lado vou, enfim contar o que se passou.

Minha mãe trabalhava em suas costuras e nós estávamos no pátio a brincar.

Era verão.

Naquela época não se tinha o hábito de trancar as portas da casa que davam para a rua.

As pessoas eram respeitosas.

Brincávamos distraídas por quase toda manhã e quando voltamos para dentro de casa para almoçar minha mãe mandou que lavássemos as mãos para comer.

A sala de estar da casa era contígua a de jantar e a cozinha e nela havia duas poltronas e um sofá grande e confortável.

Assim que nos sentamos para comer olhamos, não sei por que, para a sala de estar.

E para surpresa nossa havia uma pessoa – de onde podíamos divisar – simplesmente deitada no grande sofá da sala de estar.

Era um homem.

Aos gritos chamamos nossa mãe que acorreu pressurosa para ver o que estava acontecendo, quando também se deparou com aquele estranho em nossa casa.

Ela então se aproximou do sofá e viu que a criatura dormia e também cheirava a aguardente.

Ela era valente

Sacudiu o homem com cuidado e o acordou lhe perguntando o que fazia ali.

Ele balbuciou, semiembriagado, que estava cansado, com fome e que a porta da casa estava aberta e por isso havia entrado.

Disse que estava desempregado e com muita fome.

Minha mãe lhe disse que não poderia entrar nas casas assim.

Nós crianças estávamos com medo, porém mamãe além de valente era uma mulher caridosa e se apiedou do pobre miserável. Disse que lhe daria comida.

E assim o fez.

Preparou um bom prato de feijão com arroz, carne e uma salada que serviu à parte.

Mandou-o sentar a mesa e o serviu.

Lembro bem...

O pobre homem esfaimado comeu avidamente e após foi sentar-se no sofá novamente.

Mamãe então com toda paciência e por que não dizer prudência, lhe falou que ali não poderia permanecer haja vista que seu marido estava por retornar do serviço e certamente não gostaria dessa situação.

Ele compreendeu, se levantou e ajudado por minha mãe, pois que se encontrava ainda trôpego pela bebida, foi conduzido até a rua.

Seguiu seu caminho. Nunca mais o vimos.

Após o que a porta que dava para o jardim e conduzia à rua foi fechada naquele dia com a chave.

Desde então se criou o hábito de manter a porta fechada sempre.

Bons tempos aqueles em que tínhamos paz, não havia trancas tampouco telefones para chamar a polícia.

No entanto as pessoas não eram agressivas e a maldade não estava tão disseminada, pelo menos na minha cidade.

Bons tempos aqueles...

Buenos tiempos

Silvia C.S.P. Martinson. Traducido al español por Pedro Rivera Jaro

No vivo para recordar el pasado como si fuera la mejor época de mi existencia.

Pero a veces algunos recuerdos vuelven a mi mente y me hacen sonreír al recordarlos.

Creo que ahora vivimos una vida nueva y maravillosa en relación con el confort y la tecnología, nunca imaginada por nuestros padres, especialmente para las mujeres de aquella época.

Desgraciadamente, debido a otros muchos factores, la inmensa mayoría de la población mundial pasa hambre y no ve cubiertas ni siquiera sus necesidades básicas como seres humanos.

Pero, dejando a un lado todo esto, voy a narrar un pequeño hecho que ha quedado grabado en mi memoria y que hace justicia al título de esta narración.

Éramos niños.

Mi madre trabajaba mucho en casa. Era una modista muy conocida por su impecable trabajo. Tenía una clientela excelente.

Nuestra casa era grande y cómoda para la época y la clase social a la que pertenecíamos, gracias al trabajo de mis padres. No éramos ricos, pero teníamos mucha comida en la mesa, ropa modesta y zapatos siempre limpios, y sobre todo acceso a la educación y el estudio.

Dejando a un lado mis divagaciones, les contaré por fin lo que ocurrió.

Mi madre estaba cosiendo y nosotros estábamos en el patio jugando.

Era verano.

En aquella época no era costumbre cerrar con llave las puertas de la casa que daban a la calle.

La gente era respetuosa.

Jugamos distraídos durante casi toda la mañana y cuando volvimos a entrar en casa para comer mi madre nos dijo que nos laváramos las manos antes de comer.

El salón de la casa estaba junto al comedor y la cocina y había dos sillones y un sofá grande y cómodo.

En cuanto nos sentamos a comer miramos, no sé por qué, hacia el salón.

Y para nuestra sorpresa había una persona -por lo que veíamos- simplemente tumbada en el gran sofá del salón.

Era un hombre.

Gritando, llamamos a nuestra madre, que corrió a ver qué pasaba, cuando también encontró a aquel desconocido en nuestra casa.

Entonces se acercó al sofá y vio que la criatura dormía y también olía a brandy.

Ella era valiente

Sacudió al hombre con cuidado y lo despertó preguntándole qué hacía allí.

Balbuceó, medio avergonzado, que estaba cansado, hambriento y que la puerta de la casa estaba abierta y por eso había entrado.

Dijo que estaba en paro y muy hambriento.

Mi madre le dijo que no podía entrar así en las casas.

Los niños teníamos miedo, pero mi madre, además de valiente, era una mujer caritativa y se apiadó del pobre desgraciado. Dijo que le daría comida.

Y así lo hizo.

Preparó un buen plato de alubias con arroz, carne y una ensalada que se sirvió aparte.

Le ordenó que se sentara a la mesa y le sirvió.

Recuerdo bien...

El pobre hambriento comió con avidez y luego fue a sentarse de nuevo en el sofá.

Mamá entonces con toda paciencia y por qué no decir prudencia, le dijo que no podía quedarse allí ya que su marido volvía del trabajo y seguramente no le gustaría esta situación.

Lo comprendió, se levantó y ayudado por mi madre, ya que aún se tambaleaba por la bebida, lo condujeron a la calle.

Siguió su camino. Nunca lo volvimos a ver.

Ese día, la puerta del jardín que daba a la calle estaba cerrada.

Desde entonces se tomó la costumbre de mantener la puerta cerrada en todo momento.

Los buenos tiempos eran aquellos en los que teníamos paz, no había cerraduras ni teléfonos para llamar a la policía.

Sin embargo, la gente no era agresiva y el mal no estaba tan extendido, al menos en mi ciudad.

Buenos tiempos aquellos...

BUSCA

Sílvia C.S.P. Martinson

Longa estrada, também a caminhada,

a andarilha do tempo

palmilhou com denodo,

por entre risos e lágrimas

cada canto, cada espaço.

Das experiências bem vividas,

de todas elas, mesmo que sofridas

aproveitou-as para não desesperar.

Seguiu confiante e na esperança

de finalmente encontrar o tesouro

por tanto tempo escondido.

Aquele que julgava perdido,

aquele que disfarçado estava

por trás de cada máscara,

por trás de cada fato.

Por todo caminho trilhado

não o havia notado acantonado

e que silencioso se encontrava,
a espera de lhe mostrar que, em seu coração,
sempre estivera na forma e visão
da sabedoria que traz o dia a dia,
que é viver, amar e ser feliz.

BUSCAR

Silvia C.S.P. Martinson

Traducido al español por Pedro Rivera Jaro

El camino es largo, también la caminata,

el caminante del tiempo

pisado con devoción

entre risas y lágrimas

Cada rincón, cada espacio.

De experiencias bien vividas,

De todos ellos, aunque hayan sufrido

Aprovechó para no desesperar.

Siguió adelante con confianza y con la esperanza

para encontrar por fin el tesoro

escondido durante tanto tiempo.

La que creía perdida,

el que en el disfraz era

detrás de cada máscara

detrás de cada traje.

A lo largo del camino

No se le había dado cuenta de que acurrucado
y que estaba callado,
aguardando mostrarle que en su corazón
siempre había estado en la forma y la visión
de la sabiduría que día a día trae
que es vivir, amar y ser feliz.

CANÇÕES

SÍLVIA C.S.P. MARTINSON

Canção de pássaro

morto na alçada

do voo que liberta,

tal qual guerreiro oprimido,

que se desacorrenta

e audaz,

inocente,

levanta a espada

pela última vez.

Canção de pobre

rastejante andrajo,

de gente esquecida,

pois humana não é.

Passou das escadas

e na vida não conta.

O zero lhe é muito

e em nada se faz.

Canção de inconscientes

e falazes, de egoístas

e traidores,

são a nata e a ralé

de toda a sociedade.

Com esquadro

não se medem,

e na tortuosidade

se integram.

Canção de todos

os bons

que trabalham e enobrecem,

que constroem,

baseificam e enaltecem

os sentimentos mais puros

e as ações mais retas

em benefício do Homem,

da verdade e do amor.

Canção de todos,

para todos,

é a vida que surge

sedenta, nos olhos
da criança em flor,
pródiga e boa
em cada dia
que nasce, para o fitar
de um sonhador.

CANCIONES

SÍLVIA C.S.P. MARTINSON

Traducido al español por PEDRO RIVERA JARO

Canto de los pájaros

muerto en el ala

del vuelo que libera,

como un guerrero oprimido

que se desencadena

y audaz,

inocente,

levanta su espada

por última vez.

Canción de los pobres

andrajo rastrero,

de personas olvidadas,

porque no son humanos.

Han cruzado la línea

y en la vida no cuenta.

Cero es demasiado para él

y no es nada.

Canción del inconsciente

y falaz, de egoístas

y traidores,

son la crema y la escoria

de toda la sociedad.

Con un cuadrado fijo

no se miden,

y en tortuosidad

encajan entre sí.

Canción de todos

los buenos

que trabajan y ennoblecen,

que construyen

basar y exaltar

los sentimientos más puros

y las acciones más rectas

en beneficio del Hombre,

de verdad y amor.

La canción de todos,

para todos.

Es la vida que surge

sediento, en los ojos

del niño en flor,

pródiga y buena

cada día

Que nace, a la mirada

de un soñador.

DESTINO DE POETA

Sílvia C.S.P. Martinson

Por que deve o Poeta versejando

somente a dor cantar?

Se pode do passarinho,

abrigado em seu ninho,

a vivacidade, o encanto,

o carinho no trato

da companheira e do filhinho

nos contar?!

Lúdicos momentos a descrever:

das matinadas até o entardecer,

há matizes, nuanças, perfumes,

a envolver o real e o imaginário.

Da alegria audaz,

irreverente, dos jovens amantes

ao arrefecer, vibrante, da maturidade,

sua pena há que discorrer!

Cantará, sem dúvida, o sorriso,

ingênuo, da criança...

O destino e a despedida

do velho que, da noite, caminha

para um novo alvorecer!

Ousará traçar em rimas

o vento a embalar as campinas...

O som da água,

pelas pedras, da fonte, a escorrer...

O chilreio de canoras,
anunciando o amanhecer!

O coaxar dos sapos, na ravina
serenada, ao luar..

As noites tépidas, a brisa fina
a agitar, da onda, a branca espuma
que vai na areia se espraiar.

E ao Poeta e seu destino?

Em despedida... Só lhe cabe... Versejar!

DESTINO DE POETA

Sílvia C.S.P. Martinson

Traducido al español por Pedro Rivera Jaro

¿Por qué debe el poeta componer versos?

¿Solo para cantar al dolor

Si puede del pajarito

protegido en su nido

la vivacidad, el encanto

el tierno cuidado

de su compañera y su hijo

contarnos?

Momentos lúdicos para describir,

desde el amanecer hasta el atardecer,

hay matices, matices, perfumes

envolviendo lo real y lo imaginario.

De la alegría atrevida,

irreverente, de jóvenes amantes

por el envejecer de la madurez

¡su pluma debe discurrir!

Cantará, sin duda, la sonrisa

ingenua del niño...

El destino y la despedida

del anciano que, desde la noche, camina

por un nuevo amanecer.

Se atreverá a trazar en rima

el viento meciendo los prados...

El sonido del agua,

a través de las piedras, de la fuente, fluyendo...

el gorjeo de los cantores pájaros

anunciando el amanecer,

el croar de las ranas en el barranco,

dando una serenata a la luz de la luna...

Las noches tibias; la fina brisa

revolviendo la espuma blanca de la ola

que se va en la arena a derramar.

¿Y al Poeta y su destino?

En la despedida...

Todo lo que puede hacer es...

componer versos.

O CAÇADOR

Sílvia C.S.P. Martinson

Elas cruzavam o ar em bandos.

Altaneiras voavam, sem preocupação, ao seu destino. Belas, as plumas alinhadas, aproveitando o vento que as auxiliava em seu mister.

Ele, confiante caminhava, experiente e sorrateiro, por entre árvores, arbustos e plantas rasteiras.

A nada temia e acreditava que com a larga experiência que tinha por certo nada de mal lhe aconteceria.

Matara a tantos e tantas e a alguns, como recordação, empalhara. Sabia fazê-lo com perfeição.

Alguns vendera a outros aficionados como ele.

Então alheio e indiferente a outros perigos que porventura adviessem de seus propósitos, assim andava pela floresta.

Espreitava e observava qual seria a melhor posição para, com correta pontaria, acertar na caça a que se propunha alcançar e matar.

Não tinha fome, fazia-o simplesmente por esporte, por prazer.

Os pássaros de beleza inigualável voavam indiferentes, inocentes em sua direção.

A espingarda estava carregada e nela a munição adedremente preparada somente aguardava a hora propícia para disparar.

A grande ursa que voltara da hibernação, com fome e necessitada de alimentar as crias de longe observava, aguardando a oportunidade de atacar.

Aos filhotes, lindos, tal qual a mãe, os gerara feliz e com cuidado, seriam eles a continuação de sua espécie já tão devastada pelo homem, teria que alimentá-los fosse como fosse. Seu instinto de preservação estava fortemente presente neste instante.

Aguardava...

O homem escondeu-se em uma moita de capim alto a fim de que não se lhe percebesse a presença.

Os pássaros já se encontravam perto, quase ao alcance da mira.

Preparou-se, engatilhou a espingarda que era de cano duplo, calculou o ângulo de tiro e esperou a maior proximidade das presas.

Pretendia matar algumas.

Eis o momento. È agora pensou.

Apertou o gatilho, a arma disparou.

A ursa sorrateiramente, silenciosamente se aproximou.

Incrivelmente, pela primeira vez, na longa vida de caçador, errou o tiro.

Com o estampido as aves se assustaram e alçaram o voo para mais alto e rapidamente sumiram na distância.

A ursa se aproximou mais ainda. A hora era agora. Calculou o bote.

O homem estava distraído recarregando de cartuchos à arma.

Ela pretendia atingir-lhe a jugular, abatendo-o de imediato e a sangrar. Já gozava de antemão o cheiro delicioso do sangue a escorrer abundantemente e das tripas que lhe

ia expor, dos órgãos que haveriam de saciar a si e aos filhotes da fome, certamente por vários dias.

Neste momento o homem virou-se e a viu.

No entanto não havia de todo carregado a arma e pensou o que fazer nestas circunstâncias.

Em fração de segundos lhe ocorreu gritar a plenos pulmões. E o fez.

Seu grito de desespero foi tão estridente quanto potente. Ressoou por toda mata.

O animal assustado recuou, correu e na floresta embrenhou-se com fome a procurar outra caça mais acessível.

O dia continuava perfeito.

O céu azul, as árvores verdes deitando sobre a terra sua sombra amiga contaram que: definitivamente, aquele não era um dia destinado a nenhum caçador.

Infelizmente para os dois.

EL CAZADOR

Silvia C.S.P. Martinson Traducido al español por Pedro Rivera Jaro

Cruzaron el aire en bandadas.

Volando, sin miramientos, se dirigieron a su destino. Hermosas, sus plumas alineadas, aprovechando el viento que las ayudaba en su misión.

Él, confiado, experimentado y escurridizo, caminaba entre árboles, arbustos y maleza.

No temía nada y creía que con su vasta experiencia no le pasaría nada malo.

Había matado a muchas de ellos y había disecado algunas como recuerdo.

Supo hacerlo con perfección. Algunas las vendió a otros aficionados como él.

Así, ajeno e indiferente a otros peligros que pudieran surgir de sus propósitos, caminaba por el bosque. Miraba a su alrededor y observaba cuál era la mejor posición para poder apuntar correctamente a la caza que se proponía alcanzar y matar.

No tenía hambre, lo hacía simplemente por deporte, por placer.

Los pájaros de belleza inigualable volaban indiferentes, inocentes en su dirección.

La escopeta estaba cargada y la munición, hábilmente preparada. Solo esperaba el momento adecuado para disparar.

La gran osa que había regresado de la hibernación, hambrienta y necesitada de alimentar a sus cachorros, observaba desde lejos, esperando la oportunidad de atacar.

Los cachorros, hermosos, al igual que su madre, los había parido felizmente y con cuidado, serían la continuación de su especie ya tan devastada por el hombre.

Tendría que alimentarlos como fuera. Su instinto de conservación estaba fuertemente presente en este instante.

Esperó...

El hombre se escondió en un matorral de hierba alta para que no se notara su presencia.

Los pájaros ya estaban cerca, casi a tiro.

Se preparó, amartilló su escopeta de doble cañón, calculó el ángulo de tiro y esperó a que la presa se acercara.

Tenía la intención de matar a algunos.

Este fue el momento. Esto es todo, pensó.

Apretó el gatillo y el arma se disparó.

La osa se acercó astutamente y en silencio.

Increíblemente, por primera vez en su larga vida de cazador, falló.

Al oír el chasquido de la escopeta, los pájaros se asustaron y levantaron el vuelo, desapareciendo rápidamente en la distancia.

La osa se acercó aún más. El momento era ahora. Calculó el tiro.

El hombre estaba distraído recargando cartuchos en su escopeta.

Pretendía darle en la yugular, derribándolo inmediatamente y desangrándolo. Ya estaba disfrutando delicioso olor de la sangre que fluía profusamente y de las vísceras que estaba a punto de exponer, los órganos que la saciarían a ella y a sus crías del hambre, seguramente durante varios días.

En ese momento el hombre se volvió y la vio.

Sin embargo, no había cargado su arma y se preguntaba qué hacer en estas circunstancias.

En una fracción de segundo se le ocurrió gritar a todo pulmón. Y lo hizo.

Su grito de desesperación fue tan fuerte como poderoso. Resonó en todo el bosque.

El animal, asustado, retrocedió, corrió y se internó hambriento en el bosque en busca de caza más accesible.

El día seguía siendo perfecto.

El cielo azul, los árboles verdes que proyectaban su amable sombra sobre la tierra decían que, definitivamente, aquel no era un día destinado a ningún cazador.

Por desgracia para ambos.

O SOLITÁRIO

Sílvia C.S.P.Martinson

É verão.

Vejo-o sentado muito cedo na praia, todos os dias.

Meia idade. Bem conservado. Boa aparência. Sempre de calção vermelho e camiseta branca.

Senta-se sempre no mesmo lugar na areia, atrás do salva-vidas.

Não o vejo conversar com ninguém nunca.

Fuma seu cigarro e toma seu refrigerante olhando para o infinito como se pudesse transportar-se para terras longínquas.

Não resisto à curiosidade, há tempo o observo, e vou lhe falar.

Talvez não me receba bem.

Tentarei.

Enganei-me, ao contrário me recebeu bem.

Perguntei-lhe porque passara todo o verão sentado sempre no mesmo lugar e sem falar com ninguém.

Pedi-lhe de antemão desculpas pela intromissão.

Respondeu-me que a ele lhe fazia bem a solidão. Que vinha sempre pela manhã para aproveitar o sol e banhar-se no mar.

Disse-me que é argelino.

Perguntei-lhe se não tem amigos aqui na Espanha.

Respondeu que os tem e muitos, todavia que a solidão e a quietude das manhãs lhe dão prazer.

Sorriu às minhas perguntas e com uma pronúncia um tanto carregada, por seu idioma natal, ainda acrescentou:

- Sou uma pessoa normal, vivo neste país há alguns anos e aqui tenho meu trabalho, minha família e muitos amigos.

E continuou:

- Venho cedo a praia para banhar-me e depois retornar à casa, tomar uma ducha e seguir para o trabalho.

Fiquei envergonhada de perguntar-lhe sobre sua profissão. Seria muita indiscrição de minha parte.

Não sei se é imaginação minha, intuição, sei lá o que. Porém a mim me parece que abaixo daquele sorriso enigmático há mais histórias a serem contadas.

Quando emigras de teu país e vais a terras estranhas, em busca de novas oportunidades, normalmente, deixas para trás algumas más, às vezes e outras tantas boas lembranças.

Quem sabe outro dia eu consiga, verdadeiramente, saber mais.

Se isso importa...

Será?

Talvez.

EL SOLITARIO

Silvia C.S.P.Martinson Traducido al español por Pedro Rivera Jaro

Es verano.

Lo veo sentado muy temprano en la playa todos los días.

De mediana edad. Bien conservado. Es muy guapo. Siempre con pantalones cortos rojos y una camiseta blanca.

Siempre se sienta en el mismo lugar en la arena, detrás del socorrista.

No le veo hablar con nadie nunca.

Fuma su cigarrillo y bebe su refresco mirando al infinito, como si pudiera transportarse a tierras lejanas.

No puedo resistir mi curiosidad, lo he estado observando durante un tiempo, y voy a hablar con él.

Tal vez no me reciba bien.

Lo intentaré.

Me equivoqué, al contrario, me recibió bien.

Le pregunté por qué se había pasado todo el verano sentado en el mismo sitio y sin hablar con nadie.

Me he disculpado de antemano por la intromisión.

Me contestó que la soledad era buena para él. Siempre venía por la mañana para disfrutar del sol y bañarse en el mar.

Me dijo que era argelino.

Le pregunté si tenía amigos aquí en España.

Respondió que tiene muchos, pero que la soledad y las mañanas tranquilas le dan placer.

Sonrió ante mis preguntas y con un acento bastante marcado, debido a su lengua materna, añadió

- Soy una persona normal, vivo en este país desde hace algunos años y aquí tengo mi trabajo, mi familia y muchos amigos.

Y continuó:

- Vengo a la playa temprano para bañarme y luego vuelvo a casa, me ducho y me voy a trabajar.

Me daba vergüenza preguntarle por su profesión. Sería muy indiscreto por mi parte.

No sé si es mi imaginación, intuición o lo que sea, pero me parece que bajo esa enigmática sonrisa hay más historias que contar.

Cuando uno emigra de su país y se va a tierras extrañas, en busca de nuevas oportunidades, suele dejar atrás algunos malos, y a veces buenos, recuerdos.

Quién sabe, otro día puede que sepa más de verdad.

Si importa...

¿Es así?

Tal vez.

O Tubarao

Sílvia C.S.P. Martinson

Ele andava pela praia, caminhava lentamente.

A paisagem lhe fazia bem, enchia-lhe os olhos e o coração de prazer.

Observava a tudo e a todos com atenção.

As mulheres lhe atraiam sobremaneira.

Morenas, loiras, vermelhas de pelos, da cor da pele nem se fala, negras, amarelas ou brancas, todas lhe faziam falta.

Palmo a palmo perscrutava o espaço preenchido pelos corpos na areia.

Parou um pouco em um bar das cercanias.

O calor era intenso.

Pediu uma cerveja de grifo.

Ela veio ao ponto, bem gelada.

Sorveu com legítimo prazer, gole a gole, vagarosamente, deixando o líquido escorrer pela garganta, como se fora a última vez.

Pagou a conta.

Saiu.

Voltou à praia, continuava sedento, porém desta vez de outras sensações...

Enfim vislumbrou-a. Era o que pretendia.

Ela estava deitada na esteira, era jovem, o corpo simplesmente escultural, que exposto ao sol apresentava uma cor de canela decorrente do bronzeamento.

Ela o olhou. Seus olhos verdes reluziram como as águas do mar.

Era linda.

Ele de imediato sentiu seu corpo ericar-se, o sangue correu mais ligeiro, o coração palpou ante a perspectiva de tê-la como sua.

Achegou-se como sempre o fazia quando tentava conquistar uma mulher.

Sentou-se ao seu lado e com um sorriso sedutor deu-lhe um:

- Bom dia!

Ela sorriu.

O telefone tocou, era o dela.

Ela atendeu a chamada e disse:

- Bom dia meu amor. Sim aqui estou, a tua espera. Por favor, não tardes.
Desejo-te. Te quero sempre!

Ele acarbrunhado levantou-se, não insistiu, despediu-se com um adeus tristonho.

A caça havia escapado.

O tubarão faminto, destroçado, saiu em busca de outras presas.

Talvez ainda, naquele dia, quem sabe, as encontrasse.

El Tiburón

Silvia C.S.P. Martinson. Traducido al español por Pedro Rivera Jaro

Iba caminando por la playa, andando lentamente.

El paisaje le hacía bien, le llenaba los ojos y el corazón de placer.

Observaba todo y a todos con atención.

Las mujeres le atraían mucho.

Morenas, rubias, pelirrojas, del color de su piel ni hablar, negras, amarillas o blancas, las echaba de menos a todas.

De palmo en palmo escudriñó el espacio que ocupaban los cuerpos en la arena.

Se detuvo un rato en un bar cercano.

El calor era intenso.

Pidió una caña.

Llegó directamente, muy fría. La bebió con auténtico placer, sorbo a sorbo, lentamente, dejando que el líquido corriera por su garganta, como si fuera la última vez.

Pagó la cuenta.

Se fue.

Volvió a la playa, todavía sediento, pero esta vez de otras sensaciones...

Por fin la vislumbró. Eso era lo que quería.

Estaba tumbada en la estera, era joven, su cuerpo simplemente escultural, que, expuesto al sol, tenía un color canela debido al bronceado.

Ella lo miró. Sus ojos verdes brillaban como las aguas del mar.

Era hermosa.

Inmediatamente sintió que su cuerpo se tensaba, su sangre corría más rápido, su corazón palpitaba ante la perspectiva de tenerla como propia.

Se acercó a ella como siempre que intentaba conquistar a una mujer.

Se sentó a su lado y con una sonrisa seductora le dio un:

- ¡Buenos días!

Ella sonrió.

El teléfono sonó, era el suyo.

Respondió a la llamada y dijo:

- Buenos días, mi amor. Sí, aquí estoy, esperándote. Por favor, no llegues tarde. Te quiero a ti. ¡Te quiero siempre!

Se levantó disgustado, no insistió, se despidió con un triste adiós.

La caza se había escapado.

El hambriento tiburón, destrozado, se fue en busca de otras presas.

Tal vez ese día, aún, quién sabe, las encuentre.

EXPURGO

SÍLVIA C.S.P. MARTINSON Traduzido ao espanhol por PEDRO RIVERA JARO

Se veio a procurar, do passado,

a mim? Não me encontrou.

O que eu era antes, ora, já não sou.

Nem você é o que foi... Somos nós,

pálidos, belos resquícios

de uma juventude que findou.

Rugas, - dos dissabores surgidos

na caminhada – tão somente,

auferidas, marcadas na face,

n'alma sentidas, das experiências

nem sempre ditosas, vividas

por nós, calcadas em nós,

por nós esculpidas!

Eu sou, o que fui, o que sou

E não sei se serei!

Você é alguém que ficou,

no tempo lembrado, daquele passado...

Daquele que tanto e porque tanto sonhei...

E hoje?

Nada mais é!

EXPURGO

SÍLVIA C.S.P. MARTINSON Traducido al español por PEDRO RIVERA JARO

Si me has venido buscando, desde el pasado

no me has encontrado.

Lo que era antes, ya no lo soy.

Tampoco eres lo que eras... Nosotros somos nosotros,

pálidos y hermosos restos

de una juventud que ha terminado.

Arrugas, - de los problemas que surgieron

en nuestro viaje - así,

calibrado, marcado en la cara,

que se siente en el alma, de las experiencias

No siempre feliz, vivido

por nosotros, incrustado en nosotros,

¡esculpido por nosotros!

Soy, lo que fui, lo que soy

Y no sé si lo haré.

Usted es alguien que permaneció

en el tiempo recordado, de ese pasado...

De aquello que tanto soñé y porque tanto soñé...

¿Y hoy?

¡No es nada más!

O FOGO E A PÓLVORA

Sílvia C.S.P. Martinson

Viviam os dois no mesmo sitio, pelos homens ali colocados.

Ele exuberante, colorido, de amarelo em vermelho incendiado.

Ao centro da peça se encontrava, cercado de pedras incandescentes.

Fazia parte de um círculo, sempre bem alimentado.

Ela vetusta dama tinha lá seus encantos. De longos cabelos cinza-acobreados e nos olhos relâmpagos prateados.

Ali naquela sala permaneciam por anos e anos a mirar-se.

Ele fogoso e belo sempre dela a querer aproximar-se.

A ela não lhe passava despercebido o olhar dele admirado.

E o tempo foi passando e naquela sala só os dois esquecidos, por momentos, dos homens em sua faina, ali, à distância, cada vez mais se amando.

Ela um dia tomndo-se de coragem lhe perguntou qual era o seu nome.

Ele lhe respondeu soberbo, garboso, que se chamava Fogo.

Ao que a dama timidamente lhe disse então: para ti me chamo Pólvora.

Então se olharam intensamente em evidente e inexplicável atração.

Ele apaixonado lhe disse que em seus braços a teria e possuiria um dia.

Pólvora com audácia o convidou de ela aproximar-se.

Fogo então lhe contou que, dos homens, ouvira histórias que proibiam a ele dela aproximar-se.

Que paixão resiste a isto?

Fogo ardente e amante apaixonado, num último esforço lançou-lhe beijos em forma de fagulhas.

Ela os recebeu e o abraçou com ímpeto para este amor eternizar.

E numa explosão de relâmpagos e cores, os dois, iluminaram a noite, fundiram-se num só amor, deixando no céu, qual chuva de estrelas, luz, energia e calor.

Por isto dizem os amantes que o amor verdadeiro é tal qual o Fogo e a Pólvora, os dois juntos, unidos dentro de um celeiro, iluminam os dias e se perpetuam nas noites sem fim, explodindo em ânsias e desejos fazem com que, no céu, nasça mais uma estrela.

EL FUEGO Y LA PÓLVORA

Sílvia C.P. Martinson Traducido al español por Pedro Rivera Jaro

Ambos vivían en el mismo lugar por los hombres colocados allí.

Es exuberante, teñido de amarillo y rojo en llamas.

En un centro de la habitación se encontró rodeado de piedras brillantes.

Formaba parte de un círculo siempre bien alimentado.

La anciana tenía sus encantos, con largo cabello gris cobrizo y brillantes ojos plateados.

Allí, en esa habitación, permanecieron años y años mirándose, él ardiente y

hermoso, siempre con ganas de acercarse. A ella no se le perdió su mirada de admiración.

Y pasó el tiempo y en esa habitación solo ellos dos, por un momento, olvidados de los hombres en su trabajo, allí se quedaron, en la distancia, amándose cada vez más.

Ella un día, armándose de coraje, le preguntó cómo se llamaba.

Respondió con altivez, con gracia: mi nombre es Fuego. A lo que la señora le dijo tímidamente: para ti me llamo Pólvora.

Luego se miraron intensamente el uno al otro con evidente y inexplicable atracción.

El enamorado le dijo que en sus brazos la tendría...

Pólvora, armándose de audacia, lo invitó a acercarse a ella.

Fuego luego le dijo que de los hombres había escuchado historias que le prohibían acercarse a ella.

¿Qué pasión se resiste a esto?

Pólvora, llorosa y triste, le pidió que la besara.

Fuego, ardiente y amante apasionado, en un último esfuerzo lanzaba besos en forma de chispas.

Ella lo recibió y lo abrazó con ímpetu para que este amor se eternizara.

Y en una explosión de relámpagos y colores, los dos, iluminaron la noche, se fundieron en un solo amor, dejando en el cielo, como una lluvia de estrellas, luz, energía y calor.

Por eso los amantes dicen que el amor verdadero es como Fuego y Pólvora, los dos juntos, unidos, dentro de un granero, iluminan los días y se perpetúan en las noches sin fin, estallando en anhelos y deseos, provocando que en el cielo otra estrella nazca.

Falando

Sílvia C.S.P. Martinson

Aqui me tens ao teu lado,

na força de meu querer.

Tenho ganas de dizer-te,

de falar, o quanto, meu amado,

espero cada dia, a cada hora,

pelo teu bom dia encantador.

E no entardecer ouvir tua voz

a acalorar os sonhos meus

que receberão a noite excitados

ansiando tua doce placidez.

E nas horas e no tempo,

em meu ser, de ti resta

a lembrança perene,

que mesmo longe me deixas,

persiste, teima, em mim se fazer.

HABLANDO

Sílvia C.S.P. Martinson traducido al español por Pedro Rivera Jaro

Aquí me tienes a tu lado

En la fuerza de mi querer

Tengo ganas de decirte

De hablar, de cuánto, amado mío

Espero cada día, cada hora

A tu Buenos días encantador

Y en el atardecer oír tu voz

Calentando mis sueños

Que resurgirán en la noche, excitantes

Ansiando tu dulce placidez.

Y en las horas, en el tiempo,

En mi ser, de ti queda

un recuerdo perenne.

Que aún de lejos me dejas

Persiste tenaz, en mí,

Creciendo.

CONVITE

Sílvia C.S.P. Martinson

Amado, amado meu

junta as minhas

as tuas mãos.

Vamos caminhar e sonhar

por estradas ensolaradas,

por vias não trilhadas,

onde se esconde o amor.

Deixa teu coração

juntar-se ao meu

e num profundo suspiro

de minha alma sintas,

o quanto te quero eu.

E que ouças, num sussurro,

que entre nós, em verdade,

nunca houve, nem haverá,

a palavra: Adeus.

INVITACIÓN

Silvia C.S.P. Martinson

Traducido al español por Pedro Rivera Jaro

Amado, mi amado

únete a mi

tus manos.

Caminemos y soñemos

en carreteras soleadas

por caminos no transitados

donde se esconde el amor.

Deja que tu corazón

unirse a la mío

y en un profundo suspiro

de mi alma vas sentir

cuánto te quiero.

Y que oigas, en un susurro

que entre nosotros, en verdad,

nunca la hubo ni la habrá,

la palabra: Adiós.

A CIGANA

Sílvia C.S.P. Martinson

A garota caminhava rapidamente.

Teria que atravessar a praça onde eles acampavam para chegar, descendo as escadarias, à farmácia.

Tinha 12 anos.

Sua irmã estava doente, era necessário comprar remédios para ela.

Sua mãe lhe encarregara de tal mister.

Estavam acampados ali fazia meses. Ocupavam os dois lados do caminho. Só restava um corredor ao meio para passagem.

Vinham todos os anos a mesma época para comemorar o dia de Santa Sara, protetora das grávidas e dos ciganos.

Eram muito ricos, diziam, pois que o rei, a rainha e suas filhas, as princesas, se faziam acompanhar por seu séquito e também por subalternos.

As mulheres se vestiam luxuosamente com seus trajes típicos e cobriam-se de colares, pulseiras e brincos de ouro e pedras preciosas.

A garota tinha pressa e começou a atravessar o acampamento.

Foi barrada.

Uma cigana lhe interceptou e segurou a mão onde se encontrava o dinheiro para os remédios.

Começou falando que as linhas da mão diziam que a menina teria vida longa, muito dinheiro, saúde e um grande amor em seu caminho.

Enquanto isso disfarçadamente pegou o dinheiro e o guardou em suas saias.

A garota apavorada começou a chorar e suplicar que devolvesse o dinheiro, ao que a cigana argumentava que não o havia pegado.

Por obra dos anjos ou dos demônios protetores das crianças, ela desesperada gritou:

- Se não devolveres o meu dinheiro te rogo, agora, uma maldição! Cairá sobre ti, cigana maldita, as sete pragas do inferno!

A cigana recuou apavorada e tirou de suas saias o dinheiro que havia escondido e o jogou no rosto da pequena dizendo-lhe:

- Vai-te daqui peste!

A menina correu, comprou os remédios, voltou à casa e nunca, nunca mais esqueceu.

Hoje quando vê uma cigana, corre a por em frente a porta de sua casa uma vassoura com a palha para cima, em direção ao céu.

Dizem os ciganos, que isto é sinal de mau agouro e nunca se aproximam para pedir ou enganar.

LA GITANA

Silvia C.S.P. Martinson

Traducido al español por Pedro Rivera Jaro

La chica caminó rápidamente.

Tuvo que cruzar la plaza donde estaban acampados para llegar a la farmacia bajando las escaleras.

Tenía 12 años.

Su hermana estaba enferma, había que comprarle medicinas.

Su madre le había confiado esta tarea.

Llevaban meses acampando allí. Ocupaban ambos lados de la carretera. Sólo quedaba un pasillo en el centro para pasar.

Venían todos los años por las mismas fechas para celebrar el día de Santa Sara, protectora de las mujeres embarazadas y de los gitanos.

Eran muy ricos, decían, pues el rey, la reina y sus hijas, las princesas, iban acompañados de su séquito y también de subordinados.

Las mujeres se vestían lujosamente con sus trajes tradicionales y se cubrían con collares, pulseras y pendientes de oro y piedras preciosas.

La chica tenía prisa y empezó a cruzar el campo.

La detuvieron.

Una gitana la interceptó y le tendió la mano donde estaba el dinero para las medicinas.

Comenzó diciendo que las líneas de la mano decían que la chica tendría una larga vida, mucho dinero, salud y un gran amor en su camino.

Mientras tanto, cogió disimuladamente el dinero y lo guardó en su falda.

La chica aterrorizada comenzó a llorar y a suplicar que le devolvieran el dinero, a lo que la gitana argumentó que no lo había cogido. desesperada:

Por obra de los ángeles o de los demonios que protegen a los niños,
gritó desesperada:

- ¡Sal de aquí, plaga!

La niña corrió, compró las medicinas, volvió a casa y nunca, nunca lo olvidó.

Hoy, cuando ve a un gitano, corre a poner una escoba delante de su puerta
con la paja hacia arriba, hacia el cielo.

Los gitanos dicen que esto es una señal de mal augurio y nunca se acercan
a ella para preguntar o engañar.

A VISITA

Sílvia C.S.P. Martinson

Eu estava no porto. O navio se aproximava lentamente.

Fazia tempo que eu esperava.

Ela prometera vir me visitar em breve.

O dia estava perfeito.

O mar ondulava com calma e o som das ondas embalava os sonhos e conduzia ao descanso.

E eu, aguardava.

As horas passavam lentamente.

Não havia pressa.

Fui sentar-me na orla.

Na praia as pessoas caminhavam aproveitando o sol que aquecia, inundando a tudo e a todos com seus raios salutares.

E eu, aguardava.

Por certo também outros, como eu, esperavam.

Não tinham urgência com certeza.

Uns sorriam, outros choravam, porém em sua grande maioria todos conversavam.

Trocavam ideias, contavam histórias.

Longas histórias.

Vidas, vivências no tempo contidas.

Barcos ao longe conduziam pessoas a seus destinos, quem sabe...

E eu, esperava.

Ela prometera a muito tempo visitar-me.

Vária vez se acercara, porém por um motivo ou outro, sem explicações, se afastara.

Finalmente o navio ao porto atracou.

Chegou vazio.

Ela desembarcou.

Veio caminhando sem bagagem.

Lentamente pela praia.

Observava a todos e a tudo com cuidado.

Deliciava-se com o ambiente, parecia que lhe sabia bem.

Acercou-se de mim devagarzinho, lentamente.

Eu a pressentia muito mais do que a via.

Por fim a vi claramente.

Era bela, quase diáfana.

Ela me sorria.

O navio deu seu sinal de partida com um apito longo e sonoro.

Os motores com um estrondo voltaram a funcionar agitando as águas ao seu derredor.

Em breve se iria.

Ela acercou-se mais ainda. Estava junto a mim agora, sorria.

Estendi-lhe as mãos para abraçá-la.

Estranhamente me rechaçou, não me quis. Não entendi.

Somente aos meus ouvidos ressoou sua voz:

- "Lamento, o navio parte.

Não é hora ainda para ti."

LA VISITA

Silvia C.S.P. Martinson Traducido al español por Pedro Rivera Jaro

Estaba en el puerto. El barco se acercaba lentamente.

Llevaba tiempo esperando.

Había prometido venir a visitarme pronto.

El día fue perfecto.

El mar estaba en calma y el sonido de las olas arrullaba los sueños y llevaba al descanso.

Y yo, esperé.

Las horas pasaron lentamente.

No había prisa.

Fui a sentarme en la orilla.

En la playa la gente paseaba, disfrutando del cálido sol, que inundaba todo y a todos con sus saludables rayos.

Y yo estaba esperando.

Ciertamente, otros, como yo, estaban esperando.

Ciertamente, no tenían ninguna urgencia.

Algunos sonrieron, otros lloraron, pero la mayoría habló. Intercambiaron ideas, contaron historias.

Historias largas.

Vidas, experiencias en el tiempo contenidas.

Los barcos en la distancia llevaban a la gente a sus destinos, quién sabe...

Y yo estaba esperando.

Ella había prometido hace mucho tiempo que me visitaría.

Varias veces se había acercado a mí, pero por una u otra razón, sin explicación, se había alejado.

Finalmente el barco atracó en el puerto.

Llegó vacío.

Desembarcó.

Vino caminando sin su equipaje.

Lentamente, caminó por la playa.

Observaba a todos y a todo con atención.

Estaba encantada con el ambiente, parecía que le sentaba bien.

Se acercó a mí despacio, lentamente.

La percibí mucho más de lo que la vi.

Por fin la vi claramente.

Era hermosa, casi diáfana.

Me sonreía.

El barco dio la señal de salida con un silbido largo y fuerte.

Con un estruendo, los motores volvieron a ponerse en marcha, agitando las aguas a su alrededor.

Pronto desaparecerá.

Se acercó aún más. Ahora estaba a mi lado, sonriendo.

Extendí mis manos para abrazarla.

Extrañamente me rechazó, no me quiso. No lo entendí.

Sólo en mis oídos resonó su voz:

- "Lo siento, el barco se va.

Todavía no es el momento para ti."

LEVE

Sílvia C.S.P. Martinson Traduzido ao espanhol por Pedro Rivera Jaro

Será de leve como a brisa
que sopra na tarde e agita
as folhas, as flores, as plumas
e que as espalha pelas avenidas.

Será de leve, tão leve
que não te darás por certo
ciência do que ocorre na partida
e pensarás, talvez, em ilusão
que não é, que não passa
de um simples e longo aceno,
de mais uma despedida.

Não recolherás as folhas, as plumas
que a teus olhos não estão escritas.

Em verdade elas contêm todo o sentido
do que esperei, da saudade que senti,
das esperanças que em vão nutri.

E assim como a brisa leve,
partirei e nada restará,
e esquecido não notarás que:
suave como os ventos
que agitam teus cabelos,
que carregam a poeira dos tempos,
tão leve eu parti e te deixei.

Tão leve e imperceptível eu me fui
para ausentar-me enfim desta vida.

LIGERO

Silvia C.S.P. Martinson Traducido al español por Pedro Rivera Jaro

Será ligero como la brisa
que sopla por la tarde y agita
las hojas, las flores, las plumas
y las esparce por las avenidas.

Será ligero, tan ligero
que no darás por sentado
para saber qué pasa cuando te vas
y pensarás, quizás, como una ilusión
que no lo es, que sólo es
una onda simple y larga
otra despedida.

No recogerás las hojas, las plumas
que a tus ojos no están escritas.
En verdad contienen todo el significado
de lo que esperaba, del anhelo que sentía
de las esperanzas que alimenté en vano.
Y al igual que la ligera brisa

me iré y no quedará nada,
y olvidadizo no lo notarás:
suave como los vientos
que te revuelve el pelo,
que llevan el polvo del tiempo,
tan ligera me fui y te dejé.

Tan ligera e imperceptible he sido
para dejar por fin esta vida.

OS TRÊS

Sílvia C.S.P. Martinsosn

A conheci em uma tarde em que me encontrava no parque a tomar sol e a pensar sobre o que escreveria, enquanto isso observava as pessoas que, como eu, ali aproveitavam daquele suave calor outonal, tão agradável aos sentidos.

Ela se aproximou, pediu licença e sentou-se ao meu lado no banco da praça.

Começou a conversar.

Notei: tinha necessidade de comunicar-se. Sou boa ouvinte.

Desta comunicação surgiu a história que agora passo a narrar, tal qual ela, a mim, me transmitiu.

Eles eram três.

Cada um com suas habilidades, cultura, hábitos e peculiaridades éticas.

O primeiro mais jovem e de boa aparência, era loiro e bonito. Ele se sabia irresistível aos olhares femininos e disso se aproveitava largamente.

Chegava pela manhã em seu jipe, fazendo com que chamasse a atenção a velocidade de como dirigia e a forma pela qual estacionava o veículo frente à escola e capela que frequentava diariamente.

Sorria a todas as mulheres que encontrava, até à aleijadinha, que vivia naquela quadra, ele se insinuava com longos abraços, olhares e palavras sensuais e audaciosas.

O segundo, de meia idade, era de compleição robusta para não dizer baixo e gordo.

Longa vivência em seu mister. Ríspido e às vezes até brutal e grosseiro em sua forma de dirigir-se às pessoas.

Era contundente em suas palestras, induzindo ou pelo menos tentando impregnar suas palavras de credibilidade e alta moralidade.

No entanto, quem o conhecia de muito tempo sabia que sua moralidade estava abaixo do que se propunha aparentar.

Na verdade, tinha um filho que criava e educava, cuja mãe vivia escondida em uma peça de sua casa e atuava como faxineira da mesma, e ao rapaz ele apresentava como sendo seu sobrinho à comunidade, porém o mesmo se tratava de fruto de uma de suas muitas relações extras matrimoniais.

Mais tarde explicarei porque se tratava de relações extra matrimoniais.

O terceiro era já muito velho, no entanto do que se sabe, manteve durante toda sua vida uma conduta ilibada, extremamente caridoso e culto, vinha de uma família de origem italiana e católica. Dedicou-se a educação de crianças pobres, criou uma grande escola onde se ensinavam além das letras, também diversas profissões através das oficinas de carpintaria, da gráfica onde se imprimiam livros e periódicos, de marcenaria e de uma grande biblioteca onde os jovens além de aprenderem a arte de catalogar, conservar e recuperar os livros, tinham livre acesso à cultura de que tanto necessitavam.

A escola até hoje existe e seu nome lá se encontra gravado em placa de ouro, se bem que após a sua morte as oficinas aos poucos foram sendo extintas.

Morreu bem velhinho em um asilo para padres.

Nuca foi promovido a bispo, lhe faltavam as habilidades políticas, os apadrinhamentos tão apreciados e necessários ao crescimento e reconhecimento pela Santa Madre Igreja.

Jesus também não foi reconhecido por seus pares.

Era um homem vocacionado e respeitadíssimo naquela comunidade.

O segundo até hoje vive como sempre viveu. Um hipócrita, mentiroso, que engana a si e aos outros. Prega castidade e uma moral que não tem. É um ser comum como todos nós outros, um ser humano em toda sua inexplicável e imensa contradição.

Ambiciona o céu e convive com o inferno.

Os três ministram os sacramentos na missa. Proclamavam a fé católica e a crença nos ensinamentos cristãos.

Fizeram seus votos de castidade e se diziam casados com Cristo e a Igreja.

Para que finalmente o leitor saiba, eram os três sacerdotes católicos, tidos e mantidos pela Santa Madre Igreja romana.

Esqueci-me de contar: o padre mais jovem, o terceiro, após alguns anos, largou da batina, apaixonou-se por uma mulher, casou-se e ajudou a aumentar mais ainda a população da cidade onde até hoje vive feliz, despreocupado, criando seus filhos e trabalhando em uma escola agnóstica como educador.

Assim me narrou a senhora sentada ao meu lado naquele final de tarde, onde as folhas amarelecidas do outono jaziam no solo, prenunciando o inverno que já se aproximava.

LOS TRES

Silvia C.S.P. Martinsosn Traducido al español por Pedro Rivera Jaro

La conocí una tarde en que estaba en el parque tomando el sol y pensando en lo que iba a escribir; mientras tanto, observaba a la gente que, como yo, disfrutaba del suave calor otoñal, tan agradable a los sentidos.

Se acercó a mí, me pidió permiso y se sentó a mi lado en el banco de la plaza.

Empezó a hablar.

Me di cuenta: necesitaba comunicarse y yo soy buena oyente.

De esta comunicación surgió la historia que narraré a continuación, tal y como ella me la transmitió.

Eran tres.

Cada uno con sus propias capacidades, cultura, hábitos y peculiaridades éticas.

El primero, más joven y apuesto, era rubio y guapo. Se sabía irresistible a las miradas femeninas y lo aprovechaba ampliamente.

Llegó por la mañana en su Jeep, llamando la atención la velocidad a la que conducía y la forma en que aparcaba el vehículo frente a la escuela y la capilla a la que acudía a diario.

Sonreía a todas las mujeres que encontraba, incluso a la pequeña lisiada que vivía en aquel bloque, se insinuaba con largos abrazos, miradas y palabras sensuales y audaces.

El segundo, de mediana edad, era de complexión robusta, por no decir bajo y gordo.

Tenía una larga experiencia en su profesión. Rudo y a veces incluso brutal y grosero en su forma de dirigirse a la gente.

Era contundente en sus conferencias, induciendo o al menos intentando impregnar sus palabras de credibilidad y elevada moralidad. Sin embargo, quienes le conocían de antaño sabían que su moralidad estaba por debajo de lo que pretendía aparentar.

De hecho, tuvo un hijo al que crió y educó, cuya madre vivía escondida en una parte de su casa y hacía las veces de mujer de la limpieza, y al niño lo presentó a la comunidad como su sobrino, pero era fruto de una de sus muchas relaciones extramatrimoniales.

Más adelante explicaré por qué se trataba de relaciones extramatrimoniales.

El tercero era ya muy anciano, sin embargo, por lo que sabemos, mantuvo durante toda su vida una conducta antiliberal, extremadamente caritativa y culta, procedente de una familia de origen italiana y católico. Se dedicó a la educación de los niños pobres, creó una gran escuela donde se les enseñaban no sólo las letras, sino también varios oficios a través de los talleres de carpintería, la imprenta donde se imprimían libros y publicaciones periódicas, la carpintería y una gran biblioteca donde los jóvenes, además de aprender el arte de catalogar, conservar y recuperar libros, tenían libre acceso a la cultura que tanto necesitaban.

La escuela sigue existiendo hoy en día y su nombre está grabado en una placa de oro, aunque tras su muerte los talleres se fueron extinguendo poco a poco.

Murió muy anciano en un asilo para sacerdotes.

Nunca fue ascendido a obispo, carecía de las habilidades políticas, del mecenazgo tan apreciado y necesario para crecer y ser reconocido por la Santa Madre Iglesia.

Jesús tampoco fue reconocido por sus coetáneos.

Era un hombre con vocación y muy respetado en esa comunidad.

El segundo vive hasta hoy como siempre vivió. Un hipócrita, un mentiroso, que se engaña a sí mismo y a los demás. Predica la castidad y una moral que no tiene. Es un ser corriente como todos los demás, un ser humano en toda su inexplicable e inmensa contradicción.

Anhela el cielo y convive con el infierno.

Los tres administraban los sacramentos en misa. Proclamaban la fe católica y la creencia en las enseñanzas cristianas.

Hicieron sus votos de castidad y dijeron que estaban casados con Cristo y la Iglesia.

Para que el lector lo sepa por fin se trataba de los tres sacerdotes católicos, retenidos y mantenidos por la Santa Madre Iglesia Romana.

Se me olvidaba contarlos: el cura más joven, el tercero, al cabo de unos años, dejó la sotana, se enamoró de una mujer, se casó y contribuyó a aumentar aún más la población de la ciudad donde vive feliz, despreocupado, criando a sus hijos y trabajando en una escuela agnóstica como educador.

Así me lo contó la señora sentada a mi lado aquella tarde, en la que las hojas amarillentas del otoño yacían en el suelo, presagiando la llegada del invierno.

MI LUGAR SOÑADO

Silvia C.S.P. Martinson

Estranho pensei: “MI LUGAR SOÑADO” é este o título.

Nunca havia imaginado em toda minha vida projetar para mim um final em algum lugar definido.

Depois de tudo o que vivi, trabalhei, estudei, formei minha família, morei em diversos lugares e viajei, me parece estranho ficar definitivamente em um lugar.

A vida transcorreu tão rapidamente e transcorre que não me dei conta que de certa forma envelhecemos.

Somente agora com a proposta interessante de escrever um texto sobre “Mi Lugar Soñado” é que parei para pensar qual seria este lugar para mim.

Na infância tive a felicidade de ter uma família constituída por pai, mãe e irmã, que naturalmente preencheram as minhas necessidades materiais e acima de tudo, através do carinho e atenção de meus pais recebi os ensinamentos sobre moralidade, amizade, religiosidade e respeito ao ser humano. Enfim um lar.

O que eu gostava em criança era quando meus pais saiam de férias para a praia, íamos em uma camioneta Ford cujos bancos de trás eram de madeira e à frente meu pai conduzia e minha mãe e ele iam cantando músicas o tempo todo. Aos meus pais encantava-lhes cantar. Nossa mundo era mágico então.

Já mais velha casei e constituí família, exercendo neste novo lar a função de mãe, esposa e companheira nas decisões que a vida nos obrigava a tomar. Nem sempre as

mais acertadas, porém as que nos pareceram à época as mais adequadas e corretas à situação que se apresentava.

Assim que naqueles anos, naqueles momentos e lugares onde vivi eles me instigaram a supor que eram: “Mi Lugar Soñado”.

O tempo passa, a filha cresce, casa-se e segue seu caminho. A morte também nos bate à porta por sua exigência natural e carrega consigo nossos entes queridos, ao que tivemos inevitavelmente que aceitar.

Então o lar se desmorona, restando o vazio com o qual convivemos e as lembranças que nos atordoam às vezes, recordando-nos de momentos felizes, dos êxitos alcançados daquilo que foi “Mi Lugar Soñado”.

Agora, neste momento, em que vivo longe de meu país, porém feliz, vou passar a imaginar o que gostaria de ter finalmente como um lugar que poderia chamar de “Mi Lugar Soñado”.

Vivi tanto em várias cidades pequenas e grandes que neste exato instante, se não for viajar do que gosto muito, minha mente se transporta a uma montanha.

Uma montanha verdejante, cheia de bosques e corredeiras de água límpida, onde eu me banharia todos os dias de calor e onde sob a sombra das árvores ficaria a compor meus versos e a sonhar.

Desta montanha, não muito alta, eu poderia divisar, sob o céu muito azul, os vales e as pequenas casas lá existentes.

Quase ao topo deste cerro eu teria lá minha casinha de pedras naturais, pintada de branco, muito simples, com uma sala conjugada à cozinha onde prepararia a comida, o chá ou café para receber os amigos. Um quarto para hóspedes, outro para mim, dois

banheiros, uma lareira de lenha na sala para aquecer nos dias frios. Janelas adornadas com cortinas brancas e gerânios e ainda coloridos no exterior.

Um jardim com rosas e outras flores adornariam a entrada da casa que não teria cercas para limitar a entrada. Na porta a esperando-me com uma taça de vinho branco, quando chego pela tarde ou à noite, o homem de quem gosto e que me seduz todos os días.

Um galinheiro de onde colheria os ovos

Um pomar com muitas árvores frutíferas.

Uma horta onde cultivaria hortaliças diversas.

Os animais silvestres correriam soltos pelo entorno, sem medo de serem capturados.

Ao final do terreno faria construir um jazigo simples que seria usado após a minha morte e nele estaria escrito em uma placa o seguinte:

Aqui jaz uma mulher que viveu intensamente e morreu feliz dizendo:

Eis aqui onde vivi até agora “MI LUGAR SOÑADO”.

MI LUGAR SOÑADO

Sílvia C.S.P. Martinson. Traducido al español por Pedro Rivera Jaro

Extraño pensé: "MI LUGAR SOÑADO"

Nunca me había imaginado en toda mi vida proyectar un final para mí en algún lugar definido.

Después de todo lo que he vivido, trabajado, estudiado, formado mi familia, vivido en diferentes lugares y viajado, me parece extraño establecerme definitivamente en un lugar.

La vida pasó y pasa tan rápido que no me di cuenta de que en cierta forma envejecemos.

Recién ahora, con la interesante propuesta de escribir un texto sobre "Mi Lugar Soñado" me detuve a pensar qué sería para mí ese lugar.

De niña tuve la suerte de tener una familia compuesta por padre, madre y hermana, que naturalmente satisfacían mis necesidades materiales y sobre todo, a través del cariño y atención de mis padres recibí enseñanzas sobre moral, amistad, religión y respeto al ser humano. En definitiva, un hogar.

Cuando fui mayor me casé y formé una familia, ejerciendo en este nuevo hogar el papel de madre, esposa y compañera en las decisiones que la vida nos obligaba a tomar. No siempre las correctas, pero sí las que nos parecían en ese momento las más adecuadas y aceptadas para la situación que se presentaba.

Así que en aquellos años, en aquellos momentos y lugares en los que viví me instigaron a suponer que eran: "Mi lugar soñado".

El tiempo pasa, la hija crece, se casa y sigue su camino. La muerte también llama a nuestra puerta por su natural exigencia y se lleva consigo a nuestros seres queridos, que inevitablemente tuvimos que aceptar.

Entonces el hogar se desmorona, dejando el vacío con el que se vive y los recuerdos que a veces nos deslumbran, recordándonos los momentos felices, los logros de lo que fue "Mi lugar soñado".

Ahora, en este momento, cuando vivo lejos de mi país pero feliz, voy a empezar a imaginar lo que finalmente me gustaría tener como un lugar que podría llamar "Mi lugar soñado".

He vivido tanto en varias ciudades pequeñas y grandes que en este preciso instante, si no es viajando que me gusta mucho, mi mente se transporta a una montaña.

Una montaña verde, llena de bosques y rápidos de agua clara, donde me bañaba todos los días de calor y donde bajo la sombra de los árboles me quedaba a componer mis versos y a soñar.

Desde esta montaña, no muy alta, podía ver, bajo un cielo muy azul, los valles y las casitas que allí había.

Casi en la cima de esta colina tendría mi casita de piedras naturales, pintada de blanco, muy sencilla, con un salón unido a la cocina donde prepararía la comida, el té o el café para recibir a los amigos. Un dormitorio para los invitados, otro para mí, dos cuartos de baño, una chimenea de leña en el salón para calentarme en los días fríos. Muebles sencillos y cómodos y ventanas adornadas con geranios en el exterior, además de cortinas blancas que volarían con el viento.

Un jardín con rosas y otras flores adornaría la entrada de la casa que no tendría vallas que limitaran la entrada. Y en la puerta esperándome con una copa de vino

blanco, cuando llego por la tarde o la noche, el hombre que me gusta y me encanta todos los días.

Un gallinero del que recogería los huevos.

Un huerto con muchos árboles frutales.

Un huerto donde cultivaría diversas verduras.

Los animales salvajes correrían libres por los alrededores, sin miedo a ser capturados.

Al final de la parcela construiría una tumba sencilla que se utilizaría después de mi muerte y en ella se escribiría en una placa lo siguiente:

“Aquí yace una mujer que vivió intensamente y murió feliz diciendo”: “Aquí he vivido hasta ahora “Mi lugar soñado”.

OUVINDO

Sílvia C.S.P. Martinson

Ao som das ondas do mar

eu embalo o meu sonhar.

Deixo-me relaxar os sentidos

e passo em ti a pensar...

Nas ondas que suaves deslizam

ouço tua voz a murmurar

palavras doces e carinhos

que a muito sempre me fazem,

em cada dia, em cada hora,

por ti procurar.

E neste vai e vem das águas,

nesta aurora que perpassa

das ondas do mar a calma,

enfim me deixo a lembrar

o quanto quero, agora,

e para sempre, contigo estar.

E a tua voz que me acaricia,

mais uma vez, por certo, escutar.

OYENDO

Sílvia C.S.P. Martinson

Traducido al español por Pedro Rivera Jaro

Al son de las olas del mar

me gusta mi sueño.

Dejo que mis sentidos se relajen

y paso a pensar en tí,

oigo tu voz murmurando

dulces palabras y caricias

que siempre me haces,

a cada día, a cada hora,

por ti buscadas.

Y en este ir e venir de las aguas

en este amanecer que pasa

de las olas del mar la calma,

por fin me permito recordar

lo mucho que quiero, ahora,

y para siempre, contigo estar.

Y tu voz que me acaricia,

Una vez más, seguro, para escuchar.

PALAVRAS

Sílvia C.S.P. Martinson

Minha alma escorre palavras
como a música a tocar,
como as águas a correr
límpidas e ternas para o mar.

Minha alma escorre palavras
como a tarde segue o anoitecer,
como o brilhar da lua
que não quer se esconder.

Minha alma escorre palavras,
que o meu corpo abraça,
o silêncio as abafa,
querendo fazê-las sufocar.

Minha alma escorre palavras,
como a tarde que se esvai,

não ditas e perdidas, só

e tão só, no papel contidas.

Minha alma escorre palavras

neste frio e triste anoitecer,

choram mágoas e desditas

luz e sombras ao amanhecer.

PALABRAS

Silvia C.S.P. Martinson Traducido al español por Pedro Rivera Jaro

Mi alma destila palabras

como música para tocar

como aguas que circulan

claras y tiernas hacia el mar.

Mi alma destila palabras

como a la tarde sigue el anochecer

como el brillar de la luna

que no quiere esconderse.

Mi alma destila palabras

que mi cuerpo abraza,

el silencio los amortigua

pretendiendo sofocarlas.

Mi alma destila palabras

como la tarde que se desvanece,

no pronunciadas y perdidas, solo

y tan solo contenidas en el papel.

Mi alma destila palabras

En este frío y triste anochecer

Llorando penas y desdichas

luces y sombras, al amanecer.

PERDAS

Sílvia C.S.P. Martinson

Era um domingo qualquer em uma época de um ano indefinido.

O homem está em sua casa, sozinho como acontece a tantos anos.

Ele pensa: Estou só a tantos anos, desiludi-me com as mulheres.

Atualmente, a seu ver, elas só servem para satisfazer seus apetites sexuais.

Mas neste momento a dúvida e a solidão lhe pesam.

Sofrera decepções. Investira no amor todas as suas forças e energias.

Fora traído em seus anseios, por sua vez também traiu achando-se em igualdade de condições.

As esperanças de dias felizes se lhe foram subtraídas, esvanecendo-se uma a uma a cada decepção, a cada traição sofrida.

Não queria ter mais relações amorosas profundas.

Resolvera viver o dia a dia de forma a não apegar-se a nada e a ninguém.

E assim os dias e as noites seguiam sem maiores alterações, a seu entender.

Estava tranquilo e convicto de que até sua morte seguiria só.

Costumava dizer um ditado antigo e muito conhecido que era: "Melhor só que mal acompanhado".

O destino de cada homem é algo imprevisível.

A ninguém é cabível dizer como se passará o dia de amanhã.

Pois assim se passou.

Em um belo dia, ele, quando caminhava pela manhã em uma praça em que as folhas amarelecidas cobriam os caminhos e o céu apresentava-se salpicado de nuvens coloridas pela luz de um sol outonal, encontrou-a.

Estava sentada em um banco da praça e chorava.

Isto lhe chamou a atenção.

Apesar de estar endurecido pelos trabalhos da vida, ao avistá-la naquela situação condoeu-se.

Ela não era uma menininha, talvez tivesse uns 60 e poucos anos. Porém estava ainda bonita e fisicamente bastante atrativa.

Aproximou-se e lhe estendeu um lenço para que secasse as lágrimas.

Entre lágrimas ela agradeceu e sorriu. Um sorriso tímido que, no entanto, permitia divisar uma dentição perfeita.

Ele apaixonou-se no mesmo instante.

Conversaram, ela contou-lhe de sua vida e o motivo de suas lágrimas naquela hora.

Sofrera uma grave desilusão amorosa. Fora traída em seus mais íntimos sentimentos.

Ele de sua parte tentou confortá-la com palavras de estímulo. Ao que esta aos poucos se aquietou e voltou a sorrir um pouco mais conformada.

Para não perder a companhia convidou-a para um café em um bar próximo.

Daí resultou uma convivência mais íntima nos dias que se sucederam.

O tempo passou e ele não percebeu. Gozava da companhia dela sem, no entanto, notar que a mesma esperava dele um gesto efetivo do consolidação mais sério.

A ele era cômodo e agradável tê-la a sua mercê e desfrutar de sua companhia e privacidade.

Vê-la a hora que bem entendesse quando então amorosamente ela o recebia.

Passou-se um ano neste vai e vem. Entre meias verdades, desculpas e muitas mentiras por parte dele.

Ela cansou de esperar...

Um dia, sem mais nem menos, disse-lhe uma única palavra quando passeavam pela praça.

- Adeus!

E caminhando simplesmente, desapareceu.

PÉRDIDAS

Silvia C.S.P. Martinson Traducido al español por Pedro Rivera Jaro

Es un domingo cualquiera en un tiempo de un año indefinido.

El hombre está en su casa, solo, como lo ha estado durante tantos años.

Piensa: "Llevo tantos años solo que me he desilusionado de las mujeres".

Hoy en día, en su opinión, sólo sirven para satisfacer sus apetitos sexuales.

Pero ahora la duda y la soledad pesan sobre él.

Se había decepcionado. Había invertido toda su fuerza y energía en el amor.

Había sido traicionado en sus anhelos, y a su vez también había sido traicionado, creyéndose en igualdad de condiciones.

Las esperanzas de días felices le fueron arrebatadas, desvaneciéndose una a una con cada decepción, con cada traición sufrida.

Ya no quería tener relaciones amorosas profundas.

Había resuelto vivir día a día de manera que no se apegara a nada ni a nadie.

Y así transcurrieron los días y las noches sin grandes cambios, según entendía él.

Estaba tranquilo y convencido de que hasta su muerte seguiría solo.

Solía decir un viejo y conocido refrán: "Más vale solo que mal acompañado".

El destino de cada hombre es algo imprevisible.

A nadie le corresponde decir cómo será el día de mañana.

Bueno, así es como sucedió.

Un buen día, mientras paseaba por la mañana por una plaza donde las hojas amarillentas cubrían los caminos y el cielo estaba sembrado de nubes coloreadas por la luz de un sol otoñal, se encontró con ella.

Estaba sentada en un banco de la plaza y lloraba.

Esto le llamó la atención.

Aunque estaba endurecido por los sinsabores de la vida, al verla en esa situación sintió pena por ella.

No era una chica joven, quizás de unos sesenta años. Pero seguía siendo hermosa y físicamente bastante atractiva.

Se acercó a ella y le tendió un pañuelo para que se secara las lágrimas.

Entre sollozos le dio las gracias y sonrió. Una sonrisa tímida que, sin embargo, dejaba ver una dentadura perfecta.

Se enamoró en el mismo momento.

Hablaron, ella le contó su vida y el motivo de sus lágrimas en ese momento.

Había sufrido una grave desilusión amorosa. Había sido traicionada en sus sentimientos más íntimos.

Él, por su parte, intentó consolarla con palabras de ánimo. Poco a poco se fue calmando y volvió a sonreír, un poco más conformada.

Para no perder la compañía, la invitó a tomar un café en un bar cercano.

De ahí surgió una convivencia más íntima en los días siguientes.

El tiempo pasó y él no se dio cuenta. Disfrutó de su compañía sin notar, sin embargo, que ella esperaba de él un gesto efectivo de consolidación más serio.

Era cómodo y agradable para él tenerla a su merced y disfrutar de su compañía e intimidad.

Podía verla siempre que quisiera cuando ella le recibía con cariño.

Pasó un año en este ir y venir. Entre medias verdades, excusas y muchas mentiras por su parte.

Se cansó de esperar...

Un día, sin más, le dijo una sola palabra mientras paseaban por la plaza.

- ¡Adiós!

Y simplemente se alejó, desapareció.

Senhoritas

Sílvia C.S.P. Martinson

Estavam os quatro reunidos debaixo da platibanda do edifício onde moravam.

Conversavam animadamente.

Dois eram jovens e se chamavam simultaneamente por seus apelidos: Miúcho e Gaspar.

Gaspar havia sofrido um acidente, um cachorro lhe mordera na garganta e agora não emitia mais sons.

Os outros dois eram velhos e também tinham apelidos tal como: Rubi e Branco.

Os jovens eram saudáveis, bem apanhados e não muito gordos.

Já os velhos tinham ralos os “cabelos”, a pele um pouco encardida, gordos, as unhas crescidas e a agilidade dos membros a muito esquecida.

No entanto, apesar das diferenças, a conversa seguia animada.

Rubi declarava que hoje os tempos são outros. Há mais conforto, carinho e comida abundante e os jovens: Ah! Os jovens... ! Não precisam mais trabalhar para comer, basta reclamar em alto e bom som, insistentemente, e logo são atendidos. Nem água é preciso procurar.

Branco vindo de uma classe superior era também o mais introspectivo, só sacudia o corpo e a cabeça em concordância ao que Rubi dizia.

Rubi continuava a afirmar que em seu tempo as coisas eram mais difíceis, tinha que caminhar muito, esquivar-se outro tanto e muitas vezes quedar-se muito silencioso para poder satisfazer seu apetite com o petisco que mais lhe apetecia.

Os jovens Miicho e Gaspar ouviam atentos, porém pouco crédulos. E as vezes sacudiam as cabeças num meio-sorriso e olhares de mofa, como que achando que as histórias de Rubi não passavam de invenções da cabeça de um velho, especialmente quando se referia à dificuldade de encontrar a comida que mais lhe apetecia.

Rubi captou os olhares e gestos dos mais jovens e comentou com Branco que eles, os jovens, não tinham a mínima ideia do que eles haviam passado bem como outros semelhantes a sua época.

Narrou ainda que tinham que escalar telhados e muros ou caminhar sorrateiramente por pátios e ruas cheias de lixo para encontrar comida e que as vezes ficavam dias sem comer ou beber restando tão magros que quase não lhes haviam mais forças nos membros para correr de seus inimigos mortais.

Branco em sua natural fleuma simplesmente anuía emitindo um som quase inaudível.

Já Miicho em nome de Gaspar e do seu disse que a vida para eles era tranquila. Não precisavam quase sair de casa para trabalhar, aliás, o que não faziam nunca.

Tinham sua cama confortável, o sofá da sala onde estender-se à vontade, médico sempre que precisassem e instituto de beleza para embelezarem-se. A comida saborosa sempre em seus horários previamente definidos e até banheiro próprio o qual não precisavam limpar porque a empregada da casa o fazia diariamente.

E com isto tudo a conversa entre eles praticamente se acabava.

Rubi ainda com certo desgosto falou:

- É já não se fazem gatos como antigamente e os ratos, nossas presas favoritas, nosso melhor manjar, não precisam mais se esconder nas tocas.

- Os cachorros, nossos inimigos, não se dão mais ao trabalho de nos perseguir.
- E assim os quatro sacudindo os rabos levemente e lambendo os pelos para ficarem mais bonitos foram se afastando cada um à sua casa.

Rubi para finalizar disse ainda, entre dentes e na sua linguagem felina, quase não sendo ouvido pelos outros três:

- Os gatos hoje se transformaram em: “senhoritas”!

Miau, miau, miauuu! Miauuuu!

Señoritas

Sílvia C.S.P. Martinson. Traducido al español por Pedro Rivera Jaro

Estaban los cuatro reunidos debajo de la plataforma del edificio en que moraban.

Conversaban animadamente.

Dos eran jóvenes y se llamaban simultáneamente por sus apellidos: Miuco y Gaspar.

Gaspar había sufrido un accidente, un perro le mordió en la garganta y ahora ya no podía emitir sonido alguno.

Los dos otros eran viejos y también tenían apellidos tales como: Rubí y Branco.

Los jóvenes eran saludables, bien apañados y no muy gordos.

Los viejos ya tenían ralos los cabellos, la piel un poco sucia, gordos, crecidas las uñas y la agilidad de sus miembros un tanto disminuida.

No obstante, a pesar de sus diferencias la conversación seguía animada.

Rubí declaraba que en la actualidad los tiempos son otros, hay más conforto, cariño y comida en abundancia y los jóvenes... ¡Ah! Los jóvenes! Esos no necesitan trabajar más para y comer, les basta con reclamar en voz alta y buen sonido, insistentemente, y luego son atendidos. Ni agua necesitan pedir.

Branco venido de una clase alta, era también el más reservado y solo movía el cuerpo y la cabeza al tiempo, concordando con lo que decía Rubí.

Rubí, el más charlatán continuaba afirmando que en su tiempo las cosas eran más difíciles, que él tenía que caminar mucho, esconderse otro tanto, muchas veces quedarse silencioso para satisfacer su apetito a la merienda que más gustaba.

Los jóvenes Miucho y Gaspar escuchaban atentos, aunque poco crédulos. Y a veces sacudían sus cabezas en una media sonrisa y miradas de burla, como diciendo que las historias de Rubí no pasaban de ser historietas invenciones de la mente de uno viejo, especialmente lo que se refería a encontrar la comida que más le gustaba.

Rubí captó las miradas y gestos de los más jóvenes y comentó con Branco que ellos, los jóvenes, no tenían ni la más mínima idea de lo que ellos habían pasado igual que otros semejantes de su época.

Narró, además, que tenían que escalar tejados y muros, o caminar subrepticiamente por patios y calles llenas de basura para encontrar comida y que casi no les quedaban más fuerzas, a veces, en sus miembros, para huir de sus enemigos mortales.

Branco en su flema natural simplemente asintió emitiendo un sonido casi inaudible.

Ya Miucho en su nombre y en el de Gaspar dijo que la vida para ellos era tranquila. No precisaban salir de casa para trabajar por cierto, lo que nunca hicieran.

Tenían su cama cómoda, el sofá del salón donde estirarse a voluntad, médico siempre que necesitaban e instituto de belleza para ponerse guapos. La comida sabrosa, siempre con horarios previamente marcados, y hasta un baño propio, el cual no necesitaban limpiar porque la empleada de casa lo hacía a diario.

Y con esto, la conversación entre ellos prácticamente se acababa.

Rubí, aun con cierto disgusto dijo: ·"Y ya no se hacen más gatos como antiguamente y las ratas, nuestras presas favoritas, nuestro mejor manjar, no necesitan ya esconderse en las madrigueras. Ni los perros, nuestros enemigos, se toman la molestia de perseguirnos".

Y así los cuatro sacudiendo sus colas levemente y lamiendo sus pelos para dejarlos más bonitos fueron dirigiéndose cada uno a su casa.

Rubí para acabar dijo todavía entre dientes, en su lenguaje felino y sin que casi lo oyeron los otros tres:

Los gatos hoy se volvieron "señoritas"

Miau, miau, miauuu. Miauuuuu.

TRADIÇÃO DE ANO NOVO

Sílvia C.S.P. Martinson

Aquele ano seria diferente.

Povoado de Ornaisons – França.

Um povoado pequeno com mil e poucos habitantes e algumas peculiaridades, diferente dos demais povoados.

Viviam ali produtores rurais dedicados a vitivinicultura, de cujos parreirais se extraiam uvas de fina casta para a elaboração de vinhos de alta qualidade, tão apreciados em toda França. Produziam ali também cervejas de boa cepa provenientes da cevada ali cultivada.

Também em menor quantidade se criavam ovelhas e cabras destinadas ao consumo doméstico e à produção de lã que a seu tempo, após a tosa, era encaminhada às indústrias de tecelagem que, posteriormente, enviavam os lindos tecidos aos costureiros para a fabricação de roupas e abrigos para o inverno.

Bem, voltando à história nos contaram que; não eram mais crianças, haviam crescido. Estavam quase todos com 16 a 18 anos mais ou menos. Cresceram juntos.

Quando crianças esperavam a noite de Ano Novo com ansiedade.

O dia transcorria com alguma agitação, tanto de parte dos adultos quanto das crianças.

Os adultos no preparo da casa, das roupas melhores e da ceia que deveria ser diferenciada dos demais dias e do que costumavam comer o ano todo.

Na passagem para o ano a ceia, que ocorria a meia noite, compunha-se de carne de porco, saladas mais elaboradas, vinhos mais finos e por certo de sobremesas mais saborosas que o normal.

As crianças e os adultos banhavam-se mais cedo e vestiam-se, como era o costume, com mais esmero, até porque é inverno nesta época do ano ali.

Era costume desde os antigos que na madrugada do dia 01 de janeiro os jovens do povoado saíssem a recorrer as ruas e pegar tudo que estivesse nas portas das casas ou jardins sem que o proprietário pudesse perceber e colocavam o produto no centro da praça local onde também ficava a prefeitura.

Os jovens saiam então de madrugada de diversos pontos da cidadezinha e carregavam tudo que encontravam depositando no centro da praça.

Aquele ano foi excepcional que carregaram bicicletas, vasos de flores, lixeiras e até um automóvel que com a ajuda de uns quantos abriram a porta do motorista, destravaram o veículo e o empurraram até a praça.

Os antigos já haviam esquecido este costume e quando acordaram pela manhã se deram conta da ausência de seus pertences.

Foi um alvoroço no povoado. Eram pessoas correndo pelas ruas procurando o que lhes pertencia.

Quando chegaram ao centro do povoado e viram com espanto a praça lotada de badulaques das mais diversas espécies ficaram estarrecidos. E os jovens postados à parte, entre sorrisos, observavam as reações dos pretendidos prejudicados com a brincadeira.

Foram duramente inquiridos sobre se haviam sido eles os autores dos desvios, ao que respondiam com a maior desfaçatez:

- Não eu não! Nem pensar que eu seria capaz de tal maldade!

Porém o faziam entre sorrisos e olhares matreiros de uns aos outros.

No entanto, o mais interessante se deu após alguns minutos quando as pessoas começaram a recolher seus pertences.

Aí então é que a natureza torpe do homem se fez ver.

Alguns acharam que os pertences de seus vizinhos eram mais valioso que os seus e começaram a arguir que estes lhes pertenciam. O caos se instalou definitivamente e os prejudicados após reclamarem os seus direitos e não serem atendidos, partiram para a agressão física.

Velhos amigos se destrataram, amizades se desfizeram, pessoas que se tinham por idôneas e honestas deixaram cair a máscara por um simples vaso de flores.

Tudo isto ocorreu ante os olhos estupefatos dos jovens que tinham em alguns vizinhos e até parentes a representação da mais pura honradez.

Esta data ficou gravada na memória e nos anais da história deste povoado.

E hoje por precaução e experiência, os enfeites, vasos, jardineiras e demais objetos que se encontram ordinariamente nas ruas e jardins são recolhidos após a ceia de Ano Novo, na passagem do dia 31 de dezembro a 01 de janeiro, ao interior da casa de cada proprietário.

Oh! Esqueci-me de contar:

Naquele dia também foi desfeito um noivado que já durava alguns anos.

Os pais dos noivos brigaram por uma bicicleta velha e não permitiram o casamento de seus filhos.

A noiva até hoje chora desconsolada, ficou mal vista e restou solteirona.

O noivo foi para outra cidade, lá se casou e teve um “montão” de filhos.

Diga-se de passagem, e para quase finalizar que foi ele um dos líderes que arquitetou toda a brincadeira.

Até hoje contam, os que eram jovens a época, que quando saem à rua e encontram as pessoas que tentaram roubar o que não era seu, as identificam e lhes lançam palavras como:

- Eu sei o que você fez!

TRADICIÓN DE AÑO NUEVO

Silvia C.S.P. Martinson Traducido al español por Pedro Rivera Jaro

Ese año sería diferente.

Pueblo de Ornaisons - Francia.

Un pequeño pueblo con mil y pico habitantes y algunas peculiaridades, diferente de los demás pueblos.

Allí vivían productores rurales dedicados a la viticultura, de cuyos viñedos se extraían uvas de cepas finas para la elaboración de vinos de gran calidad, tan apreciados en toda Francia. También producían buenas cervezas con la cebada cultivada allí.

En menor cantidad, también se criaban ovejas y cabras para el consumo doméstico y para la producción de lana que, tras ser esquilada, se enviaba a las industrias tejedoras que, posteriormente, enviaban los bellos tejidos a las modistas para la confección de ropa y abrigos para el invierno.

Bueno, volviendo a la historia que me contaron; ya no eran niños. Casi todos tenían entre 16 y 18 años. Habían crecido juntos.

De niños esperaban con ilusión la Nochevieja.

El día transcurrió con cierta emoción.

Los adultos prepararían la casa, las mejores ropas y la cena, que debería ser diferente de otros días y de lo que solían comer durante todo el año.

En Nochevieja, la cena, que tenía lugar a medianoche, consistía en carne de cerdo, ensaladas más elaboradas, vinos más finos y, por supuesto, postres más sabrosos de lo habitual.

Los niños y los adultos se bañaban antes y se vestían con más cuidado, como era costumbre, también porque en esta época del año allí es invierno.

Es tradición que al amanecer del 1 de enero los jóvenes del pueblo salgan a la calle y recojan todo lo que se encuentra en los umbrales de las casas o jardines sin que el propietario pueda darse cuenta, y depositen los productos en el centro de la plaza local donde también se encuentra el ayuntamiento.

Los jóvenes partían al amanecer desde distintos puntos de la ciudad y cargaban con todo lo que encontraban y lo depositaban en el centro de la plaza.

Ese año fue excepcional que llevaran bicicletas, macetas, papeleras e incluso un coche al que, con la ayuda de unos pocos, abrieron la puerta del conductor, lo desbloquearon y lo empujaron hasta la plaza.

Los ancianos ya habían olvidado esta costumbre y cuando se despertaron por la mañana se dieron cuenta de que faltaban sus pertenencias.

Hubo un alboroto en la ciudad. La gente corría por las calles buscando lo que era suyo.

Cuando llegaron al centro de la ciudad y vieron la plaza llena de las más diversas chucherías, se quedaron asombrados. Y los jóvenes que permanecían a un lado, sonrientes, observaban las reacciones de los supuestamente perjudicados.

Se les interrogó duramente sobre si habían sido los autores de las desapariciones, a lo que respondieron con el mayor aplomo:

- ¡No, yo no! ¡De ninguna manera sería capaz de tal maldad!

Pero lo hicieron entre sonrisas y miradas furtivas de unos a otros.

Sin embargo, lo más interesante ocurrió al cabo de unos minutos, cuando la gente empezó a recoger sus pertenencias.

Fue entonces cuando se puso de manifiesto la torpe naturaleza del hombre.

Algunos pensaban que las pertenencias de sus vecinos eran más valiosas que las suyas y empezaron a solicitar su propiedad. El caos se instaló definitivamente y los agraviados, tras reclamar sus derechos y no ser atendidos, pasaron a la agresión física.

Viejos amigos se enfrentaron, amistades se desmoronaron, personas que se creían honestas e íntegras dejaron caer sus máscaras por un simple jarrón de flores.

Todo esto sucedía ante los ojos estupefactos de los jóvenes que tenían en algunos vecinos e incluso familiares la representación de la más pura honestidad.

Esta fecha está grabada en la memoria y en los anales de la historia de este pueblo.

Y hoy, por precaución y por experiencia, los adornos, jarrones, macetas y otros objetos que se encuentran habitualmente en las calles y jardines se recogen después de la cena de Nochevieja, en el paso del 31 de diciembre al 1 de enero, dentro de la casa de cada propietario.

Olvidé decirlo: Ese día también se rompió un compromiso que había

durado algunos años. Los padres de los novios se pelearon por una vieja bicicleta y no permitieron que sus hijos se casaran.

La novia sigue llorando hasta el día de hoy, desconsolada, mal considerada y solterona.

El prometido se fue a otra ciudad, se casó allí y tuvo un "montón" de hijos.

Se dice de pasada, y casi para terminar que fue uno de los líderes que planearon toda la broma.

Aún hoy siguen diciendo, los que eran jóvenes entonces, que cuando salen a la calle y se encuentran con los que intentaron robarles lo que no era suyo, los identifican y les lanzan palabras como - ¡sé lo que hicisteis!

UM FATO PITORESCO

SÍLVIA C.S.P. MARTINSON

Quando eu era jovem fui nadadora, juntamente com outros amigos e amigas, de um clube tradicional de remo, pobre, mas muito antigo e conceituado de minha cidade natal, Porto Alegre, cujo estado chama-se Rio Grande do Sul no Brasil.

Íamos então, no verão a nadar na piscina do clube que se chamava Clube de Regatas Almirante Barroso. Esta piscina estava situada em uma ilha em um lote de propriedade do clube, que se localizava do outro lado do rio Guaíba, um rio muito largo que circunda nossa cidade e que à época era também um porto importante. Barroso foi erigido em homenagem a Francisco Manuel Barroso da Silva sítio Barão do Amazonas, militar português, da Armada Imperial Brasileira, que lutou na guerra da Cisplatina a bordo de navios da Marinha Imperial e reconhecido por sua coragem e capacidade de improvisação foi vencedor na Batalha Naval do Riachuelo contra os paraguaios.

Continuando a nossa história, vamos contar que: no verão nadávamos na piscina em treinamento durante quase todos os dias, bem cedo pela manhã, quando então atravessávamos de barca o rio, a partir do porto para tal mister.

Também fazíamos treinamento no rio, que então não sofria de poluição, para competirmos em resistência e nas provas de longa distância com os grandes clubes ricos e conhecidos na época.

Tínhamos brio e nossa maior satisfação era ganhar deles nas provas, uma vez que não gozávamos dos benefícios que eles, os clubes poderosos, davam a seus atletas. Éramos totalmente amadores.

Nosso treinador era um senhor carioca (natural do Rio de Janeiro chamado Eclézio de Souza, se não me engano) de muito ânimo e que fora campeão de natação

em seu tempo e exigentíssimo tanto no preparo físico quanto no desenvolvimento do atleta dentro da água.

Tínhamos-lhe o maior respeito e admiração.

Nossas classes de educação física eram longas e de uma exigência à resistência sem par.

Quando voltávamos normalmente pela noite dos treinamentos na sede do clube que se localizava à beira do rio e não na ilha, íamos para nossas casas em grupos de rapazes e moças, juntos, para atravessar uma zona um tanto suspeita à noite.

Tomávamos um bonde que por ali passava e nos dirigia para perto de nossos lares.

Há que contar que dito bonde chama-se pitorescamente pelo povo de “gaiola” , porque o mesmo oscilava por sobre os trilhos de maneira a jogar as pessoas de um lado para outro. Isto nos causava muito prazer porque entre risos e brincadeiras chegávamos a nossos destinos.

Pois bem, eis que, um dia ao retornar para minha casa, junto aos amigos, tomamos o tal bonde entre empurões e muita galhofa entre nós outros.

E eis que, ao entrar no bonde, entre solavancos, não consegui alcançar o banco a tempo de sentar-me ou simplesmente agarrar-me em um apoio que existia para quem ia em pé no mesmo.

O que aconteceu então foi hilário e até hoje me recordo de quanto rimos até às lágrimas, na época. Eu simplesmente caí sentada no colo de um homem que, espantado, arregalou os olhos e emitiu um som gutural como: hahaaai!!!!....

Todos nós jovens não conseguimos reter o riso e o fazíamos as gargalhadas e em alto e bom som.

O pobre homem ficou com o rosto vermelho de vergonha, apesar de eu haver pedido desculpas entre risos.

Tão envergonhado ficou que se levantou e na próxima parada desceu do bonde.

Eu de minha parte nunca me esqueci do fato e penso que meus amigos, se vivos forem, ainda recordem dele. O que me faz até hoje sorrir muito ao recordar a expressão daquele senhor, que foi de susto e vergonha e a nossa de muito riso e despudorada.

Enfim, coisa de jovens alegres, felizes e muito tontos que éramos naquele tempo.

UN HECHO PINTORESCO

SÍLVIA C.S.P. MARTINSON Traducido al español por PEDRO RIVERA JARO

De joven fui nadador, junto con otros amigos, en un club de remo tradicional, pobre pero muy antiguo y respetado en mi ciudad natal, Porto Alegre, que se llama Rio Grande do Sul en Brasil.

Solíamos ir a nadar a la piscina del club, que se llamaba Clube de Regatas Almirante Barroso. Esta piscina estaba situada en una isla en una parcela propiedad del club, que se encontraba al otro lado del río Guaíba, un río muy ancho que rodea nuestra ciudad y que en aquella época era también un importante puerto. Barroso fue erigido en homenaje a Francisco Manuel Barroso da Silva conocido como "Barão do Amazonas", soldado portugués, de la Marina Imperial brasileña, que luchó en la guerra del Cisplatina a bordo de sus buques y reconocido por su valor y capacidad de improvisación al salir victorioso en la Batalla Naval de Riachuelo contra los paraguayos.

Siguiendo con la historia, os contaré que en verano nadábamos en la piscina de entrenamiento casi todos los días, muy temprano por la mañana, después de cruzar el río en ferry desde el puerto para tal menester.

También nos entrenábamos en el río, que entonces no estaba contaminado, para competir en carreras de resistencia y de larga distancia con los grandes, ricos y conocidos clubes de la época.

Teníamos orgullo y nuestra mayor satisfacción era ganarles en las carreras, ya que no disfrutábamos de los beneficios que ellos, los clubes poderosos, daban a sus atletas. Éramos totalmente aficionados.

Nuestro entrenador era un señor de Río de Janeiro llamado Eclézio de Souza, si no me equivoco, fue campeón de natación en su época y era muy exigente tanto en la preparación física como en el desarrollo del deportista en el agua.

Sentíamos un gran respeto y admiración por él.

Nuestras clases de educación física eran largas y exigían una resistencia inigualable.

Cuando normalmente volvíamos por la noche de los entrenamientos en la sede del club, que estaba situada junto al río y no en la isla, íbamos a nuestras casas en grupos de chicos y chicas, juntos, para atravesar una zona un tanto sospechosa por la noche.

Tomábamos un tranvía que pasaba por allí y nos llevaba cerca de nuestras casas.

Hay que decir que este tranvía era llamado pintorescamente "la jaula" por la gente, porque oscilaba sobre los raíles de tal manera que lanzaba a los pasajeros de un lado a otro. Esto nos daba un gran placer porque llegábamos a nuestros destinos entre risas y bromas.

Pues bien, un día que volvía a casa, junto con mis amigos, tomamos el tranvía con muchos empujones y bromas.

Y, al subir al tranvía, entre sacudidas, no pude llegar al asiento a tiempo para sentarme o simplemente agarrarme a un soporte que existía para los que estaban de pie en él.

Lo que ocurrió entonces fue divertidísimo y hasta hoy recuerdo lo mucho que nos reímos en ese momento. Simplemente caí sentada en el regazo de un hombre que, asombrado, puso los ojos en blanco y emitió un
¡¡¡ hahaaai !!!....

Todos los jóvenes no pudimos contener la risa y lo hicimos alto y claro.

La cara del pobre hombre se puso roja de vergüenza, aunque me disculpé entre risas.

Estaba tan avergonzado que se levantó y se bajó del tranvía en la siguiente parada.

Yo, por mi parte, nunca lo he olvidado y creo que mis amigos, si es que aún viven, todavía lo recuerdan. Lo que me hace sonreír hasta hoy cuando recuerdo la expresión de aquel señor, que era de susto y vergüenza, y la nuestra de mucha risa y desvergüenza.

En definitiva, era una cosa de jóvenes felices, alegres y muy tontos lo que éramos en aquella época.

Um homem no parque

Sílvia C.S.P. Martinson.

Vejo-o todos os dias de tarde quando o sol já está se pondo.

Existe um grande parque aonde costumo caminhar e nele muitas pessoas vêm para tomar sol e distrair-se.

Ele vem de bicicleta e circula por todo parque até encontrar alguém conhecido e então para para conversar.

Outro dia parou ao meu lado e começou a narrar sua vida.

É sozinho e aposentado.

Tem 80 anos.

Vive com a irmã.

Ficou viúvo há mais ou menos 5 anos.

Trabalhou toda vida no comércio em uma livraria de sua propriedade. Ao aposentar-se a deixou para o filho que atualmente segue com o negócio.

Contou-me que enquanto na livraria presenciou muitas situações e também fatos estranhos.

O que mais lhe chamou a atenção foi que enquanto lia um livro sobre espiritismo, adentrou à livraria um velho senhor.

Tinha ele um sorriso simpático, uma voz acolhedora e gestos educados.

Perguntou ao livreiro, que me esqueci de mencionar se chama Miguel, por um livro espírita.

Para espanto de Miguel era o mesmo que estava lendo e que também o tinha para vender.

Miguel cedeu-lhe então o livro que tinha em mãos para que o cliente comprovasse se era o mesmo que estava buscando.

O homem então manuseou rapidamente o livro confirmando que iria comprá-lo, mas que antes de embrulhar o pacote queria escrever uma dedicatória ao amigo que iria presentear.

Miguel lhe disse que não teria problema em fazê-lo ali mesmo na livraria.

Alcançou ao cliente uma caneta e lhe indicou uma mesa e cadeira onde poderia sentar-se para escrever.

O cliente assim o fez. E com tranquilidade começou a escrever...

“Meu querido e inesquecível amigo, aonde me encontro agora, quero que saibas que é um esplêndido lugar. Há tanto tempo nos conhecemos que sei de teus gostos e predileções. Aqui encontrarás, a seu devido tempo, tudo que te fará feliz. Muitos livros, muita luz, paz, amigos e alegrias. Escrevo-te esta dedicatória para que ao lê-la tenhas a confirmação daquilo que a muito suspeitavas.”

A Miguel estranhamente lhe parecera reconhecer aquele homem que no livro escrevia.

A seus olhos o cliente parentava estar envolto em uma auréola de luz.

Pensou ser imaginação sua.

Contou-me ainda que o cliente, após escrever, pagou pelo livro, porém estranhamente o deu a Miguel como uma lembrança e com o pedido de que quando desaparecesse o livreiro então abrisse a primeira página e lesse a dedicatória.

Miguel protestou, mas quando teve o livro em suas mãos o cliente sorriu e simplesmente desapareceu como por encanto.

Assombrado o livreiro abriu o livro e leu a dedicatória por inteiro e que finalizava assim:

“Não me hás reconhecido Miguel, sou Luíz teu antigo amigo de muitas vidas. Não desta. Sempre te acompanhei em tuas diversas trajetórias terrestres, vendo teu progresso com muita alegria, meu bom amigo. E para que comproves o que digo, deixo-te o meu nome completo a fim de que pesquises no cemitério local a tumba em que jazem meus restos. Faleci em 1837 quando ainda não havias nascido. Um abraço fraterno de teu amigo de sempre. Luíz Gonzalez y Luz.”

Miguel emocionado encerrou a narrativa ao mesmo tempo em que me disse:

“Em uma livraria sempre há muitas histórias a serem contadas, nem sempre críveis ao comum dos mortais.”

Após o que tomou de sua bicicleta, deu adeus e partiu.

Un hombre en el parque

Silvia C.S.P. Martinson. Traducido al español por Pedro Rivera Jaro

Lo veo todos los días por la tarde, cuando se pone el sol.

Hay un gran parque al que voy a pasear y al que viene mucha gente a tomar el sol y a divertirse.

Viene en su bicicleta y recorre todo el parque hasta que se encuentra con alguien conocido y se para a hablar.

El otro día se paró a mi lado y empezó a contarme su vida.

Está solo y jubilado.

Tiene 80 años.

Vive con su hermana.

Enviudó hace unos cinco años.

Ha trabajado toda su vida en el comercio en una librería de la que es propietario.

Cuando se jubiló, se lo dejó a su hijo, que ahora dirige el negocio.

Me dijo que mientras estaba en la librería fue testigo de muchas situaciones y también de hechos extraños.

Lo que más le llamó la atención fue que, mientras leía un libro sobre espiritismo, entró en la tienda un anciano.

Tenía una sonrisa amistosa, una voz acogedora y gestos amables.

Pidió al librero, que olvidé mencionar que se llamaba Miguel, un libro espiritista.

Para sorpresa de Miguel era el mismo que estaba leyendo y también lo tenía para vender.

Miguel le dio entonces el libro que tenía en la mano para que el cliente pudiera comprobar si era el mismo libro que buscaba.

El hombre entonces manipuló rápidamente el libro confirmando que lo compraría, pero que antes de envolver el paquete quería escribir una dedicatoria al amigo al que se lo iba a regalar.

Miguel le dijo que no tendría ningún problema en hacerlo allí mismo, en la librería.

Le dio al cliente un bolígrafo y le indicó una mesa y una silla donde podía sentarse a escribir.

El cliente lo hizo. Y con tranquilidad se puso a escribir

"Mi querido e inolvidable amigo, donde estoy ahora, quiero que sepas que es un lugar espléndido. Nos conocemos desde hace tanto tiempo que conozco tus gustos y predilecciones. Aquí encontrará, en su momento, todo lo que le hará feliz. Muchos libros, mucha luz, paz, amigos y felicidad. Te escribo esta dedicatoria para que cuando la leas tengas la confirmación de lo que hace tiempo sospechas".

A Miguel le pareció reconocer extrañamente al hombre que escribía en el libro.

A sus ojos, el cliente parecía estar envuelto en un halo de luz.

Pensó que era su imaginación.

También me contó que el cliente, después de escribir, pagó el libro, pero extrañamente se lo regaló a Miguel como recuerdo y con la petición de que cuando desapareciera el librero abriera la primera página y leyera la dedicatoria.

Miguel protestó, pero cuando tuvo el libro en sus manos el cliente sonrió y simplemente desapareció como por arte de magia.

Asombrado, el librero abrió el libro y leyó la dedicatoria completa, que terminaba así:

"No me habrás reconocido Miguel, soy Luis, tu viejo amigo de muchas vidas. Siempre te he acompañado en tus diversos viajes terrenales, viendo tus progresos con gran alegría, mi buen amigo. Y para que compruebes lo que digo, te dejo mi nombre completo para que busques en el cementerio local la tumba donde reposan mis restos. Morí en 1837, cuando tú aún no habías nacido. Un abrazo fraternal de tu amigo de toda la vida.

Luis González y Luz".

Miguel, emocionado, cerró la narración al mismo tiempo que me lo contaba:

"En una librería siempre hay muchas historias que contar, no siempre creíbles para el común de los mortales".

Tras lo cual cogió su bicicleta, se despidió con la mano y se marchó.

Vidas

Sílvia C.S.P. Martinson

Era um bairro distante onde só residiam famílias de trabalhadores, considerados de classe média, que apesar de serem proprietários de suas casas, dependiam de seu trabalho para sobreviverem dignamente.

As casas eram simples, normalmente de madeira já que as de alvenaria significavam maior poder aquisitivo de uma família e, portanto eram eles considerados pelos demais cidadãos como “ricos”.

Todos ali trabalhavam muito. Tanto homens como mulheres.

Estas em casa nas lides do lar e às vezes com uma profissão, tal como: costureiras, cabeleireiras ou cozinheiras que preparavam viandas de comida para serem entregues em sua casa aos clientes interessados.

Poucas mulheres exerciam profissão e trabalho fora do lar.

Eram elas normalmente professoras, enfermeiras, balconistas de lojas, raramente médicas ou advogadas.

A educação superior era cara e pouco incentivada às mulheres.

Considerava-se uma honra para uma família ter em seu seio uma mulher professora.

E naquela época eram os pais que orientavam às filhas a carreira a seguir ou o marido com quem deveriam casar-se.

Algumas se sublevavam a estas disposições e tomavam seu próprio rumo, sofrendo muitas vezes grandes dificuldades para a concretização de seus sonhos. Tal como: o afastamento dos familiares, críticas por parte de vizinhos e amigos que não lhes perdoavam a livre iniciativa.

Quando seus objetivos eram alcançados com sucesso viam-se às vezes reconhecidas.

Não havia televisão, celulares nem internet. Rara a família que possuía um rádio ou toca-discos, considerados artigos de luxo.

Pois bem, em uma sociedade assim vivia uma família pobre composta por pai, mãe e mais três filhos, ou seja, uma irmã mais velha e dois meninos gêmeos.

Os irmãos chamavam-se respectivamente: Clara, André e Augusto.

Clara nunca foi de estudar muito, não gostava e tampouco era incentivada a tal. No entanto, conseguiu concluir o segundo grau indo imediatamente trabalhar.

Por influência de seu pai conseguiu emprego na rede pública onde ficou até casar-se e constituir sua família.

A sua maneira também se sublevou as tradições. Engravidou e perdeu a virgindade antes do casamento, obrigando ao noivo providenciar com muita antecedência os trâmites legais à consecução das bodas.

Foram ambos objeto de falatórios e críticas até o nascimento de seu primogênito, quando tudo foi, ante a alegria da natividade, perdoado e esquecido.

Primogênito este que aos vinte e poucos anos veio a falecer de um câncer devastador, para desgraça e profunda tristeza de todos deixando aos avós, irmã e pais inconsoláveis.

Infelizmente o pai ante a ausência do filho querido passou a embriagar-se causando mais dor e sofrimento a Clara. O embriagar-se continuamente também o levou à morte prematura.

Clara restou viúva tendo como lembrança dos tempos felizes somente a filha, ora casada, a quem visita esporadicamente.

Aos gêmeos a vida também não foi fácil.

Começando que quando pequenos não tinham sapatos ou tênis e precisavam nos frios invernos- onde geava muito- que ali fazia, iam à escola de tamancos de madeira, que era o calçado mais barato, e com meias de tricô tecidas por sua mãe.

A escola era de Salesianos e particular, porém em face à bondade dos padres lhes foi outorgada uma bolsa de estudos, o que não lhes permitia repetir o ano, obrigando-os a estudar muito.

Cresceram entre brincadeiras com amigos e amigas, que eram vários, a escola e as matines aos domingos no cinema quando trocavam figurinhas e batiam os pés quando o mocinho do filme de bang bang matava o bandido ou

beijava a mocinha. Estes eram os filmes que lhes permitiam assistir à época ou ainda às vezes desenhos animados de Tom e Jerry.

As brincadeiras se resumiam em brincar de arco e flecha, de pega pega ou de esconder. Aos sábados jogar futebol no campinho atrás da escola com os pés descalços pois raros possuíam tênis.

André que não era chegado aos estudos mais aprofundados e pela necessidade da família foi trabalhar cedo em uma oficina de reparos de carros.

Com o tempo e sua habilidade tornou-se sócio e onde se mantém até hoje, com muito sucesso.

Casou-se, teve filhos e por hábito e vontade continua a trabalhar. Recentemente faleceu sua mulher.

Já Augusto, mais ambicioso, trabalhou com afinco em um escritório de advocacia. Continuou a estudar, frequentou uma universidade e formou-se advogado.

Exerce a profissão com denodo, buscando sempre oferecer a seus clientes a garantia de sucesso em suas demandas.

Casou-se com uma moça de família rica que lhe proporcionou também ascensão social.

Tem uma família bem constituída e proporciona a seus filhos as facilidades que não teve em sua juventude, tal como acesso à cultura, a uma educação mais refinada e a boas universidades.

Um de seus três filhos é médico famoso. O outro um músico de renome e a filha uma arquiteta bem sucedida.

Os demais jovens daquele bairro seguiram seus caminhos, que nem sempre foram os mais recomendáveis.

Um deles se tornou traficante e morreu em uma contenda com a polícia.

Outro se incorporou à guerrilha urbana e após vários assaltos e crimes em nome de ideologia política, cumpre pena longa em um dos presídios locais.

As meninas da época hoje são velhas senhoras que devido à idade e problemas de saúde não podem mais dançar o Rock and Roll e nem se apaixonar pelos artistas de cinema como Cary Grant ou Rock Hudson.

É a Vida.

Vidas

Silvia C.S.P. Martinson. Traducido al español por Pedro Rivera Jaro

Era un barrio lejano donde sólo vivían familias trabajadoras, consideradas de clase media, que, a pesar de tener casa propia, dependían de su trabajo para sobrevivir con dignidad.

Las casas eran sencillas, normalmente de madera, ya que las de mampostería significaban que el poder adquisitivo de una familia era mayor y, por tanto, eran considerados por los demás ciudadanos como "ricos".

Todo el mundo trabajó duro. Tanto hombres como mujeres. Estas últimas en el hogar en las tareas domésticas y a veces con una profesión, como: costureras, peluqueras o cocineras que preparaban la comida a domicilio para los clientes interesados.

Pocas mujeres tenían una profesión y un trabajo fuera del hogar.

Solían ser profesoras, enfermeras, dependientes, y rara vez médicas o abogadas.

La educación superior era cara y se fomentaba poco a las mujeres. Se consideraba un honor para una familia tener una maestra. Y en aquella época eran los padres los que decían a sus hijas qué carrera seguir o con qué marido casarse.

Algunos no siguieron estas instrucciones y siguieron su propio camino, sufriendo a menudo grandes dificultades para hacer realidad sus sueños. Como por ejemplo, el alejamiento de los familiares, las críticas de los vecinos y los amigos que no perdonaban su libre iniciativa.

Cuando sus objetivos se cumplían con éxito, a veces eran reconocidos.

No había televisión, teléfonos móviles ni Internet. Rara era la familia que poseía una radio o un tocadiscos, considerados artículos de lujo.

Pues bien, en esa sociedad vivía una familia pobre compuesta por un padre, una madre y tres hijos, una hermana mayor y dos niños gemelos.

Los hermanos se llamaban Clara, André y Augusto, respectivamente.

Clara nunca fue una persona que estudiara mucho, no le gustaba y no la animaban a hacerlo. Sin embargo, consiguió terminar el bachillerato e inmediatamente se puso a trabajar.

Por influencia de su padre, consiguió un trabajo en la Administración Pública, donde permaneció hasta que se casó y formó su familia.

A su manera, también rompió con la tradición. Perdió la virginidad y se quedó embarazada antes de la boda, lo que obligó al prometido a organizar todos los trámites legales del casamiento con mucha antelación.

Ambos fueron objeto de chismes y críticas hasta el nacimiento de su primogénito, cuando todo fue, ante la alegría de la natividad, perdonado y olvidado.

Su primer hijo, a los veinte años más o menos, murió de un cáncer devastador, para desgracia y profunda tristeza de todos, dejando inconsolables a los abuelos, la hermana y los padres.

Por desgracia, el padre, ante la ausencia del hijo amado, comenzó a emborracharse, causando a Clara más dolor y sufrimiento. Las continuas borracheras también le llevaron a una muerte prematura.

Clara se quedó viuda, teniendo como recuerdo de tiempos felices sólo a su hija, ahora casada, a la que visitaba esporádicamente.

La vida tampoco fue fácil para los gemelos.

Cuando eran pequeños no tenían zapatos ni zapatillas y en los fríos inviernos - donde hacía mucho frío- tenían que ir a la escuela con zuecos de madera, que era el calzado más barato, y con calcetines tejidos por su madre.

El colegio era salesiano y privado, pero por la bondad de los sacerdotes les dieron una beca, que no les permitía repetir el año, obligándoles a estudiar mucho.

Crecieron jugando con varios amigos, en la escuela y en las matinales de los domingos en el cine, cuando intercambiaban cromos y zapateaban cuando el bueno de la película ¡¡bang bang!! mataba al malo o besaba a la chica. Estas eran las películas que se les permitía ver en esa época o incluso a veces los dibujos animados de Tom y Jerry.

El tiempo de juego consistía en jugar al arco y la flecha, atrapar y esconderse. Los sábados jugaban al fútbol en el campo de detrás de la escuela, descalzos, porque muy pocos tenían zapatillas.

André, que no tenía ganas de seguir estudiando y por necesidades de su familia, se puso a trabajar muy pronto en un taller de reparación de coches.

Con el tiempo y su habilidad se convirtió en socio y ha permanecido allí hasta hoy, con mucho éxito.

Se casó, tuvo hijos y por costumbre y voluntad sigue trabajando. Recientemente, falleció su esposa.

Augusto, más ambicioso, trabajó duro en un bufete de abogados. Siguió estudiando, asistió a la universidad y se graduó como abogado. Ejerce su profesión con dedicación, tratando siempre de ofrecer a sus clientes la garantía de éxito en sus reclamaciones.

Se casó con una chica de una familia adinerada, lo que también le supuso un ascenso social. Tiene una familia acomodada y proporciona a sus hijos las facilidades que él no tuvo en su juventud, como el acceso a la cultura, una educación más refinada y buenas universidades. Uno de sus tres hijos es un famoso médico. El otro es un músico de renombre y la hija es una arquitecta de éxito.

Los demás jóvenes de aquel barrio siguieron sus propios caminos, que no siempre fueron los más recomendables.

Uno de ellos se convirtió en traficante de drogas y murió en una disputa con la policía. Otro se unió a la guerrilla urbana y, tras varios robos y crímenes en nombre de la ideología política, cumple a fecha de hoy una larga condena en una de las cárceles locales.

Las chicas de aquella época son hoy ancianas que por la edad y los problemas de salud ya no pueden bailar Rock and Roll o enamorarse de artistas de cine como Cary Grant o Rock Hudson.

Así es la vida.

VOO

Sílvia C.S.P. Martinson Traduzido ao espanhol por Pedro Rivera Jaro

Subi aos céus,

bem mais do que se via.

Feliz me despi de tudo,

nua fiquei, como quando nasci.

Me despedi das mágoas,

das tristezas retidas,

das alegrias sentidas,

dos amores perdidos.

Voei tão alto e fiquei

a olhar do que me desfiz.

Pairei, planei nas nuvens,

e ao emergir do azul profundo,

as penas soltas nele vi,

a desfazerem-se ao vento.

Como Fênix ressurgida,

retornei nua e feliz,

para viver e sorrir

novamente, intensamente,

no fogo ardente, da vida.

VUELO

Sílvia C.S.P. Martinson Traducido al Español por Pedro Rivera Jaro

Ascendí a los cielos,
mucho más de lo que se veía.

Contenta me despedí de todo,
me quedé desnuda, como al nacer.

Me despedí de los dolores,
de las tristezas retenidas,
de las alegrías sentidas,
de los amores perdidos.

Volé tan alto y quedé
mirando a lo que abandoné.

Flotaba, planeaba en las nubes,
y al emerger del azul profundo,
las penas sueltas allí vi,
disolviéndose en el viento.

Como Fénix renacida,
retorne desnuda y feliz,

para vivir y sonreír
nuevamente, intensamente,
en el fuego ardiente de la vida.

Agua de Carabaña (Navidad, 25 de Diciembre de 2022. Una historia de Pinto).

Pedro Rivera Jaro

Pinto en el año 1946 era un pueblo situado al sur de Madrid capital. Aunque pertenecía a Valdemoro, cerca de Pinto estaba el Colegio de Guardias Jóvenes Duque de Ahumada, en donde se formaban los jóvenes que querían ser miembros de la Guardia Civil. En aquellos años del Hambre, denominados así porque España había salido de una guerra entre hermanos, que había durado casi 3 años. Mi suegro Fermín, que había estado encarcelado durante un año y medio, por haber formado parte del ejército Republicano, circunstancia que explicaré en otro lugar y en otro momento, consiguió montar una pequeña pescadería en la plaza de Pinto, y viajaba cada madrugada en el tren, hasta Madrid, donde compraba en el Mercado de Pescados que entonces estaba en la Puerta de Toledo, y por el mismo medio de transporte volvía con la mercancía a Pinto, donde María, mi suegra, y Fermín, lo vendían a los habitantes del pueblo. Así empezaron a reorganizar su vida familiar para poder criar a sus tres hijos, un varón y dos hembras. Con esa actividad se aseguraban poder comer pescado cada día, cosa de mucha importancia en aquel tiempo de aislamiento, al que los españoles fueron sometidos, cuando España estaba en ruinas, con muchos miles de bajas ocurridas en combate y muchos miles de personas encarceladas.

El caso es que junto a la pescadería, vivía una señora de nombre Angeles, que tenía una hija de 11 años de edad, y dicha vecina habló con María mi suegra, para que tomara de cuidadora de los niños a Angelines que así se llamaba su hija, de manera que María podía estar tranquila mientras atendía la venta de pescado, y

Rafita, Maruja y Conchi, mis cuñados, porque Estrella mi esposa, no vendría al mundo hasta 1953, quedaban al cuidado de la chiquilla de la vecina. Con el punto de vista de nuestra época, puede parecernos una barbaridad que una chiquilla tan pequeña tuviera ya obligaciones de trabajo, pero os diré que mi padre Félix con 6 años pastoreaba un rebaño de ovejas. Era otra sociedad, donde todos hacían falta para sacar la familia adelante.

Mi suegra, María, cuando vino la niña por primer día a su casa, la puso de comer hasta que sació su apetito. Aquello era algo increíble para Angelines, que estaba pasando necesidad como casi todo el mundo entonces. Gustaba de comer boquerones y sardinas crudos, después de abrirles y limpiarlos. Y también les preparaba a los niños para que los comieran igualmente, y era de su gusto. A quien no le gustaba que comieran pescado crudo, era a María, quien se lo prohibió a Angelines: tu come todo lo que quieras, pero no se lo des crudo a mis niños. No obstante a los chiquillos les gustaba comerlo y en secreto, lo seguían comiendo.

Había otra vecina, amiga de María, que tenía un niño de 6 años, que era bastante antipático en opinión de Angelines. Esta vecina solía venir a la casa todas las tardes con el niño, y el niño tenía la costumbre de, en cuanto llegaba y se sentaba, pedir agua. Con lo que María mandaba a Angelines que fuera a la cocina y le sirviera un vaso de agua. Harta de que aquel niño la molestara cada día con el agua, un buen día se la ocurrió en vez de agua, traerle Agua de Carabaña, que era un potente purgante, y que nada mas beberlo la reacción en los intestinos del niño fue fulminante. Mama!, mama!, gritaba el niño, y su madre decía: “¿Pero que le has dado a mi niño?” En fin nada grave, salvo la urgencia de evacuación. La señora María se lo imaginó, pues sabía que la niña era traviesa, pero permaneció callada

hasta que se fueron el niño y la madre. Después le dio una buena regañina a Angelines por lo que había hecho.

Pero lo cierto fue que el niño no volvió a pedir agua nunca más.

Agua de Carabaña. Natal, 25 de dezembro de 2022. Uma história de Pinto.

Pedro Rivera Jaro . Traduzido para o português por Sílvia C.S.P. Martinson

Pinto em 1946 é uma cidade localizada ao sul da capital madrilenha, cujo ponto mais importante era, e ainda é, o Colégio de Guardias Jóvenes Duque de Ahumada, onde os jovens que queriam se tornar membros da Guarda Civil eram treinados. Naqueles anos da Fome, assim chamados porque a Espanha havia acabado de sair de uma guerra entre irmãos, que havia durado quase três anos. Meu sogro Fermín, que estava preso há um ano e meio por ter sido membro do exército republicano, circunstância que explicarei em outro lugar e em outro momento, conseguiu montar uma pequena peixaria na praça de Pinto, e viajava todas as manhãs de trem para Madri, onde comprava no Mercado de Peixes que estava então na Porta de Toledo, e pelo mesmo meio de transporte voltava com a mercadoria para Pinto, onde Maria, minha sogra e Fermín, as vendiam aos habitantes da cidade. Desta forma, eles começaram a reorganizar sua vida familiar para criar seus três filhos, um menino e duas meninas.

Esta atividade garantia que eles pudessem comer peixe todos os dias, o que era muito importante naquela época de isolamento a que os espanhóis estavam sujeitos, quando a Espanha estava em ruínas, com muitos milhares de feridos em combate e muitos milhares de pessoas presas.

O fato é que ao lado do mercado de peixe vivia uma senhora chamada Angeles, que tinha uma filha de 11 anos de idade, e essa vizinha

falava com María, minha sogra, para que ela levasse Angelines, que era o nome de sua filha, para cuidar das crianças, para que María ficasse sozinha enquanto cuidava do mercado de peixe, a Rafita, Maruja e Conchi, meus cunhados, porque Estrella, minha esposa não viria ao mundo até 1953, foram deixados para serem cuidados pela filhinha da vizinha. Do ponto de vista de nossos tempos, pode parecer ultrajante que uma criança tão jovem já tenha obrigações de trabalho, mas vou lhe dizer que meu pai Félix, aos 6 anos de idade, estava pastoreando um rebanho de ovelhas. Era uma sociedade diferente, onde todos eram necessários para ajudar a família.

Minha sogra, María, quando a menina veio a sua casa no primeiro dia, ela a alimentou até que seu apetite estivesse satisfeito. Isso foi incrível para Angelines, que estava em necessidade como quase todos os outros na época. Ela gostava de comer anchovas e sardinhas cruas, depois de abri-las e limpá-las. E ela também as preparou para que as crianças comessem, o que foi do agrado delas. Quem não gostava que comessem peixe cru era María, que proibiu a Angelines de fazê-lo: "Você come o quanto quiser, mas não dê cru aos meus filhos". No entanto, as crianças gostavam de comê-lo e continuavam a comê-lo secretamente.

Havia outra vizinha, amiga de María, que tinha um menino de 6 anos, que na opinião de Angelines era muito pouco amigável. Esta vizinha costumava vir à casa todas as tardes com o menino, e o menino tinha o hábito de pedir água assim que chegava e se sentava. Então María enviava Angelines para a cozinha à que lhe servisse um copo de água. Cansada daquela criança incomodando-a todos os dias com água, um belo dia ela

decidiu trazer-lhe Água de Carabaña ao invés de água, que era um purgante poderoso, e assim que ele a bebeu a reação no intestino da criança foi fulminante. Mamãe! Mamãe!, gritou a criança e sua mãe disse: "Mas o que você deu ao meu filho?" Em resumo, nada de grave, exceto a necessidade urgente de evacuar. A Sra. Maria imaginou o que acontecera, porque sabia que a menina era travessa. Mas ficou quieta até que a criança e a mãe tivessem partido. Depois ela deu à Angelines uma boa repreensão pelo que ela havia feito.

Mas a verdade é que a criança nunca mais voltou a pedir água, nunca mais.

Dar “el paseo”

Pedro Ribvera Jaro

Antes del estallido de la Guerra Incivil española en Julio de 1936, mi padre de nombre Félix, contaba con 13años. Cuando yo era niño me contaba en secreto, porque entonces todas las cosas relacionadas con laRepública estaban prohibidas, cómo, en los anocheceres llegaban furgonetas, a los campos de trigo ycebada cercanos al Barrio de la Perla y a la Colonia Ferrando, en el sur de Madrid, aunque entonces pertenecían al pueblo de Villaverde, donde vivían, llevando a las personas a las cuales iban a ejecutar, de uno o varios disparos. Lo que llamaban “darles el paseo”.

Mi padre y sus amigos que vivían por allí cerca, lo observaban todo en silencio y tumbados en el suelo, escondidos para que no pudieran ser descubiertos. Luego en la mañana, mi madre que era de la misma edad que mi padre y que vivía en el cercano Barrio de San José, junto a la Colonia Popular Madrileña, que anteriormente se llamaba Colonia de Alfonso XIII, y que en la actualidad es la Colonia de San Fermín, recorrían las veredas de los sembrados buscando los cuerpos de aquellos que habían recibido los disparos, que habían oído por la noche. Mira, aquí hay uno, y allí veo otro. Fíjate, a éste le han puesto un puñado de espigas en la boca, como si fuera a comérselas. Era otra humillación, al comparar persona y mula o burro, por comer iguales alimentos.

Otro atardecer, casi anochecido, en una tierra donde se descargaban escombros y hacían formas de montones sucesivos, se escondieron cuando observaron que se aproximaba una furgoneta. Los que venían en ella, pararon el vehículo y se bajaron de él cinco personas. Tres de esas personas llevaban pistolas en sus respectivas cartucheras. De los otros dos, uno iba vestido con un mono oscuro, y lo mismo que el quinto no iba armado. Aquel hombre del mono oscuro repetía a voces, una y otra vez: Solo quiero que

me digáis porqué me vais a matar. Después de preguntarlo varias veces, uno de los que llevaba pistola le contestó: ¿Te acuerdas del baile que hiciste en tu garaje el día de San Isidro, y al que cuando quise entrar yo, tu no me lo permitiste? El del mono contestó: Si me acuerdo. Y el de la pistola respondió en alta voz: Pues por eso te vamos a matar ahora. Entonces el del mono oscuro, le dio un fuerte empujón con sus manos y le tiró de espaldas e inmediatamente echó a correr por entre los montones de tierra alejándose de allí, y en dirección del lugar donde mi padre y sus amigos estaban escondidos. Los hombres de las pistolas empezaron a disparar intentando derribar al que huía, sin conseguirlo, pero mi padre me contaba que veían los fogonazos de cada disparo en la oscuridad de la noche que avanzaba, y que oían silbar las balas por encima de sus cabezas, y aterrorizados pegaron sus cuerpos a la tierra, permaneciendo inmóviles.

Al cabo de un rato, aquellos hombres se habían marchado en la furgoneta y se hizo el silencio. Mi padre y sus amigos se fueron levantando, con el susto todavía en sus cuerpos, y se marcharon para sus casas. Yo he pensado muchas veces sobre la injusticia que querían perpetrar contra aquel hombre que consiguió escapar. Y también pensé que cuando acabó la guerra, si aquel hombre aún vivía, buscaría la venganza sobre aquel que había querido asesinarle.

Dar “o passeio”

Pedro Rivera Jaro. Traduzido para o português por SÍLVIA C.S.P. MARTINSON

Antes do início da guerra civil espanhola em julho de 1936, meu pai, Félix, tinha 13 anos de idade. Quando eu era criança ele me contava em segredo, porque naquela época todas as coisas relacionadas à República eram proibidas, como, à noite, as vans chegavam aos campos de trigo e cevada perto do Barrio de la Perla e Colonia Ferrando, no sul de Madri, que, naquela época, pertenciam à cidade de Villaverde, onde viviam, carregando as pessoas que iam executar, com um ou vários disparos. O que eles chamavam de "dar-lhes a carona".

Meu pai e seus amigos que moravam por perto, observavam tudo em silêncio, deitados no chão, escondidos para que não pudessem ser descobertos. Então, pela manhã, minha mãe, que tinha a mesma idade que meu pai e que vivia no vizinho Bairro de San José, ao lado da Colônia Popular Madrileña, que antes se chamava Colônia de Alfonso XIII, e que hoje é a Colônia de San Fermín, caminhava ao longo das calçadas dos campos à procura dos corpos daqueles que haviam sido baleados e que haviam ouvido à noite.

- Olhe, aqui está um, e ali vejo outro.

- Olha, eles puseram um punhado de espigas de milho em sua boca, como se ele fosse comê-las.

Foi outra humilhação, comparando uma pessoa e uma mula ou um burro, por comer a mesma comida.

Em outra noite, quase anoitecendo, em uma terra onde os detritos estavam sendo descarregados e transformados em pilhas sucessivas, eles se esconderam quando notaram a aproximação de uma van. As pessoas na van pararam o veículo e cinco

pessoas saíram da mesma. Três dessas pessoas estavam carregando pistolas em seus respectivos coldres. Dos outros dois, um estava vestido de macacão escuro, e como o quinto estava desarmado. O homem de macacão escuro não parava de gritar, uma e outra vez:

- Só quero que me diga por que vai me matar?

Depois de perguntar várias vezes, um dos homens com uma arma lhe respondeu:

- Você se lembra da dança que fez em sua garagem no dia de San Isidro, e quando eu quis entrar, você não me deixou? O de macacão respondeu:

- Sim, eu me lembro.

E aquele que tinha a arma respondeu em voz alta:

- Bem, é por isso que vamos matá-lo agora.

Então aquele com o macacão escuro lhe deu um forte empurrão com as mãos e o jogou para trás e imediatamente começou a correr através das pilhas de terra e para longe dali, na direção do lugar onde meu pai e seus amigos estavam escondidos. Os homens com as armas começaram a atirar na tentativa de abater o homem em fuga, sem sucesso, mas meu pai me disse que eles viram os flashes de cada tiro na escuridão da noite em avanço, e que eles ouviram as balas assobiando sobre suas cabeças e no terror eles colaram seus corpos à terra e permaneceram imóveis.

Depois de um tempo, aqueles homens tinham saído na van e o silêncio caiu. Meu pai e seus amigos se levantaram, ainda assustados e partiram para casa. Pensei muitas vezes sobre a injustiça que eles queriam cometer contra aquele homem que conseguiu escapar. Também pensei que quando a guerra terminasse, aquele homem, se ainda estivesse vivo, buscara vingança sobre aquele que o quisera matar.

El derecho a ser distinto

Pedro Rivera Jaro.

He leído ayer un artículo de Álvaro J. San Juan, acerca de un libro que ha escrito y que ha titulado GRANDES MARICAS DE LA HISTORIA, y que me ha descubierto algo que desconocía. Él declara ser homosexual y habla también de grandísimos personajes de las ciencias, de las artes, de la literatura y de la historia, y explica la condición de homosexuales de estos hombres del pasado, que yo desconocía, salvo en el caso de alguno de ellos como por ejemplo, Alejandro Magno. Yo desconocía que Miguel Ángel Buonarotti, Leonardo da Vinci, William Shakespeare, Isaac Newton, Hans Cristian Andersen, Botticelli, Miguel de Cervantes, George Washington, Tchaikovski, fuesen homosexuales.

Tuvieron que disfrazar su homosexualidad, porque las sociedades donde vivían no toleraban LO DIFERENTE, y porque para la intelectualidad cristiana lo “normal” era ser hetero.

Dice el articulista que a lo mejor habrá niños o jóvenes que un día lean su libro, y verán que no están solos. Si él cuando era solamente un niño, hubiera conocido que todos éstos grandes hombres eran como era él, y como sigue siendo, o sea homosexuales, se hubiera sentido acompañado, mucho mejor de cómo se sentía.

Voy a contaros una vivencia de cuando yo rondaba la treintena. Sería más o menos el año 79, tal vez el 80, en un barrio de Salamanca, que se llama Tejares. Acabábamos de pesar en la báscula pública un camión Pegaso de 4 ejes, que habíamos estado cargando con mercancías destinadas a una fábrica de los alrededores de Madrid. Eran como las once de la noche y entramos a tomar unas cervezas en el Bar Esteban, antes de irnos a cenar cada uno a su casa. Al entrar observé que tres chavalones como de 20 años, estaban acosando e insultando a

otro chico de edad aproximadamente igual. Me interesé por el asunto y les pregunte qué era lo que ocurría. Los acosadores me dijeron que se metían con él porque era mariquita y le llamaban despectivamente Marijose, aunque el nombre suyo era José. Yo entonces me interpuse, y les dije que no tenían ningún derecho, porque eso no era un motivo para que maltrataran a aquel muchacho. Entonces uno de aquellos tres acosadores me gritó que seguramente yo también era otro maricón, y que por eso le defendía.

Lo que siguió a continuación no puedo contarla aquí, solo puedo decir que Esteban, que era el propietario del Bar, intervino y me rogó que parase la pelea. Así lo hice, y él por su parte echó a la calle a los tres acosadores. El muchacho gay me dio las gracias con mucho sentimiento, y me dió un abrazo de agradecimiento antes de marcharse para su casa.

Eran los días en que empezaban a notarse cambios relacionados con las libertades en todos los ámbitos de España y afortunadamente hoy están arraigados en nuestra sociedad, pero es que el mundo es muy grande y tiene muchas partes donde se siguen sometiendo a los diferentes. Hay en marcha una gran revolución en Irán por las libertades de las mujeres. En Qatar donde se va a celebrar el Mundial de Futbol, siguen ajusticiando a los homosexuales, alegando que tienen la mente enferma. ¿Qué nos pasa a los seres humanos que no somos capaces de respetar al otro, solo porque sea diferente a nosotros?

Todo el mundo tiene derecho a ser distinto, eso sí, respetando a su vez a los demás.

VIVE Y DEJA VIVIR, es un lema que toda mi vida he practicado y, que forma parte de mis principios básicos.

O direito de ser diferente

Pedro Rivera Jaro

Traduzido para o português por Sílvia C.S.P. Martinson

Ontem eu li um artigo de Álvaro J. San Juan, sobre um livro que ele escreveu intitulado GRANDES MARICAS DA HISTÓRIA, e ele revelou algo que eu não sabia. Ele se declara homossexual e também fala das grandes figuras da ciência, das artes, da literatura e da história, e explica a condição homossexual desses homens do passado, que eu desconhecia, exceto no caso de alguns deles, por exemplo, Alexandre o Grande. Eu não sabia que Michelangelo Buonarotti, Leonardo da Vinci, William Shakespeare, Isaac Newton, Hans Christian Andersen, Botticelli, Miguel de Cervantes, George Washington, Tchaikovsky, eram homossexuais.

Eles tinham que disfarçar sua homossexualidade, porque as sociedades onde viviam não toleravam DIFERENTES, e porque para a intelectualidade cristã era "normal" ser heterossexual.

Ele diz que talvez hajam crianças ou jovens que um dia lerão seu livro e verão que não estão sozinhos. Se ele, quando era apenas uma criança, soubesse de que todos esses grandes homens eram como ele era, e ainda é, isto é, homossexuais, ele se sentiria acompanhado, muito melhor do que como se sentia.

Vou falar-lhes de uma experiência que tive quando tinha trinta anos. Foi por volta de 79, talvez 80, em um bairro de Salamanca chamado Tejares. Tínhamos acabado de pesar um caminhão Pegaso de quatro eixos na ponte-báscula pública, que tínhamos carregado com mercadorias destinadas a uma

fábrica na periferia de Madri. Eram cerca de onze horas da noite e entramos para tomar algumas cervejas no Bar Esteban, antes de voltarmos para casa para jantar. Quando entramos, notei que três rapazes de cerca de 20 anos estavam assediando e insultando outro rapaz mais ou menos da mesma idade. Interessei-me pelo assunto e perguntei-lhes o que estava acontecendo. Os assediadores me disseram que estavam se metendo com ele porque ele era um maricas e o chamavam de Marijose, embora seu nome fosse José. Eu então intervi e lhes disse que eles não tinham direito, porque isso não era motivo para maltratar o jovem. Então um desses três assediadores gritou comigo que eu provavelmente era outro bicha também, e por isso eu o estava defendendo.

O que aconteceu depois não posso dizer aqui, só posso dizer que Esteban, que era o dono do bar, interveio e me implorou para parar a luta. Eu o fiz e ele, por sua vez, jogou os três assediadores para fora do bar. O cara gay me agradeceu com muito sentimento, e me deu um abraço de agradecimento antes de sair para casa.

Aqueles eram os dias em que as mudanças relacionadas às liberdades começaram a ser notadas em todas as áreas da Espanha e, felizmente, hoje estão enraizadas em nossa sociedade, mas o mundo é muito grande e tem muitas partes onde aqueles que são diferentes ainda estão subjugados. Há uma grande revolução em andamento no Irã em prol das liberdades das mulheres. No Qatar, onde será realizada a Copa do Mundo, os homossexuais ainda estão sendo executados por serem considerados mentalmente doentes. Que passa a nós seres humanos que não somos capazes de respeitar ao outro só porque é diferente de nós?

Todos têm o direito de ser diferentes, isso sim, respeitando por sua vez aos demais.

VIVER E DEIXAR VIVER é um lema que tenho praticado durante toda minha vida e que faz parte de meus princípios básicos.

El sueño interminable

Pedro Rivera Jaro

La Villa de Ocaña, en la provincia de Toledo, es una pequeña ciudad llena de historia, que se refleja en su plaza mayor porticada, en sus iglesias y conventos monumentales, en sus casas solariegas y en sus lujosos y antiguos palacios. María, mi fallecida suegra, que en paz descanse, era nacida y criada en esa Villa. Ella era una mujer con una gran inteligencia natural, y con mucha gracia a la hora de contar vivencias sucedidas en su juventud, como era la historia del niño inquieto, que sin embargo durmió plácidamente durante 24 horas seguidas.

El niño tendría a la sazón como 5 años de edad. Era el menor de 4 hermanos dentro de una familia de Ocaña, bien asentada económicamente y que estaba al cuidado, como antes habían estado sus hermanos, de la señora Carmen. El niño tenía por nombre Ángel, pero la realidad era que de ángel tenía poco. Hoy diríamos de él que era un niño hiperactivo, en su época decían de él que era un “rabo de lagartija”, en alusión a lo que se retuerce y mueve en todas direcciones, dicho apéndice del réptil, cuando es separado de su cuerpo. Carmen que trabajaba como interna en la mansión, era la que mas sufría la hiperactividad del chiquillo. Al niño se le ocurrían todas las travesuras que os podáis imaginar. Un día mezclaba la sal en el azucarero, otro día añadía agua a la jarra del vino de la mesa, el siguiente día era en la leche donde echaba el agua. Hubo un día en que machacó varias guindillas de las mas picantes, y las añadió al puchero donde se estaba haciendo el cocido. El angelito no tenía desperdicio.

Para remate, por la noche dormía en la habitación de Carmen, mientras sus papás dormían plácidamente en otra habitación. Ángel no reposaba ni siquiera de

noche, porque se despertaba llorando y claro, tampoco dejaba dormir a Carmen que estaba agotada por sus muchos quehaceres diarios en el manejo de la casa y el cuidado de los cuatro niños.

Un buen día, sorprendentemente, el niño no se despertaba por la mañana. Aparentemente el niño estaba bien, únicamente sonaba raro el hecho de que durmiese tanto. Cuando llegó el mediodía y Angelito seguía durmiendo reposadamente, sus padres preguntaron a Carmen porqué el niño no se sentaba a comer con todos en la mesa familiar. Ella les dijo que seguía durmiendo y que había estado haciéndolo toda la mañana. Los padres se extrañaron, siendo conocedores del carácter del niño, y avisaron de inmediato a don Amancio, el médico de la familia, para que urgentemente viniera a casa y examinara al niño. Así lo hizo el galeno, no encontrando ningún síntoma de enfermedad en el niño. Recomendó dejarle durmiendo y que ya se vería cuando despertara por la tarde.

Así lo hicieron, aunque con inquietud. Pero resulta que a eso de las 8 de la tarde-noche, el niño seguía profundamente dormido, y los padres ya se alarmaron mucho y empezaron a preparar un viaje en el automóvil de la casa, con el niño, para llevarle al Hospital de Madrid.

En ese punto, Carmen que por otra parte adoraba al niño, confesó que con el chocolate con leche que había preparado para antes de llevarle a la cama a acostar, había mezclado unos polvos de adormidera, para ver si de esa forma la dejaba descansar esa noche, y ahora sollozaba asustada de que “mi niño”, como ella decía, no se despertara.

Pero, cuando estaban en estas, escucharon las voces que empezó a dar Angelito, proclamando que tenía mucho hambre. Y aquí tenemos a todos corriendo para que el niño comiera y saciara el hambre.

Nota: Los frailes dominicos del Convento de Santo Domingo de Ocaña, estuvieron de misioneros en el continente asiático y de allí, trajeron para usos medicinales , la simiente de adormidera, que mi suegra, la señora María llamaba amapolas reales, y que producía unas flores blancas preciosas, que cuando perdían los pétalos, quedaban sus cabezas en las puntas de los tallos, y que en su interior, contenían el látex blanco donde se incluye el opio.

Durante muchos años, yo que desconocía lo que eran realmente esas plantas, las tuve sembradas en las jardineras de mi terraza en Zarzaquemada, Leganés, por las flores tan bonitas que producían.

Un Sonho Interminável

Pedro Rivera Jaro. Traduzido ao português por Silvia C.S.P. Martinson

A cidade de Ocaña, na província de Toledo, é uma pequena cidade cheia de história, refletida em sua praça principal com pórticos, suas igrejas e conventos monumentais, suas casas ancestrais e seus luxuosos palácios antigos. Maria, minha falecida sogra, que descanse em paz, nasceu e foi criada nesta cidade. Ela era uma mulher com uma grande inteligência natural, e com grande graça quando se tratava de contar as experiências de sua juventude, como a história da criança inquieta que dormiu tranquila por 24 horas seguidas.

O menino teria cerca de 5 anos de idade na época. Ele era o mais jovem de 4 irmãos de uma família de Ocaña bem estabelecida financeiramente, e cuidado como seus irmãos e irmãs haviam sido antes, pela Sra. Carmen. O nome do menino era Angel, mas na realidade ele não era um grande anjo. Hoje diríamos que ele era uma criança hiperativa, mas em sua época costumavam dizer que ele era uma "cauda de lagarto", aludindo que gira e se move em todas as direções, o apêndice do réptil, quando ele é separado de seu corpo. Carmen, que trabalhou como interna na mansão, foi a que mais sofreu com a hiperatividade do garotinho. O garoto fazia todo tipo de travessuras que você possa imaginar. Um dia ele misturava sal no pote de açúcar, outro dia ele adicionava água ao pote de vinho sobre a mesa, no dia seguinte era no leite que ele despejava a água. Um dia ele esmagou algumas das pimentas mais fortes e as adicionou à panela onde o cozido estava sendo feito. O anjinho era imperdível.

Para completar, à noite ele dormia no quarto de Carmen, enquanto seus pais dormiam pacificamente em outro quarto. Angel não dormia nem mesmo à noite, porque acordava chorando e, é claro, também não deixava Carmen dormir, que se encontrava exausta com suas muitas tarefas diárias de cuidar da casa e das quatro crianças.

Um dia, surpreendentemente, a criança não acordou pela manhã. Aparentemente, a criança estava bem, só parecia estranho que estivesse dormindo tanto. Quando chegou o meio-dia e Angelito ainda dormia tranquilamente, seus pais perguntaram a Carmen por que a criança não se sentava para comer com todos à mesa da família. Ela lhes disse que ele ainda estava dormindo e que havia dormido a manhã toda. Os pais ficaram surpresos, conhecendo o caráter da criança. Imediatamente chamaram Don Amancio, o médico de família, para vir até a casa com urgência e examinar a criança. O médico o fez, e não encontrou sintomas de doença na mesma. Ele recomendou que a criança fosse deixada para dormir e que se veria quando acordasse à tarde.

Eles o fizeram, embora com receio. Mas aconteceu que por volta das 20 horas, a criança ainda estava dormindo profundamente e os pais ficaram muito alarmados e começaram a preparar uma viagem no carro da casa, com a criança, para levá-la ao Hospital em Madri.

Naquele momento, Carmen, que de outra forma adorava a criança, confessou que com o leite de chocolate que ela havia preparado antes de colocá-lo na cama, havia misturado um pouco de pó de semente de papoula, para ver se ela conseguiria descansar naquela noite, e agora ela chorava de medo de que "meu filho", como ela o chamava, não acordasse.

Mas, enquanto estavam nisso, ouviram as vozes que Angelito começou a proferir, proclamando que estava muito faminto. E aqui temos a todos correndo para que a criança coma e satisfaça sua fome.

Nota: Os frades dominicano do Convento de Santo Domingo de Ocaña eram missionários no continente asiático e de lá, trouxeram para usos medicinais, a semente de papoula, que minha sogra, Sra. Maria, chamou de papoula real, e que produziam lindas flores brancas e quando perdião suas pétalas, suas cabeças permaneciam nas pontas dos caules, dentro dos quais se continha o látex branco de onde o ópio está incluído.

Por muitos anos, eu não sabia o que realmente eram essas plantas, mas as tive plantadas nas jardineiras das janelas do meu terraço em Zarzaquemada, Leganés, por causa das belas flores que produziam.

España en llamas

Pedro Rivera Jaro

Estamos ahora en el mes de diciembre de 2022. Llueve con gran profusión en toda España y no escuchamos en las televisiones, emisoras de radio y prensa escrita, absolutamente nada de fuegos terroríficos que devoran nuestros montes. Desde la tranquilidad, es el momento de hacer unos comentarios referidos a esta cuestión.

Pavorosos incendios en el verano repartidos por toda la geografía española: en Galicia, provincia de Lugo, Folgoso do Courel y Pobra do Brollón. Provincia de Orense, Carballada de Valdeorras y O Barco de Valdeorras, Candeda, Riodolas. Destruídas 30.000 hectáreas de montes.

En Castilla León, provincia de Zamora, Losacio, San Martín de Tábara, Sierra de la Culebra. Destruídas 52.000 hectáreas, y muerte de un brigadista de 62 años. Provincia de Salamanca, Candelario, Las Batuecas, Monsagro, Peña de Francia. Destruídas 9.000 hectáreas. En Segovia, Navafria. En Ávila, Cebreros, Herradón de Pinares y Navalperal de Pinares, 4.000 hectáreas y 2.100 vecinos desalojados Provincia de León, Luyego, Teleno. Provincia de Valladolid, Provincia de Burgos. En Extremadura, Monfragüe, 6.000 hectáreas, Valle del Jerte y Las Hurdes de la provincia de Cáceres, en Cataluña, provincia de Barcelona, Pont de Vilomara-Bages, en el parque Natural de Sant Llorenç del Munt i l'Obac. En Aragón, provincia de Zaragoza, Ateca, 14.000 hectáreas. En Madrid, Guadarrama. En Castilla La Mancha, provincia de Guadalajara, Valdepeñas de la Sierra. Provincia de Albacete, Riopar. Por último en Andalucía, Sierra de Mijas, en Málaga.

El total de hectáreas de monte abrasadas en este verano, superan las 200.000. Sin contar el fallecimiento de varias personas, casas quemadas, establos, ganados, animales salvajes como linces, lobos, nidos de águilas, viñas, olivares, etc.

Echarle la culpa al cambio climático, es demasiado cómodo, señores. Brigadas Antiincendios del Ministerio de Transición Ecológica, Asociaciones de Bomberos Forestales, Aviones, Helicópteros, camiones Cisterna-Bomba y cientos de héroes anónimos que se juegan la vida para intentar apagar

los incendios lo antes posible, no son suficiente, cuando en el monte seco hay combustible suficiente para arder como teas árboles, matorrales, zarzas, etc.

Los Ingenieros Forestales solo buscan regular actividades, para justificar sus puestos de trabajo, desde sus cómodos despachos oficiales, desoyendo a los habitantes de los lugares del medio rural, que durante generaciones han cuidado y mantenido los campos limpios, por ser su medio de vida y donde criaban sus ganados, que comían hierba y matorrales y sembraban sus huertos, sus olivares, sus viñedos, etc. Efectuaban sus podas correspondientes y los restos de esas podas, una parte se consumía como combustible en sus hogares, en sus cocinas, en sus estufas de calefacción, que encendían con piñas de pino, retamas y ramitas. Otra parte les servía para fabricar carbón de encina y cisco. Y el resto lo quemaban en estas épocas de lluvia, en lugares donde no podían originar incendios. Limpiaban los accesos y callejas de zarzas y maleza, y los montes se mantenían limpios de ese combustible que ahora está prohibido retirar, si no hay un inspector presenciándolo, previa solicitud por parte del lugareño. Imaginen a los pastores de ovejas, de cabras o de vacas, que conocen los campos como nadie, pero que los temas burocráticos les suponen un gran esfuerzo, teniendo en cuenta que muchos de ellos no han tenido la oportunidad de pasar en el colegio el tiempo suficiente. Todo esto formaba parte de un sistema de vida que poco a poco, se ha ido abandonando al mismo ritmo que el hombre rural, se ha ido convirtiendo en urbanita, y cada día quedan menos habitantes en las zonas rurales.

Señores que se autodenominan ecologistas enseñan a los que se han criado sobre el terreno, cuidándolo y viviendo de él. Ecologistas de las macetas de la terraza de mamá, que no permiten explotaciones del monte que son centenarias en su existencia. So pretexto de cuidar a la fauna salvaje, lobos y jabalíes se enseñorean de los montes, destrozando el medio de vida que tuvieron nuestros ancestros y convirtiendo el monte en una selva impenetrable, donde en cuanto cae un rayo, una cerilla, un cigarrillo encendido, produce un desastre de dimensiones impensables.

La realidad es que hay abandono rural, la gestión forestal es prácticamente inexistente, los cortafuegos se encuentran en estado de semidestrucción, llenos de matorrales, que permiten el paso del fuego de un lado al otro de los mismos.

Mi humilde opinión es que los incendios se apagan en invierno, mediante el trabajo preventivo de limpieza de matorrales y zarzas, que consigue que cuando llega el verano, si cae un rayo y produce un incendio, nunca puede adquirir las dimensiones que adquieren ahora con los montes llenos de broza combustible que imposibilita el paso de los brigadistas antiincendios.

¿Cómo es posible que tengamos millones de parados en España, y no se contraten jornaleros en paro que se dediquen a sanear los montes, limpiar cortafuegos y hacer otros nuevos?

Recuerdo siendo yo un niño de 11 años, allá por 1961, podría ser 1962 tal vez, en el precioso pueblecito de Las Rozas del Puerto Real, provincia de Madrid, en las estribaciones de la Sierra de Gredos, de donde era oriunda mi familia materna (mis abuelos Pedro y Saturnina), y donde solíamos pasar el verano mis hermanos y yo, al cuidado de mi querida mamá, estábamos un sábado por la noche en la Verbena de Alberto, viendo el cine, que proyectaba un señor ambulante sobre una sábana blanca en un muro recto, cuando se presentó la Guardia Civil, y dio la alarma de un incendio en las cercanías del pueblo. Todos los varones que había allí, mayores de 16 años, subieron al remolque del tractor del hijo de Tía Fernanda, Pepe, y fueron hasta donde estaba el fuego quemando el monte, y con retamas verdes, hachas, escobas, azadas y cubos de agua, colaborando todos hasta que apagaron el incendio.

No había retenes antiincendios, ni helicópteros, ni aviones, ni camiones cisterna, pero lo que si había era la firme voluntad de conservar el monte y sus bosques.

Unos años más tarde también pude observar durante un invierno, en el mismo pueblo de Las Rozas del Puerto Real, que varios grupos de jornaleros del pueblo, contratados por ICONA, Instituto para la Conservación de la Naturaleza, que viene siendo equivalente a lo que hoy se denomina Medio Ambiente, limpiaban las laderas, los caminos, los bordes de las carreteras, etc, y recuerdo que durante los años que se hizo ésta labor, no hubo ni un solo incendio en el pueblo.

Después de todo esto, dejaron de contratar cuadrillas y empezó la maleza a apoderarse de todo el monte. Le pregunté a un gran amigo mío pequeño ganadero, que porqué no limpiaba y quemaba las zarzas, y me contestó que lo habían prohibido los de Medio Ambiente. No podían cortar zarzas

si no solicitaban un permiso previamente, y una vez concedido, debían de adjudicar día y hora para que estuviera presente un Agente de Medio Ambiente, para evitar supuestos abusos a la hora de quemar zarzas. Al parecer conocía mejor ese Agente el terreno de mi amigo, que él, que se había criado y cuidado toda la vida de él.

Aburren con normas de poco sentido a personas que viven por y para el monte. Los que saben son los ecologistas de macetas de terraza, que traspasan sus falsos conocimientos a las personas que nacieron en él y aprendieron de sus padres y abuelos, el respeto a la flora y a la fauna.

España en llamas.

Ayer mismo escuchaba en un chat, hablar a dos ganaderos y agricultores modestos de Extremadura, explicar lo que les está pasando. Uno de ellos mostraba según apacentaba sus cabras y sus vacas, los restos de una poda de olivos, amontonados en un prado verde, después de que sus cabras se hubieran comido todas las hojas y partes tiernas. Según una ley creada y publicada por los que él llama despectivamente “corbatines”, señalaba a Guardias Civiles y Forestales, la obligación de denunciar y multar a aquéllos que quemaran dichos restos, como se ha venido haciendo durante cientos de años. El recomendaba que los agentes forestales, mirasen para otro lado y dejasesen al pequeño agricultor que sigue resistiendo en el campo, con sus animales y sus pequeños cultivos, porque si no, va a llegar el día en que desistirán de seguir produciendo patatas, frutas, aceitunas, cabritos, terneras, etc., y luego en las ciudades vamos a comer grava.

En cuanto al otro pequeño ganadero y agricultor, mostraba un olivar que el mantuvo limpio y cuidado, entre otros olivares ya abandonados y cubiertos de maleza, que este verano había ardido completamente y no quedaban mas que los troncos desnudos. Este último ya no tenía ganas de seguir luchando y hablaba de hacer leña con los troncos, para el fuego de su casa.

Sin señalar a ningún partido político, los que mandan desde sus lujosos despachos, deberían de aprender a hablar con el pueblo, porque son los miembros del pueblo los que conocen su medio de vida, con la sabiduría trasmisita de generación en generación, y en último término, con sus

contribuciones, tasas e impuestos, contribuyen en buena medida al pago de sus sueldos de funcionarios.

Espanha em chamas

Pedro Rivera Jaro. Traduzido ao português por Silvia C.S.P. Martinson

É agora o mês de dezembro de 2022. Está chovendo profusamente por toda a Espanha e não ouvimos absolutamente nada na televisão, rádio e imprensa escrita sobre os terríveis incêndios que estão devorando nossas montanhas. É hora de fazer alguns comentários sobre esta questão.

Na Galícia, na província de Lugo, Folgoso do Courel e Pobra do Brollón. Na província de Orense, Carballada de Valdeorras e O Barco de Valdeorras, Candeda, Riodolas. 30.000 hectares de floresta destruídos.

Em Castilla León, província de Zamora, Losacio, San Martín de Tábara, Sierra de la Culebra. 52.000 hectares destruídos, e a morte de um brigadista de 62 anos. Província de Salamanca, Candelario, Las Batuecas, Monsagro, Peña de Francia. 9.000 hectares destruídos. Em Segóvia, Navafria. Em Ávila, Cebreros, Herradon de Pinares e Navalperal de Pinares, 4.000 hectares e 2.100 habitantes expulsos. Província de León, Luyego, Teleno. Província de Valladolid, Província de Burgos. Na Extremadura, Monfragüe, 6.000 hectares, Valle del Jerte e Las Hurdes, na província de Cáceres, na Catalunha, província de Barcelona, Pont de Vilomara-Bages, no Parque Natural de Sant Llorenç del Munt i l'Obac. Em Aragão, província de Zaragoza, Ateca, 14.000 hectares. Em Madri, Guadarrama. Em Castilla La Mancha, província de Guadalajara, Valdepeñas de la Sierra. Na província de Albacete, Riopar. Finalmente, na Andaluzia, Serra de Mijas, em Málaga.

O número total de hectares de florestas queimadas neste verão ultrapassa 200.000. Sem contar a morte de várias pessoas, casas queimadas, estábulos, gado, animais selvagens, como linces, lobos, ninhos de águias, vinhedos, oliveiras, etc.

Culpar a mudança climática é muito fácil, senhores. Os Bombeiros do Ministério de Transição Ecológica, Associações de Bombeiros Florestais, Aviões,

Helicópteros, Caminhões Tanque-Bomba e centenas de heróis anônimos que arriscam suas vidas para tentar apagar incêndios o mais rápido possível, não são suficientes, quando na floresta seca há combustível suficiente para queimar como árvores, arbustos silvestres, etc.

Os Engenheiros Florestais só procuram regular a atividade, para justificar seu trabalho, a partir de seus confortáveis escritórios oficiais, ignorando os habitantes das áreas rurais, que por gerações cuidaram e mantiveram os campos limpos, para seu sustento e onde criavam seu gado que comia grama e arbustos e plantavam ali seus pomares, olivais, vinhedos, etc. Eles realizavam a poda correspondente e os restos desta poda eram utilizados como combustível em suas casas, em suas cozinhas, em suas panelas de aquecimento, que eles acendiam com pinhas, vassouras e galhos. Outra parte era usada para fazer carvões de azinheira e de cisco. E o resto era queimado durante a estação chuvosa, em lugares onde não podiam iniciar incêndios. Eles limpavam os acessos e vielas de selvas e mato, e as montanhas se mantinham limpas deste combustível, que agora é proibido de ser removido a menos que um inspetor esteja presente, a pedido dos moradores locais. Imaginem pastores de ovelhas, cabras ou vacas, que conhecem o campo como ninguém, que, todavia acham as questões burocráticas um grande esforço, considerando que muitos deles não tiveram a oportunidade de passar tempo suficiente na escola. Tudo isso foi parte de um modo de vida que foi gradualmente abandonado à medida que o homem do campo se tornou um citadino, e a cada dia restam menos e menos habitantes nas áreas rurais.

Cavalheiros que se dizem ecologistas ensinam àqueles que cresceram na terra, cuidando dela e vivendo dela. Ecologistas dos vasos do terraço da mãe, que não permitem a exploração da floresta, que existe há centenas de anos. Sob o pretexto de cuidar da vida selvagem, lobos e javalis estão tomando conta das montanhas, destruindo o sustento de nossos ancestrais e transformando a floresta em uma selva

impenetrável, onde desde que um raio a atinja, um fósforo, um cigarro aceso, produzirá um desastre de proporções inimagináveis.

A realidade é que existe abandono rural, o manejo florestal é praticamente inexistente, os corta-fogos estão em estado de semidestruição, cheios de matos que permitem o caminho do fogo de um lado ao outro.

Minha humilde opinião é que os incêndios se extinguem no inverno, através do trabalho preventivo de limpeza de matos e arbustos, o que significa que quando chega o verão, se um raio atingir e causar um incêndio, ele nunca poderá adquirir as dimensões que está adquirindo agora com as montanhas cheias de matos, combustíveis que impossibilitam a passagem dos bombeiros.

Como é possível que tenhamos milhões de desempregados na Espanha e que não sejam contratados trabalhadores diaristas desempregados para limpar as florestas, limpar os corta fogos e construir novos?

Lembro-me de ser um menino de 11 anos, em 1961, talvez 1962, no belo vilarejo de Las Rozas del Puerto Real, na província de Madri, no sopé da Serra de Gredos, de onde vinha a família de minha mãe (meus avós Pedro e Saturnina), e onde eu e meus irmãos passávamos o verão, aos cuidados de minha querida mãe, costumávamos passar o verão, estávamos um sábado à noite em Verbena de Alberto, assistindo ao cinema, projetado por um homem itinerante sobre um lençol branco em uma parede reta, quando a Guarda Civil apareceu e deu o alarme de incêndio nas proximidades do vilarejo. Todos os homens que estavam lá, com mais de 16 anos de idade, entraram no trailer do trator do filho de tia Fernanda, Pepe, e foram para onde o fogo estava queimando no mato, e com vassouras verdes, machados, vassouras, enxadas e baldes de água, todos eles trabalharam juntos até que o fogo fosse extinto.

Não havia unidades de combate a incêndios, helicópteros, aviões ou caminhões pipa, mas o que havia era uma vontade firme de conservar a floresta e seu bosque.

Alguns anos depois pude observar também durante um inverno, na mesma aldeia de Las Rozas del Puerto Real, que vários grupos de trabalhadores diurnos da aldeia, contratados pelo ICONA, o Instituto para a Conservação da Natureza, que é equivalente ao que hoje é chamado de Meio Ambiente, limpam as encostas, caminhos, as ladeiras das estradas, etc., e lembro que durante os anos em que este trabalho foi feito, não houve um único incêndio na aldeia.

Depois de tudo isso, eles deixaram de contratar equipes e o matagal começou a tomar conta de toda a floresta. Perguntei a um grande amigo meu, um pequeno criador de gado, por que ele não limpou e queimou os arbustos, e ele respondeu que o Meio Ambiente havia proibido isso. Eles não podiam cortar arbustos a menos que tivessem solicitado previamente uma licença e, uma vez concedida, tinham que organizar um dia e uma hora para que um Agente Ambiental estivesse presente, para evitar supostos abusos quando se tratasse de queimar arbustos. Parece que este agente conhecia a terra do meu amigo melhor do que ele, que tinha crescido e se preocupado com ela a vida toda.

Eles aborrecem as pessoas que vivem por e para a floresta com regras, que fazem pouco sentido. Os que sabem são os ecologistas de vasos no terraço, que transmitem seus falsos conhecimentos à pessoas que nasceram ali e aprenderam o respeito pela flora e fauna de seus pais e avós. Arbustos, que permitem a passagem do fogo de um incêndio para o outro.

Ainda ontem eu estava ouvindo dois modestos agricultores e criadores de gado da Extremadura em uma sala de bate-papo, explicando o que está acontecendo com eles. Um deles estava mostrando, enquanto pastava suas cabras e vacas, os restos

de uma poda de oliveira, empilhados em um prado verde, depois que suas cabras tinham comido todas as folhas e partes tenras. De acordo com uma lei criada e publicada por aqueles que ele desdenhosamente chamou de "corbatines", ele assinalava a Guarda Civil e Florestal, a obrigação de denunciar e multar aqueles que queimaram tais restos, como tem sido feito por centenas de anos. Ele recomendou que os agentes florestais olhassem para o outro lado e deixassem de lado os pequenos agricultores que continuam a resistir no campo, com seus animais e suas pequenas colheitas, porque se não, chegará o dia em que desistirão de produzir batatas, frutas, azeitonas, cabras, bezerros, etc., e então nas cidades comeremos cascalho.

Enquanto isso outro criador e agricultor, mostrou um olival que tinha mantido limpo e cultivado, entre outros olivais já abandonados e superprotegidos com ervas daninhas que neste verão tinham queimado completamente e só restaram os troncos nus. Este último não estava mais disposto a continuar lutando e falou em fazer lenha dos troncos para a fogueira em sua casa.

Sem destacar nenhum partido político, aqueles que governam de seus luxuosos escritórios deveriam aprender a falar com o povo, pois são os membros do povo que conhecem seu modo de vida, com a sabedoria transmitida de geração em geração e, finalmente, com suas contribuições, taxas e impostos, contribuem em grande parte para o pagamento de seus salários como funcionários públicos.

Justicia catalana

Pedro Rivera Jaro

Aproximadamente en el año 1920, mi abuelo Pedro compró un terreno en la zona sur de Madrid, que en aquellos años pertenecía al pueblo de Villaverde Alto y que, hacia mediados del siglo XX pasó a ser parte de Madrid, distrito Arganzuela-Villaverde, donde quería construir su casa y la casa de sus hijos mayores, ya casados. El primero que construyó una casa por allí, fue un hombre llamado Aurelio y apodado El Loco, haciendo alusión al estado que suponían, debía de tener en su cabeza una persona, para atreverse a ir a vivir allá, en aquellos barzales en medio de campos de cultivo de cereales. Allí se fue formando, una calle-barrio denominado Barrio de los Locos, donde se instalaron varios familiares de mi abuelo, como por ejemplo, Tía Marcelina, su hermana mayor, con su esposo e hijas.

El Ayuntamiento de Madrid nombró a aquella calle, Barrio de San José, y este nombre se mantuvo hasta los años 60, en que fue cambiado y pasó a denominarse calle de San Fortunato, nombre que sigue ostentando actualmente.

En la casa de mi abuelo Pedro nació en 1923, mi madre Victoria, y en 1950 nací yo. Después, en 1952 nació mi hermana Maribel, en 1955 mi hermano Félix y el más pequeño de los cuatro, Javi, vino al mundo en 1958.

Todos aquellos campos de labor fueron poblándose de edificios en el transcurrir de los años. En los años 20 fue construida la Colonia Alfonso XIII, que con el advenimiento de la Segunda República pasó a denominarse Colonia Popular Madrileña, y a partir de 1939 fue reconstruida sobre los restos ocasionados por los bombardeos de la Guerra Civil (o mejor Incivil), debido a que toda la barriada fue un frente de guerra. Esta colonia construida sobre las ruinas se denominó Colonia de San

Fermín, y todas sus calles tienen nombres que nos recuerdan a Navarra, la Avenida de los Fueros, las calles Zalacain, Oteiza, Lodosa, Navascués, Amaya, y de hecho la festividad del 7 de Julio, día de San Fermín traía la celebración de las verbenas a nuestro barrio.

En el año 1959 se construyó a continuación de los terrenos de dicha Colonia, el Poblado de San Fermín, a cargo de la Obra Sindical del Hogar, del Ministerio de la Vivienda. Y por la parte contraria, es decir , la zona norte, que era la mas cercana al Barrio de las Carolinas, se construyeron San Mario, la Colonia de Andalucía, las Torres de Carabelos, etc. Las construcciones limitaban por el este con el Camino de Perales, antiguo camino de tierra, por el que arribaban al Matadero Municipal de Madrid, en Legazpi, los rebaños de ganados para su sacrificio. Recuerdo que en alguna ocasión siendo niño se escapaba algún toro bravo y enseguida los vecinos avisaban para guardarse dentro de las casas hasta que pasaba el peligro.

La casa de mi abuelo Pedro, en el año 1972 y parte del 73, se derruyó y en su lugar se construyeron 2 bloques de viviendas. En una de aquellas viviendas nuevas vivimos mis padres, mis hermanos y yo, concretamente en el 2ºD del número 24 de la calle San Fortunato.

En diciembre de 1973 falleció repentinamente mi padre, como resultado de un derrame cerebral, a la edad de 50 años. Mi madre que tenía idéntica edad que mi padre, quedó viuda y muy desconsolada.

A mi madre le quedaba como único consuelo, el orgullo de tenernos a nosotros, sus cuatro hijos, y cada día cuando marchábamos a nuestros respectivos trabajos, ella permanecía en la terraza de casa, observándonos hasta que desaparecíamos de su vista.

Un día que mi madre estaba observando como mi hermana Maribel, con su Seat 600 Blanco bajaba la calle hacia el Camino de Perales, convertida para entonces en una calle perfectamente asfaltada. Cuando estaba llegando a escasos metros de dicha calle, irrumpió en la entrada de San Fortunato un camión de reparto de bebidas (cervezas, gaseosas, refrescos, etc.), cuya anchura impedía el paso de cualquier otro vehículo en dirección contraria, obligando a mi hermana a dar marcha atrás, al tiempo que el daba fuertes toques de claxon, para que el camión pudiera llegar a descargar en la tienda de bebidas, que estaba como 50 metros mas adelante. El repartidor podría haber facilitado perfectamente la salida del Seat 600, que se encontraba a dos metros de salir a la otra calle, pero en un gesto de altanería y soberbia, obligó a mi hermana a dar marcha atrás calle arriba.

Pero para su desgracia, mi madre que había observado las maniobras desde su observatorio de la terraza, bajó corriendo las escaleras y corrió por mitad de la calle, obligando a parar a mi hermana, y continuó corriendo hasta llegar a donde el conductor del camión estaba descargando cajas de gaseosa. Era un hombre de unos 35 años, con una fuerte apariencia física. Mi madre puesta frente a él, le asentó dos tremendas y sonoras bofetadas en ambas mejillas, y al mismo tiempo le decía a voces: "ERES UN ABUSON Y UN SINVERGUENZA. Ahora mismo te subes al camión y das marcha atrás, como le has hecho tu a mi hija, que va a salir ella de la calle, antes de que tu vuelvas a entrar"

El repartidor atónito, mitad sorprendido, mitad asustado, subió a la cabina de su camión y dio marcha atrás. A continuación mi hermana salió de la calle con su utilitario, mientras mi madre, echando chispas por sus ojos regresó a casa, presa de una tremenda descarga de adrenalina y furiosa por el abuso de aquel hombre.

Mi madre que era una persona extraordinariamente cariñosa y buena, tuvo en aquella ocasión, una iracunda reacción contra lo que consideró un insopportable abuso sobre una jovencita conductora, que además era su hija.

Todo lo anterior os lo cuento hoy, en homenaje a mi querida mamá, en el quinto aniversario de su fallecimiento, cuando contaba 94 años de edad.

Justiça catalã

Pedro Rivera Jaro. Traduzido ao português por Sílvia C.S.P. Martinson

Por volta de 1920, meu avô Pedro comprou um terreno na parte sul de Madri, que naqueles anos pertencia ao vilarejo de Villaverde Alto e que, em meados do século XX, passou a fazer parte de Madri, no distrito de Arganzuela-Villaverde, onde ele queria construir sua casa e a casa de seus filhos adultos, que já eram casados. A primeira pessoa a construir uma casa ali foi um homem chamado Aurelio, apelidado de El Loco, aludindo ao estado que uma pessoa deve ter tido na cabeça para ousar ir morar ali, naquelas áreas lamacentas no meio dos campos de cereais. Um bairro de rua chamado Barrio de Los Locos foi formado ali, onde vários parentes de meu avô se estabeleceram, por exemplo: tia Marcelina, sua irmã mais velha com seu marido e suas filhas.

A Prefeitura de Madri nomeou a rua Barrio de San José, e este nome foi mantido até os anos 60, quando foi mudado para rua de San Fortunato, o nome que ainda hoje leva.

Minha mãe Victoria nasceu na casa do meu avô Pedro em 1923 e eu nasci em 1950. Mais tarde, em 1952, minha irmã Maribel nasceu, em 1955 meu irmão Felix e o mais novo dos quatro, Javi, veio ao mundo em 1958.

Com o passar do anos, todos esses campos de trabalho se tornaram povoados de edifícios.

Na década de 1920 foi construída a Colônia Alfonso X!!!, que com o advento da Segunda República ficou conhecida como a Colônia Popular

Madrilenha, e a partir de 1939 foi reconstruída sobre os restos causados pelos bombardeios da Gerra Civil (ou melhor, da Guerra Incivil), porque toda a vizinhança era uma frente de guerra. Esta colônia construída sobre as ruínas se chamou Colonia de San Fermin, e todas suas ruas têm nomes que nos lembram Navarra, a Avenida de Iós Fueros, as ruas Zalacain, Oteiza, Lofosa, Navascués, Amaya, e de fato as festividades de 7 de julho, o dia de San Firmin, trouxe à celebração de festivais ao nosso bairro.

Em 1959 o Assentamento San Firmin foi construído em continuação da referida Colônia, sob os auspícios da Obra Sindical del Hogar, do Ministério da Habitação. E do lado oposto, ou seja, a área norte, que era a mais próxima do bairro das Carolinas, San Mario, a Colônia de Andalucia, as Torres de Carabelos, etc. foram construídas. Os prédios margeados ao leste pelo Caminho de Perales, uma antiga estrada de terra, ao longo da qual os rebanhos de gado chegavam ao Matadouro Municipal de Madri, em Legazpi, para serem abatidos.

Lembro que em algumas ocasiões, quando eu era criança, se um touro feroz escapava os vizinhos avisavam imediatamente as pessoas para ficarem dentro de casa até que o perigo tivesse passado.

A casa de meu avô Pedro, em 1972 e parte de 73, foi demolida e dois blocos de apartamentos foram construídos em seu lugar. Meus pais, meus irmãos e eu morávamos em uma dessas novas casas, na 2^a D do número 24 da rua San Fortunato.

Em dezembro de 1973, meu pai morreu subitamente, como resultado de um derrame cerebral, aos 50 anos de idade. Minha mãe tinha a mesma idade que meu pai, ficou viúva e muito abalada.

O único consolo de minha mãe era o orgulho de ter a nós, seus quatro filhos. E todos os dias quando saímos para nossos respectivos empregos, ela ficava no terraço da casa, nos observando até que desaparecêssemos de sua vista.

Um dia minha mãe estava observando minha irmã Maribel em seu Seat 600 branco, descendo a rua em direção ao Camino Perales, que até então havia se tornado uma rua perfeitamente asfaltada. Quando ela estava a poucos metros da rua, um caminhão de entrega de bebidas (cervejas, refrigerantes, etc.) surgiu na entrada da San Fortunato, cuja largura impedia que qualquer outro veículo seguisse na direção oposta, forçando minha irmã a fazer marcha à ré, enquanto ele buzinava alto, para que o caminhão pudesse chegar para descarregar na loja de bebidas, que ficava cerca de 50 metros mais adiante. O entregador poderia ter facilitado a saída do Seat 600, que ficava a dois metros da saída para a outra rua, mas em gesto altivo e arrogante ele forçou minha irmã a fazer marcha à ré na rua.

Mas para sua desgraça, minha mãe que tinha observado as manobras de seu observatório no terraço, desceu as escadas correndo e correu pelo meio da rua, obrigando minha irmã a parar e continuou correndo até chegar onde o motorista do caminhão estava descarregando caixas de refrigerantes. Ele era um homem de cerca de 35 anos, com uma aparência física forte. Minha mãe ficou diante dele e o esbofeteou duas vezes com força e

sonoramente alto, nas duas bochechas, ao mesmo tempo gritando: "VOCÊ É UMA PESSOA ABUSADA E CANALHA". Agora você entra no caminhão e volta, assim como fez com minha filha que sairá pela rua antes que voltes a entrar.

O repartidor atônito, meio surpreendido, meio assustado, subiu na cabine do seu caminhão e deu marcha a ré. Em seguida minha irmã saiu da rua com seu utilitário, enquanto minha mãe largando chispas pelos olhos regressou à casa presa de descarga de adrenalina e furiosa pelo abuso daquele homem.

Minha mãe que era uma pessoa extraordinariamente carinhosa e boa teve naquela ocasião uma irada reação contra o que considerou um insuportável abuso contra uma menininha condutora, ademais por ser sua filha.

Tudo o que anteriormente os contei, hoje é em homenagem a minha querida mãe no quinto aniversário de seu falecimento, quando contava 94 anos de idade.

Madri a 27 de setembro de 2022.

La bestia asesina (Viva la muerte)

Pedro Rivera Jaro

El Pardo es un pueblo de los alrededores de Madrid, donde los reyes de España dada la riqueza cinegética, construyeron un Palacio, donde gustaban de pasar sus jornadas de caza. Allí pastaban venados, jabalíes, conejos y perdices en abundancia. Por su término discurría el río Manzanares, donde podían pescarse barbos y otros peces de agua dulce como las bogas por ejemplo.

Tenían poblados encinares que criaban cantidades ingentes de bellotas que servían sobre todo para alimentar a los animales salvajes citados. Se fueron construyendo allí varios cuarteles para la protección del Palacio Real y las personas pertenecientes a la realeza y su corte de nobles. Al acabar la guerra Civil, en el año de 1939, el General Franco, nombrado Generalísimo de los ejércitos, pasó a habitar dicho Palacio, por estar lo suficientemente protegido ante posibles y eventuales ataques, y al mismo tiempo se fortalecieron las guarniciones militares que allí existían.

El río Manzanares poseía grandes depósitos de arena limpia, que se utilizaba y se sigue utilizando para la construcción de edificios. Al principio de los años cincuenta, mi padre, Félix Rivera González, con un pequeño camión, transportaba la arena a varias construcciones, como por ejemplo recuerdo en las colonias Experimentales de San Vicente Paul, próximas a la Glorieta Elíptica o de Fernández Ladreda, que por ambos nombres se la conoce. En aquella época España vivía en la autarquía más absoluta, provocada por el aislamiento al que fue sometida por las denominadas democracias europeas,

como Francia y Gran Bretaña, hasta que en el año 1959, el Presidente de USA, Eisenhower, visitó nuestro país y dio la señal para que empezaran a abrirse las puertas de España a la llegada de todos los adelantos existentes en Europa, incluyendo medicamentos como la penicilina para curar infecciones. Para castigar al General Franco, hacían padecer todo tipo de penurias y escaseces al pueblo español. Como siempre el pueblo llano pagaba todas las facturas de lo que no había consumido.

Explico esto, porque entonces no existían máquinas excavadoras para cargar los camiones con la arena, ni con la grava, ni con los ladrillos, etc. Todo se hacía a fuerza del sudor de los trabajadores, como mi padre y su ayudante Vicente Rosel , el Chato.

Tenían primero que sacar con las legonas, la arena del cauce del río (las legonas son una especie de azadas grandes, con largo mango, del cual se tiraba hasta la orilla). Después de sacar la arena a la orilla, con palas se cargaba en la caja del camión, hasta que estaba llena y después se procedía a conducir el camión cargado hasta las obras de construcción. Esto lo hacían una y otra vez, mientras les duraba el día, con otro agravante, que tenían las ruedas racionadas y necesariamente tenían que trabajar con ruedas viejas y parcheadas que tenían que reparar constantemente porque reventaban con mucha frecuencia, máxime si tenemos en cuenta que las carreteras eran estrechas y llenas de baches, o incluso a veces no había asfalto, ni adoquinado, sino que eran simples caminos de tierra y zahorra en el mejor de los casos. Personas como mi padre y toda su generación trabajaron hasta el agotamiento, para levantar aquella España de miseria y escasez.

Nunca podremos agradecer bastante a aquellas personas por su esfuerzo y dedicación en el empeño de conseguir sacar adelante a mi generación y las siguientes.

Pues bien uno de aquellos días en que mi padre había cargado el camión y se dirigía por aquel estrecho camino hacia la carretera general, escuchó una bocina que sonaba insistentemente y por el espejo retrovisor pudo ver un automóvil de los que

llamaban Haigas, pidiendo paso. Mi padre inmediatamente buscó donde poder orillarse y permitir el adelantamiento, pero no encontraba donde hasta pasados unos cientos de metros, y pudo encontrarlo y se aparcó a la orilla. El lujoso automóvil le adelantó, y se le cruzó delante, bajándose un señor de uniforme, muy furioso,

que sacando una pistola de la cartuchera comenzó a proferir insultos y amenazas contra mi padre, que totalmente asustado y aterrorizado, solo acertaba a pedir disculpas y a decir que no había podido apartarse antes. Aquel señor que amenazaba con descerrajar dos tiros en la cabeza de mi padre, tenía un brazo cortado y le faltaba un ojo. Se trataba ni más ni menos que del Fundador de la Legión, Millán Astray. Yo que siempre he admirado y admiro a los valientes legionarios por sus heroicos comportamientos en combate, al conocer esta historia años después de haber sucedido de labios de mi progenitor, sentí una profunda pena y un furioso rencor por aquel señor , que en aquellos momentos podría haberme dejado huérfano de padre, sin más motivo que un estallido furioso de soberbia. Después de muchos años he entendido el significado del Grito de don Miguel de Unamuno: Viva la vida, en contraposición de aquel otro que proclamaba Millán Astray: Viva la muerte.

A besta assassina (Viva a morte)

Pedro Rivera Jaro. Traduzido ao português por Sílvia C.S.P. Martinson

O Pardo é uma vila nos arredores de Madri, aonde os reis da Espanha, dada a riqueza cinegética, construíram um palácio, onde gostavam de passar suas jornadas de caça. Ali pastavam veados, javalis, coelhos e perdizes em abundância. Ao seu final corria o rio Manzanares, aonde se podiam pescar barbos e outros peixes de água doce como as bogas por exemplo. Tinham aldeias de azinheiras que produziam enormes quantidades de bolotas que serviam sobretudo para alimentar os animais selvagens citados. Se foram construindo ali vários quartéis para a proteção do Palacio Real e das pessoas pertencentes a realeza e a corte dos nobres. Ao acabar a guerra civil, no ano de 1939, o General Franco, chamado Generalíssimo dos exércitos, passou a habitar o palácio por estar este suficientemente protegido ante possíveis e eventuais ataques, ao mesmo tempo que se fortaleciam as guarnições militares que ali existiam.

O rio Manzanares possuía grandes depósitos de areia limpa que se utilizava e segue se utilizando a construção de edifícios. Em princípios dos anos cinquenta, meu pai, Felix Rivera González, com um pequeno caminhão , transportava areia a varias construções, como por exemplo, recordo, das colônias Experimentais de San Vicente Paul, próximas a Glorieta Elíptica ou de Fernández Ladreda, que é conhecida por ambos os nomes. Naquela época a Espanha vivia em autarquia absoluta, provocada pelo isolamento a que foi submetida pelas denominadas democracias europeias, como França e Grã Bretanha , até que no ano de 1959 o presidente dos Estados Unidos da America, Eisenhower, visitou nosso país e deu

sinal para que começassem a abrirem-se as portas da Espanha aos avanços existentes na Europa, incluindo ao medicamentos como a penicilina para curar infecções. Para castigar ao General Franco faziam padecer todo tipo de penúrias e escassez ao povo espanhol. Como sempre o povo simples pagava todas as faturas do que não havia consumido.

Isto se explica porque então não existiam máquinas escavadoras para carregar os caminhões com areia, cascalho com tijolos, etc. Tudo era feito à força do suor dos trabalhadores, como meu pai e seu ajudante Vicente Rosel, o Chato.

Tinham que tirar primeiro a areia do leito do rio com enxadas grandes com cabo longo que puxavam a areia até beira do rio.

Depois de tirar a areia até a beira do rio, com pá se carregava até a caixa do caminhão até que estivesse cheia. para conduzir o mesmo carregado até as obras em construção. Isto era feito uma e outra vez enquanto durava o dia, com outro agravante, pois tinham as rodas racionadas e necessariamente há viam de trabalhar com rodas velhas e remendadas que necessitavam serem reparadas constantemente porque rebentavam com frequência, máxime que tenhamos em conta que as estradas eram estreitas e cheias de buracos, inclusive as vezes não havia asfalto, nem pavimento, senão eram simples caminhos de terra e cascalho no melhor dos casos.

Pessoas como meu pai e toda sua geração trabalharam até o esgotamento para levantar aquela Espanha de miséria e escassez. Nunca poderemos agradecer bastante àquelas pessoas por seu esforço e dedicação na busca de conseguir tocar adiante a minha geração e as seguintes.

Pois bem, em um daqueles dias em que meu pai havia carregado o caminhão e se dirigia por aquele estreito caminho até a estrada geral, escutou uma buzina que soava insistente e pelo espelho retrovisor pode ver um automóvel que chamavam Haiga pedindo passagem. Meu pai imediatamente buscou onde poder estacionar e permitir a passagem, porém não encontrava aonde até que passadas uma centena de metros aí pode encontrar onde estacionar.

O luxuoso automóvel se adiantou e parou a frente, baixou um senhor de uniforme muito furioso que sacando de uma pistola da cartucheira começou a proferir insultos e ameaças contra meu pai, que totalmente assustado e aterrorizado solo conseguia pedir desculpas e dizer que não havia podido estacionar antes.

Aquele senhor que ameaçava com descerrar tiros na cabeça de meu pai, tinha um braço cortado e lhe faltava um olho. Tratava-se nem mais nem menos que o fundador da Legião Millán Astray. Eu sempre admirei e admiro os valentes legionários por seus heroicos comportamentos em combate. Ao conhecer esta historia, anos depois de haver sucedido, pelos lábios de meu progenitor senti uma profunda pena e um furioso rancor por aquele senhor, que naqueles momentos poderia ter-me deixado órfão de pai sem um maior motivo que um estalido de soberba.

Depois de muitos anos entendi o significado do grito de Don Miguel Unamuno: Viva a vida, em contraposição daquele outro proclamado por Millán Astray: Viva a morte.

La guerra de Melilla en 1909

Pedro Rivera Jaro

Una de las guerras de España en Marruecos tuvo lugar el año 1909. A aquella guerra, como a todas las guerras, contribuyó el pueblo con su sangre más joven y también con sus oficiales militares más valientes, como el Capitán Melgar. Los políticos originan las guerras y los hijos del pueblo, que no tienen dinero para pagar la Bula de Salvación, y evitar la entrada a filas, vierten su sangre en defensa de intereses de unos pocos poderosos a los que ni siquiera conocen. Todo ello en nombre de la PATRIA. Pues bien, mi abuelo paterno, Apolonio, que tenía a la sazón 21 años, fue uno más de aquellos jóvenes.

Cuando yo tenía como 12 años, mi abuelo ya debía de contar como 74 años, y debido a una insuficiencia de su riego sanguíneo, durante las noches sufría episodios que le hacían llamar en sueños a su madre, dando voces y despertando a mi tía Lucía y a mis primas Isabel y Rosita. Para compartir esa pequeña contrariedad, porque el resto del tiempo mi abuelo era una persona muy cariñosa con su familia y muy apreciado por vecinos y amigos, decidieron los cinco hijos, o sea, mis tíos y mi padre, acompañarle cada noche por turno y así, el resto de familia podía descansar. El problema surgía porque mi padre y mi tío Víctor eran camioneros y a veces el sueño durante la conducción, podía interrumpir la concentración que requiere conducir un camión, como le ocurrió en una ocasión a mi tío Víctor, que se salió de la carretera y afortunadamente no tuvimos que sufrir graves consecuencias. Para evitar esto, los nietos cuando era estrictamente necesario que nuestro padre o tío durmieran, hacíamos el acompañamiento al abuelo durante la noche, para atenderle con todo el cariño que nuestros mayores merecen.

Mi abuelo no acostumbraba a hablar demasiado, pero de vez en cuando contaba alguna cosa, siempre con mucho cariño y una sonrisa en su cara. A mi padre le llamaba cariñosamente el Negro, porque era moreno de pelo y de piel, curtida por el sol. Decía de él, que siempre fue diferente a los demás hermanos. Otro recuerdo que tengo, puede que de los primeros de mi vida consciente, era en un día soleado, precioso, en el que estaba mi padre y mis tíos en un campo de lo que hoy es la Ciudad de los Angeles, en Madrid, y mi abuelo conmigo, mientras ellos recogían en ese campo la cosecha de garbanzos, mi abuelo me llevó debajo de un gran depósito de agua, cuyos soportes eran columnas de hierro, y allí se quitó su boina negra, que siempre vestía en su cabeza, y me tomó la mano, sacando del interior de la boina un grillo negro, que pretendía que yo tomara en mi mano, pero que a mí me daba miedo. Su sonrisa era completa, su boca y sus ojos estaban iluminados, y hablándome muy suavemente me decía: no tengas miedo hijo, mira no hace nada. ¿Ves como lo tengo yo? Mi miedo desapareció y cogí el grillo que, después de un rato lo soltamos, para que siguiera viviendo libre. También me contó, durante una noche que le velaba y despertó, acerca de cuando estuvo combatiendo en la Guerra de Melilla, donde estuvo a punto de morir por efecto de la peste y por los combates con los Kabileños.

El era acemilero, o sea que se ocupaba del cuidado y manejo de las mulas o acémilas, que eran el transporte fundamental en aquellos terrenos abruptos, para el armamento pesado, municiones y otros suministros en general necesarios en aquella situación. Cada día tenía que llevar las mulas a beber agua a una fuente, a la que había que acceder bajando por un barranco, en cuya parte más baja estaba el abrevadero. Desde lo alto de los cerros que bordeaban el barranco, los Kabileños ocultos disparaban con sus fusiles a los soldados españoles de abajo, y les producían muchas bajas. Mi abuelo me contaba que se arrimaba a una de las mulas, resguardándose detrás de la cabeza, cuello y patas del animal, y así le servía de

parapeto. Aquel Barranco era denominado Del Lobo. En aquel momento entendí la canción que oía cantar a las niñas cuando yo era más pequeño, mientras ellas saltaban a la comba: “En el Barranco del Lobo// hay una fuente que mana// sangre de los españoles// que murieron por España.// Pobrecita niña // ¿cuánto llorará?// al ver a su novio// que a la guerra va. //Ni me peino ni me lavo, // ni me pongo la mantilla, //hasta que vuelva mi novio, // de la guerra de Melilla. // Pobrecita niña //¿cuánto sufrirá // pensando en su novio // que en la guerra está?

Otra cosa que me contaba era como le rescató de entre los muertos y desahuciados por la peste un paisano, compañero y amigo suyo, cuyo nombre no recuerdo, aunque si su apellido que era Ramos, cuando le llevaron los enfermeros a un barracón al que arrojaban los muertos víctimas de la terrible peste que se desató entre los componentes del ejército español de África. Cuando su amigo Ramos pudo ir a verle a la compañía y se enteró de que se lo habían llevado al depósito de cadáveres, dijo que no podía ser, que por la mañana le había visto recuperándose, despacito pero recuperándose. No contento con la situación, se dirigió al Depósito, y comprobó que la puerta del mismo estaba cerrada con candado, pero encontró una ventana que no estaba bien cerrada, y por ella pasó al interior. Buscó allí a mi abuelo hasta encontrarle, y comprobar que seguía vivo. Cargó con él sobre su espalda y lo arrastró hasta la ventana, sacándole al exterior y llevándole hasta la compañía, con la ayuda de otro compañero que le esperaba fuera del Depósito de Cadáveres.

Aquel tremendo gesto de solidaridad, amistad y compañerismo, siempre lo he tenido presente y sin él, probablemente yo no existiría ni estaría contándoos esta historia. Mi abuelo Apolonio se curó y llegó a vivir cerca de 80 años. Aquel amigo que le sacó literalmente de entre los muertos, visitaba en Madrid la casa de mi abuelo y yo le

veía cuando era un niñito, pero yo entonces desconocía lo que os estoy contando, y que era el origen y cimiento de su gran amistad que duró hasta su muerte.

A guerra da Melilha em 1909

Pedro Rivera Jaro. Traduzido para o português por SÍLVIA C.S.P. MARTINSON

Uma das guerras da Espanha no Marrocos ocorreu em 1909. Para essa guerra, como para todas as guerras, o povo contribuiu com seu sangue mais jovem e também com seus oficiais militares mais corajosos, como o Capitão Melgar. Os políticos causam guerras e os filhos do povo, que não têm dinheiro para pagar a Bula de Salvação e evitar o recrutamento, derramam seu sangue em defesa dos interesses de algumas pessoas poderosas que nem sequer conhecem. Tudo isso em nome da PÁTRIA. Bem, meu avô paterno, Apolônio, que na época tinha 21 anos, era um desses jovens.

Quando eu tinha uns 12 anos, meu avô devia ter uns 74 anos, e devido a uma insuficiência de seu suprimento de sangue, durante as noites ele sofreu episódios que o fizeram chamar sua mãe durante o sono, gritando e acordando minha tia Lucia e minhas primas Isabel e Rosita. Para compartilhar este pequeno aborrecimento, porque o resto do tempo meu avô era uma pessoa muito carinhosa com sua família e muito apreciada pelos vizinhos e amigos, os cinco filhos, ou seja, meus tios e meu pai decidiram acompanhá-lo todas as noites por sua vez, para que o resto da família pudesse descansar. O problema surgiu porque meu pai e meu tio Victor eram ambos condutores de caminhão e às vezes dormiam enquanto dirigiam podiam interromper a concentração necessária para dirigir um caminhão, como aconteceu em uma ocasião com meu tio Victor, que saiu da estrada e felizmente não tivemos que sofrer nenhuma consequência séria. Para evitar isso, nós netos, quando era estritamente necessário que nosso pai ou tio dormisse, acompanhávamos nosso avô durante a noite, para cuidar dele com todo o carinho que nossos mais velhos merecem.

Meu avô não costumava falar muito, mas de vez em quando ele dizia algo, sempre com muito carinho e um sorriso no rosto. Ele chamou carinhosamente meu pai de "el Negro" (o preto), porque seu cabelo e sua pele eram escuros e bronzeados pelo sol. Ele costumava dizer que sempre foi diferente de seus irmãos. Outra memória que tenho, talvez uma das mais antigas da minha vida consciente, foi num dia ensolarado e bonito, quando meu pai e meus tios estavam em um campo no que é hoje a Cidade dos Anjos, em Madri, e meu avô estava comigo, enquanto colhiam grão de bico no campo, meu avô me levou sob um grande tanque de água, cujos suportes eram colunas de ferro, e lá ele tirou sua boina preta, que sempre usava na cabeça, e pegou minha mão, tirando de dentro da boina um grilo preto, que ele queria que eu pegasse na mão, mas que me assustava. Seu sorriso estava completo, sua boca e seus olhos estavam iluminados, e falando comigo muito suavemente ele me disse: não tenha medo filho, olhe, não faz nada. Veja como eu o tenho? Meu medo desapareceu e peguei o grilo, e depois de um tempo o soltamos, para que ele pudesse continuar vivendo livre. Ele também me contou, durante uma noite que eu o vigiei e o acordei, sobre quando ele estava lutando na Guerra de Melilla, onde quase morreu da peste e da luta com os Kabileños.

Ele era um embalador, ou seja, era responsável pelo cuidado e manuseio das embalagens e mulas, que eram o meio de transporte fundamental naquele terreno acidentado, para as armas pesadas, munições e outros suprimentos em geral necessários naquela situação. Todos os dias ele tinha que levar as mulas para beber água em uma nascente, a qual tinha que ser acessada descendo por um barranco, no fundo do qual se encontrava o regador. Do alto das colinas que bordejavam o barranco, os Kabileños escondidos disparavam seus rifles contra os soldados espanhóis abaixo, causando muitas baixas. Meu avô costumava me dizer que ele se aconchegava a uma das mulas, cobrindo-se atrás da cabeça, pescoço e pernas do animal, servindo assim

como um parapeito. Essa ravina se chamava Del Lobo. Naquele momento eu entendi a canção que eu ouvia as meninas cantarem quando eu era mais jovem, enquanto elas saltavam na corda: "En el Barranco del Lobo// hay una fuente que mana// sangre de los españoles// que murieron por España.// Pobrecita niña // ¿cuánto llorará? // al ver su novio// // que a la guerra va. //Ni me peino ni me lavo//ni me pongo la matilla//hasta que vuelva mi novio//de la guerra de Melilla//Pobrecita niña//? Cuánto sufrirá//pensando en su novio//que en la guerra está?

Outra coisa que ele me disse como foi resgatado de entre os mortos e os desalojados pela peste por um compatriota, colega e amigo dele, cujo nome não lembro, embora seu sobrenome fosse Ramos, quando as enfermeiras o levaram para um quartel onde jogavam os mortos vítimas da terrível peste que irrompeu entre os membros do exército espanhol na África.

Quando seu amigo Ramos pôde ir vê-lo no alojamento e descobrir que havia sido levado ao necrotério, ele disse que isso não poderia ser, pois que pela manhã ele o havia visto se recuperar, lenta mas seguramente. Não satisfeito com a situação, ele foi até o necrotério e verificou que a porta do necrotério estava trancada, mas encontrou uma janela que não estava devidamente fechada, e através dela entrou. Ele procurou meu avô lá até encontrá-lo, e verificou se ainda estava vivo. Ele o carregou de costas e o arrastou até a janela, levando-o para fora e carregando-o para o alojamento com a ajuda de outro colega que o esperava do lado de fora do necrotério. Esse tremendo gesto de solidariedade, amizade e companheirismo, sempre teve em mente e sem ele, provavelmente eu não existiria e não estaria contando esta história para vocês. Meu avô Apolônio foi curado e viveu até os 80 anos de idade. Aquele amigo que literalmente o trouxe de volta dos mortos costumava visitar a casa de meu avô em Madri e eu costumava vê-lo quando era um garotinho, mas não sabia então o que lhe

estou dizendo, que foi a origem e o fundamento de sua grande amizade que durou até sua morte.

La mentira institucionalizada

Pedro Rivera Jaro

Leo hoy en un artículo en “20MINUTOS” que explica la asistencia al foro “Información y Desinformación en el Metafuturo” de un Ministro del actual Gobierno de España, y varios reconocidos periodistas.

Se critica la mentira que se extiende en forma de bulos por las redes sociales. Otro de los periodistas carga mas el problema en las medias verdades, puesto que inducen a creencias falsas.

Joaquín Manso opina que vivimos una etapa en la que la mentira se ha institucionalizado, a diferencia de lo que ocurría en etapas anteriores, puesto que ahora la mentira se utiliza como herramienta y con ostentación.

Por último, Ignacio Escolar opina que en el futuro se conseguirá corregir el uso de las mentiras, aunque compartió que ahora las mentiras son más difíciles de detectar y combatir, porque somos una sociedad sin anticuerpos ante la mentira.

Después de escuchar todas estas opiniones, yo me pregunto: ¿Cómo puede nuestra sociedad mantenerse fuera de la mentira, si nuestros principales líderes, sin querer detallar nombres y apellidos, (aunque se me vienen a la cabeza algunos muy conocidos e importantes), prometen en sus campañas políticas una serie de cosas que harán, y otra serie de cosas que nunca harán si consiguen el poder, pero cuando lo alcanzan hacen lo contrario de lo que prometieron?

Esto supone un ejemplo nefasto de indignidad y falta de escrúulos, que el pueblo llano (usted y yo) aprende a tomarlo por costumbre, lo mismo que ocurría en los años del plomo, que llegábamos a ver con normalidad los asesinatos terroristas efectuados por los asesinos de ETA, por el simple hecho de que los cometían con total habitualidad. Hasta que llegó un detonante que hizo saltar a toda España a la calle para protestar contra ETA, y fue cuando el asesinato de Miguel Ángel Blanco provocó el hartazgo de todos los españoles de paz, orden y justicia. Ahora yo pregunto a todos los españoles de a pie, los que nos dedicamos a llevar una vida digna y a enseñar a nuestros hijos todos los principios que a su vez nos transmitieron nuestros padres, ¿Cuándo vamos a echarnos a las calles nuevamente para pedir que cese la desvergüenza de aquellos que no tienen respeto por la verdad y solo llegan al poder para aprovecharse del pueblo trabajador y honesto que compone la mayoría de nuestra ciudadanía?

A mentira institucionalizada

Pedro Rivera Jaro

Traduzido para o português por Sílvia C.S.P. Martinson.

Li hoje em um artigo no "20MINUTOS" que explica a participação no fórum

"Informação e desinformação no Metafuturo" de um Ministro do atual Governo da Espanha, e de vários jornalistas renomados.

Eles criticam as mentiras que se espalham sob a forma de embustes nas redes sociais. Outro dos jornalistas coloca o problema mais em meias verdades, pois eles induzem a falsas crenças.

Joaquín Manso acredita que estamos vivendo um período em que a mentira se institucionalizou, ao contrário do que aconteceu em períodos anteriores, já que agora a mentira é usada como ferramenta e com ostentação.

Finalmente, Ignacio Escolar acredita que no futuro o uso de mentiras será corrigido, embora ele tenha compartilhado que mentiras agora são mais difíceis de detectar e combater, porque somos uma sociedade sem anticorpos para mentiras.

Depois de ouvir todas essas opiniões, eu me pergunto: Como nossa sociedade pode ficar longe das mentiras, se nossos principais líderes, sem querer detalhar nomes e sobrenomes (embora alguns muito conhecidos e importantes venham à mente), prometem em suas campanhas políticas uma série de coisas que farão, e outra série de coisas que nunca farão se alcançarem o poder, mas quando o alcançam, fazem o oposto do que prometeram?

Este é um exemplo desastroso de indignidade e falta de escrúulos, que as pessoas comuns (você e eu) aprendemos a tomar como certo, assim como aconteceu nos anos de chumbo, quando chegamos a ver como normais os assassinatos erroristas perpetrados pelos assassinos da ETA, pelo simples fato de que eles os cometem como uma questão natural. Até que surgiu um gatilho que fez com que toda a Espanha saísse às ruas para protestar contra a ETA, e foi quando o assassinato de Miguel Angel Blanco provocou o cansaço de todos os espanhóis pela paz, ordem e justiça. Agora pergunto a todos os espanhóis comuns, aqueles de nós que nos dedicamos a levar uma vida digna e a ensinar a nossos filhos todos os princípios que nossos pais nos transmitiram, quando é que vamos tomar as ruas novamente para exigir o fim da descarada sem-vergonhice daqueles que não têm respeito pela verdade e só chegam ao poder para tirar proveito das pessoas trabalhadoras e honestas que compõem a maioria de nossos cidadãos?

Ladrones en el tejado

Pedro Rivera Jaro

Era verano. El año no lo recuerdo exactamente, pero aproximadamente debería tratarse de 1968. Deberían de ser alrededor de las 10 de la noche. Habíamos cenado y mis hermanos pequeños Félix y Javi salieron a jugar a nuestro hermoso patio, mientras mis padres, mi hermana Maribel y yo, veíamos en la cocina de nuestra casa, en el televisor Werner, el programa que estuviera emitiendo la única televisión que teníamos entonces en España, Televisión Española.

La cocina era el centro de reunión habitual en nuestra casa. Siempre lo recuerdo así, allí estaban la cocina de gas butano donde mi madre guisaba cada día los alimentos que comíamos todos, allí estaba el fregadero, el armario de cocina con un montón de platos, vasos y otros objetos de uso habitual. Este armario tenía distintos apartados, así como dos cajones que contenían uno, los cuchillos, tenedores cucharas, etc., y el otro servilletas y manteles de hilo, para colocar en la mesa. La mesa que era grande, para que pudiéramos sentarnos los seis miembros de la familia a comer juntos, y también tenía dos cajones donde se guardaba el hule impermeable que mi madre tenía costumbre de extender sobre la mesa y debajo del mantel. Había una ventana amplia, de dos hojas, que aquel día de verano estaban abiertas para que entrara el fresco del patio.

También estaba en la cocina, la estufa de carbón que en invierno era toda la calefacción que teníamos en nuestra casa y donde calentábamos los

pijamas y las mantitas de muletón en las que nos envolvíamos para combatir el frío de las sabanas. La casa era amplia, de planta baja y tenía además de la cocina, el dormitorio de mis padres que era el más grande, el dormitorio de mi hermana, el cuarto de estar y otro dormitorio con dos camas, donde dormíamos los tres varones. Luego conseguimos tener un cuarto de baño, que fue la última incorporación a la casa, a partir de traer la conducción de agua potable a la casa, que hasta entonces íbamos a la fuente pública y la traímos en cántaros, en cubos, barreños, etc. Y el agua para regar el jardín, lo sacábamos de un pozo bastante profundo que dejó hecho mi abuelo Pedro. Toda la casa estaba atravesada por un pasillo distribuidor desde la puerta de la calle, hasta la puerta del patio.

De pronto sonaron fuertes golpes en la puerta de la calle. Salimos corriendo los cuatro y abrimos rápidamente la puerta. A grandes voces Fernando, otro vecino de la calle, nos decía que teníamos dos ladrones por los tejados y que al arrojarles trozos de ladrillos y de gravilla que eran restos de una pequeña obra que habían hecho en la calle, se fueron corriendo por el tejado en dirección a la parte que daba con nuestro patio y nuestro garaje. Corrimos hasta el patio, y allí vimos a mis hermanos que venían como del garaje y llegaban justo a la esquina del cuarto de baño con el patio.

Al preguntarles nosotros si habían visto a alguien bajar de los tejados, contestaron que no habían visto a nadie. "Hay ladrones por los tejados" les dijimos, al mismo tiempo que veíamos en el suelo del patio, los proyectiles de obra que Fernando les había estado arrojando, cascotes y piedras.

Javi permaneció callado, pero Félix que era el mayor de los dos, dijo muy asustado: No hay ningún ladrón. Éramos nosotros que queríamos coger un nido de gorriones que tiene ya grandes los pajaritos y que pronto van a echar a volar. Y miraba a mi padre que estaba muy serio, pero que aparte de la travesura, prefirió esta sin duda, mejor que tener que enfrentarse a los supuestos y por otra parte, inexistentes ladrones.

Mi padre les regañó bastante, y no cobraron porque mi madre siempre le sujetaba a mi padre para que no nos diera cachetes. Yo estuve dando muchas vueltas a la cabeza y pensando la desgracia que hubiera sido de haber acertado Fernando alguno de los proyectiles de piedra que les arrojó. Después me estuve riendo con ganas, pensando en la rapidez que tuvieron en bajar del tejado por la reja de la ventana del cuarto de baño, al suelo. Años después, ya todos adultos, nos hemos reído muchas veces comentando lo ocurrido, y haciéndonos muchísima gracia la diferencia de carácter de los dos, uno que se hizo el “muerto” y no confesó nada, y el otro con su franqueza dando la cara, confesando lo ocurrido, y demostrando un carácter que sigue teniendo en la actualidad, más de cincuenta años después.

Lección de vida

Pedro Rivera Jaro

Yo tenía entonces 6 años. Era un día soleado y caluroso del mes de Mayo de 1956. Eran unos minutos más tarde de las 12 del mediodía cuando volví a casa del colegio, y recuerdo que llegué hambriento. Entré en la cocina y miré por los cajones del armario, donde mi mamá solía guardar alimentos, como chorizo, salchichón, membrillo, etc. (entonces no teníamos frigoríficos), pero no encontré nada más que un paquete de papel de estraza, con tajadas de bacalao seco y salado con el que mi madre acostumbraba a hacer patatas guisadas, pero que yo no alcancé a recordar que previamente ponía el bacalao en agua para desalarlo

Empecé a quitar la piel de algunas tajadas y a comérmelas para calmar mi apetito. Al cabo de un rato empecé a sentir una sed tremenda y la necesidad imperiosa de beber. Entonces no teníamos agua corriente del canal de Isabel II en casa, sino que mi mamá tenía que ir a buscarla a la fuente pública, con cántaros de barro, y los colocaba en una cantarera de madera que teníamos junto al fregadero de la cocina. Yo todavía no tenía las fuerzas necesarias para manejar los cántaros de barro sin riesgo de romperlos, como ya me había ocurrido no hacía mucho tiempo y me había ganado unos cachetes.

Solo me quedaba para beber una botella de vidrio blanco transparente, con vino blanco en su interior, del cual mi papá bebía un vaso en las comidas, y que se hallaba habitualmente en la ventana.

Ni corto ni perezoso subí por el fregadero hasta la ventana y alcanzando la citada botella, me soplé un buen trago de vino blanco y apagué momentáneamente mi sed. Pasado un rato yo tenía todos los efectos de una borrachera, aunque yo

entonces no lo sabía. Después de experimentar mareos y pasar muy mal rato, me tumbé en el suelo y me quedé dormido. Cuando mi mamá regresó a casa después de hacer los recados, me encontró en el suelo y se llevó un susto tremendo. Hasta que yo me fui espabilando y le conté lo que había comido y bebido. Ese día no tuve ganas de comer a mediodía, y hasta por la tarde estuve acostado, hasta que todo dejó de dar vueltas y se me arregló el mal cuerpo.

Aquel día aprendí a ser precavido y a no aventurarme a comer ni beber nada que no viniera directamente de la mano de mis mayores.

Lição de vida

Pedro Rivera Jaro

Traduzido ao português por Silvia C.S.P. Martinson

Eu tinha então 6 anos. Era um dia de sol e quente do mês de maio de 1956. Passavam alguns minutos das 12 do meio dia, quando voltei a casa do colégio e recordo que cheguei esfomeado.

Entrei na cozinha e olhei nas gavetas do armário onde minha mamãe costumava guardar os alimentos, como chouriço, salsichão, marmelo,etc. (então não tínhamos frigorífico) porém não encontrei nada mais que um pacote de papel Kraft com fatias de bacalhau seco e salgado com que minha mãe costumava fazer batas doces cozidas, o que eu não recordei previamente que se punha o bacalhau na água para dessalgar.

Comecei a tirar a pele de algumas fatias e come-las para acalmar o apetite. Após algum tempo comecei a sentir uma sede tremenda e imperiosa de beber. Não tínhamos água corrente do canal de Isabel II em casa e minha mãe tinha que ir buscá-la na fonte pública com cântaros de barro que colocava em uma Cantareira de madeira que tínhamos junto a pia da cozinha. Eu, todavia não tinha as forças necessárias para manejar os cântaros de barro sem risco de quebrá-los, como já me havia ocorrido há muito tempo e que me ocasionara uns tapas.

Somente me sobrava para beber uma garrafa de vidro branco transparente com vinho branco em seu interior, do qual meu pai bebia um copo nas refeições e o que se encontrava habitualmente na janela.

Nem rápido nem devagar subi pela pia até a janela e alcançando a garrafa tomei um bom trago de vinho branco e satisfiz momentaneamente minha sede. Passado um tempo eu tinha todos os efeitos da embriaguez ainda que não soubesse. Depois de experimentar tonturas e passar muito mal neste instante, tombei ao solo e fiquei adormecido.

Quando minha mamãe regressou para casa depois de fazer recados me encontrou no solo e levou um tremendo susto, até que eu fui acordando e contei o que havia comido e bebido. Esse dia não tive vontade de comer ao meio dia e até a tarde estive acamado, quando tudo deixou de dar voltas e sumiu o mal do corpo.

Naquele dia aprendi a ser precavido e a não aventurar-me a comer ou beber nada que não viesse diretamente das mãos de meus mais velhos.

Lo que hoy sois, fuimos ayer. Y lo que hoy somos, seréis, cuando menos lo esperéis

Pedro Rivera Jaro

En 1987, cuando estuve trabajando en la bonita ciudad de Vitoria como Director Comercial de una empresa Industrial vasca, constituida bajo la forma de Sociedad Anónima, estuve haciendo un recorrido por nuestros proveedores de la zona de Tolosa, acompañado de otro trabajador de la empresa llamado Miguel . En el recorrido de vuelta a Vitoria, pasamos junto a un cementerio de una ciudad cuyo nombre no recuerdo con exactitud.

Quiero pensar que se trataba de Villafranca de Ordizia, pero repito que con certeza no lo sé. Lo que llamó mi atención fue un letrero que escrito en grandes letras sobre la pared, junto a la entrada del Cementerio rezaba: "Lo que hoy sois, fuimos ayer. Y lo que hoy somos seréis, cuando menos lo esperéis".

El contenido de ese letrero es todo un compendio de filosofía de vida y, creo que nos invita a meditar sobre lo que hacemos con nuestra existencia. Porque aun sabiendo que es del todo imposible dar marcha atrás en el tiempo y rectificar las etapas de nuestra vida en las que pensamos que estuvimos desacertados y equivocados, y que recorrimos caminos que si hubiéramos podido eliminar de nuestro trayecto, sin duda, los hubiéramos eliminado, nuestras malas experiencias pueden servir de ejemplo a otros que tengan a bien aprender de nuestros errores, a pesar de que es bien sabido, que según reza el viejo refrán castellano, nadie escarmienta en cabeza ajena.

Me llegan los recuerdos de aquella época, que si pudiera borrar de mi existencia lo haría sin ninguna duda, porque considero que viví unas circunstancias bastante desafortunadas en medio de una desgraciada situación en la cual me encontré inmerso sin haber tenido arte ni parte en su creación. Una empresa de 70 empleados cuya dirección de muchísimos años, se marchó de pronto de la empresa, dejando una situación económica ruinosa, pero disfrazada en su balance de situación estable y normal, por el sencillo método de supervalorar las existencias de sus almacenes y escondiendo unas pérdidas de cientos de millones de pesetas, que era la moneda corriente en aquellos años.

Había un almacén de pieles de corderos lechales, valoradas como pieles de primera, con un precio unitario de 2400 ptas., y que en realidad eran pieles de desecho que valían a 50 ptas. la unidad. Esto lo descubrí personalmente cuando venían los compradores enviados por los fabricantes de zapatos de Canals, y yo que decidí aprender el conocimiento de los criterios utilizados para la valoración de las pieles, bajaba a ver como hacían su trabajo de selección, observando que el 90% de las pieles eran rechazadas. Pregunté a uno de los compradores porqué rechazaba tantas pieles y me contestó que eran defectuosas y que la mayoría de ellas le saludaban cuando le veían, dándome a entender que ya las había revisado antes multitud de veces.

Si unimos a esta situación, la estructura del personal de la empresa, que tenía empleados buenísimos en una parte importante, pero que también tenía otra parte bastante deficiente y que por una parte trabajaba con la mayor lentitud posible, alargando la duración de las tareas de recogida por los mataderos y cargando gastos, como por ejemplo comidas y horas

extraordinarias, a la empresa. Además había tareas que solo requerían un trabajador conductor, y que en cambio ocupaba tres personas y suponían pérdidas extraordinarias en tareas que bien administradas y ejecutadas podían ser rentables.

Toda esta situación requería urgentemente una restructuración empresarial, con una disminución de personal y una presentación en el juzgado de una suspensión de pagos, para contar con la ayuda de los proveedores que llevaban muchísimos años suministrando materias primas a esta empresa.

El problema que le faltaba a la empresa venía de parte de un enlace sindical y del Delegado de el mismo Sindicato en Vitoria, que le dijeron al Gerente, don Fernando, que no sería ni la primera empresa, ni la última que se vería obligada a cerrar, pero que no consentían en despedir a nadie. Y así fue, al cabo de un año la empresa había cerrado, y en lugar de quedar sin trabajo diez personas, fueron 70 las que quedaron sin empleo.

Según tengo oído, ese Delegado actualmente es un miembro muy importante del organigrama rector Vasco, como representante de uno de los Partidos que allí gobiernan .

Sería bastante largo de explicar, pero durante aproximadamente un año, pusieron interventores a la empresa a raíz de presentarse la Suspensión de pagos y hasta que tomaron cargo de la empresa, para poder seguir con la actividad empresarial teníamos que ir por la noche a la calle Francia, a la casa del Presidente de la Empresa para que firmara los talones bancarios para pagar a los proveedores, al personal, etc. Y los miembros del Consejo estuvieron desaparecidos durante meses y no se les vio por la empresa en

mucho tiempo. Durante aproximadamente un año, don Fernando el Gerente y yo, Director Comercial, soportamos una situación muy difícil delante de los proveedores-acreedores de la empresa, que acudían a reclamar su dinero y que nosotros no podíamos pagarles, intentando en cambio convencerles para que no dejaran de suministrar las materias primas a la empresa y con su comercio generar beneficios para poder llegar a liquidarles sus deudas.

Durante esas entrevistas recuerdo dos ocasiones que nunca olvidaré. La primera fue una señora propietaria de una carnicería en la Zona próxima a Hernani, con un fuerte arraigo de la militancia abertzale. Dicha señora me dijo que quería cobrar, que necesitaba cobrar urgentemente y que en su familia había miembros de ETA, y que me convenía liquidar la cuenta. Como yo le respondí que sintiéndolo mucho, estábamos en manos de los Interventores y yo no podía hacer nada para pagarla a ella. Se marchó profiriendo amenazas contra nosotros. Hay que considerar que en aquella época, los comandos de ETA practicaban asesinatos constantemente dentro y fuera del País Vasco, lo cual podría generar una situación de intranquilidad que no convenía olvidar.

Otra situación igualmente desagradable se produjo cuando vinieron dos carniceros de la zona de Aoiz en Navarra, acompañados de sus dos hijos, dos mocetones de unos 25 años cada uno. Uno de ellos tenía una constitución física que me recordaba a José Manuel Ibar, Urtain, que fue campeón de Europa de boxeo, de los pesos pesados. Les rogué que se sentaran frente a mi mesa, y se produjo una fuerte tensión cuando les expuse que la administración, había dispuesto el juez que estuviera en manos de los Interventores judiciales. El muchacho fuerte hacía constantemente intención de levantarse y echarse violentamente hacia mí, pero su padre se lo impedía una y otra vez. Hasta que

decidieron marcharse y yo pude recuperar el sosiego, sobre todo porque yo tenía al alcance de mi mano derecha, un cuchillo carníero de deshacer, enorme y bien afilado, con el cual no sé lo que hubiera hecho en caso de haber tenido que defenderme de un ataque de aquel tremendo hombretón.

A todo esto se convocó por parte del Sindicato y de sus enlaces en la empresa, una reunión-Asamblea de todos los trabajadores, en donde el representante del Sindicato decidió que yo tenía que marcharme de dicha Asamblea de trabajadores, porque yo era de la patronal, y no hubo ni uno solo que saliera en mi defensa, como un trabajador más de la plantilla que era. Es más, alguno de ellos me miraba con el ceño fruncido, como si yo fuese un enemigo personal. Tuve que abandonar la Asamblea, no sin antes advertirles de que aquel representante sindical iba a hundir definitivamente la empresa, como así ocurrió un año más tarde y, a partir de aquel día, yo empecé a pensar que no merecía la pena seguir luchando en aquella empresa.

También recuerdo una situación que viví con gran extrañeza y que más tarde meditando llegué a la conclusión de que había sido objeto de una operación de espionaje en toda regla.

Mi hija Diana tendría a la sazón nueve años y asistía a un colegio público que se llamaba José Mardones y que estaba cercano a casa. Una tarde cuando volvió a casa con mi esposa, venía acompañada de otro niño llamado Gorka, que era compañero de su colegio. A los pocos minutos llamó su mamá a nuestra puerta. Hola soy Arantxa y soy la

mamá de Gorka. No nos conocemos y he querido venir para saber de vosotros. Ya lo creo que quería saber de nosotros, como que me hizo un cuestionario

completísimo acerca de mi trabajo, mis estudios, donde estaba mi empresa, a que se dedicaba dicha empresa, etc., etc.

Me pareció demasiado exhaustivo el interrogatorio, pero en aquel momento no se me ocurrió sospechar, que yo tenía una pinta de Guardia Civil, con bigote incluido y aquella señora estaba investigando si yo era lo que ellos llamaban un txacurra o sea, en su idioma, un perro, que es como denominaban a los policías. Nunca más volvieron a nuestra casa, aunque vivían enfrente, cruzando la calle, ni la mamá ni el niño, y justamente eso fue lo que me abrió los ojos acerca de lo que trajo a aquella señora a mi casa.

O que você é hoje, nós fomos ontem. O que hoje somos, você será quando menos esperarais

Pedro Rivera Jaro. Traduzido para o português por Sílvia C.S.P. Martinson

Em 1987, quando eu estava trabalhando na bela cidade de Vitória como Diretor Comercial de uma Empresa Industrial Basca, constituída como uma Sociedade Limitada, eu estava fazendo um tour de nossos fornecedores na área de Tolosa, acompanhado por outro trabalhador da empresa chamado Miguel . No caminho de volta a Vitória, passamos por um cemitério em uma cidade cujo nome não consigo lembrar exatamente. Eu gostaria de pensar que foi Villafranca de Ordizia, mas repito que não sei ao certo. O que chamou minha atenção foi uma placa escrita em letras grandes no muro ao lado da entrada do cemitério que dizia: "O que você é hoje, nós fomos ontem, o que hoje somos você será quando menos esperarais".

O conteúdo deste sinal é um compêndio de filosofia de vida e, acredito nos convida a meditar sobre o que fazemos com nossa existência. Porque mesmo sabendo que é absolutamente impossível voltar atrás no tempo e retificar as etapas de nossas vidas nas quais pensamos estar errados e equivocados, e que seguimos caminhos que, se pudéssemos ter eliminado de nossa jornada, sem dúvida o teríamos feito. Nossas más experiências podem servir de exemplo para outros que podem aprender com nossos erros, embora seja bem conhecido que, como diz o velho ditado castelhano, ninguém ensina uma lição na cabeça de outra pessoa.

Memórias daquele tempo voltam para mim e que se eu pudesse apagar de minha existência o faria sem dúvida, pois considero que vivi algumas circunstâncias bastante infelizes em meio a uma situação infeliz na qual me encontrei imerso sem ter tido qualquer parte em sua criação. Uma empresa com 70 funcionários cuja gestão de

muitos anos deixou repentinamente a empresa, deixando uma situação econômica ruinosa, mas disfarçada em seu balanço como uma situação estável e normal, pelo simples método de sobreavaliação dos estoques em seus armazéns e escondendo perdas de centenas de milhões de pesetas, que era a moeda comum naqueles anos.

Havia um armazém de peles de cordeiros de leite, valorizadas como peles de primeira classe, com um preço unitário de 2.400 pesetas, e que na realidade eram peles residuais no valor de 50 pesetas por peça. Descobri isso pessoalmente quando chegaram os compradores enviados pelos fabricantes de calçados de Canals, e decidi conhecer os critérios utilizados para a avaliação das peles, e desci para ver como eles faziam seu trabalho de seleção, observando que 90% das peles foram rejeitadas. Perguntei a um dos compradores por que ele rejeitou tantas peles e ele respondeu que elas eram defeituosas e que a maioria delas acenou para ele quando o viram, dando-me a entender que ele já as havia verificado muitas vezes antes.

Se somarmos a esta situação, a estrutura do pessoal da empresa, que tinha funcionários muito bons em uma parte importante, mas também tinha outra parte que era bastante deficiente e que por um lado trabalhava o mais lentamente possível, estendendo a duração das tarefas de coleta pelos abatedouros e cobrando despesas, tais como refeições e horas extras, para a empresa. Além disso, havia tarefas que exigiam apenas um operário-condutor, mas que, em vez disso, ocupavam três pessoas, considerando isto perdas extraordinárias à empresa em tarefas que bem administradas e executadas seriam rentáveis. As atividades da empresa, que poderiam ter sido lucrativas se bem administradas e realizadas, estavam causando perdas extraordinárias.

Toda esta situação exigiu urgentemente uma reestruturação da empresa, com uma redução do pessoal e a apresentação em juízo de uma suspensão de pagamentos, a

fim de contar com a ajuda dos fornecedores que vinham fornecendo matéria-prima para esta empresa há muitos anos.

O problema restante da empresa veio de uma ligação sindical e do delegado sindical em Vitória, que disse ao gerente, Fernando, que não seria a primeira empresa, nem a última, a ser forçada a fechar, mas que não concordariam em demitir ninguém. E assim foi, dentro de um ano a empresa havia fechado, e em vez de dez pessoas terem sido despedidas, 70 foram despedidas. De acordo com o que ouvi este delegado é agora um membro muito importante do órgão de governo basco, como representante de uma das partes no poder.

Levaria muito tempo para explicar, mas por cerca de um ano, quando a empresa entrou em liquidação e até que eles assumiram a empresa, para continuar com a atividade comercial, tivemos que ir à noite à Rue de France, à casa do Presidente da empresa para conseguir que ele assinasse os cheques bancários para pagar fornecedores, funcionários, etc. E os membros da diretoria desapareceram por meses e não foram vistos na empresa por muito tempo. Durante cerca de um ano, Don Fernando, o gerente, e eu, o diretor comercial, sofremos uma situação muito difícil com os credores fornecedores da empresa, que vieram reclamar seu dinheiro e que não podíamos pagá-los, tentando, em vez disso, convencê-los a não deixar de fornecer matérias-primas para a empresa e com seu comércio para gerar lucros a fim de poder pagar suas dívidas. Durante essas entrevistas, lembro-me de duas ocasiões que nunca esquecerei. A primeira foi uma mulher proprietária de um açougue na região próxima a Hernani, com fortes raízes na militância nacionalista. Ela me disse que queria ser paga, que precisava ser paga urgentemente e que havia membros da ETA em sua família, e que eu deveria acertar a conta. Respondi que sentia muito, mas estávamos nas mãos dos auditores e eu não podia fazer nada para pagá-la. Ela partiu, fazendo ameaças contra nós. Deve-se ter em mente que, naquela época, os comandos da ETA estavam constantemente realizando assassinatos dentro e fora do

País Basco, o que poderia criar uma situação de agitação que não deve ser esquecida.

Outra situação igualmente desagradável ocorreu quando vieram dois açougueiros da região de Aoiz em Navarra, acompanhados de seus dois filhos, dois jovens de aproximadamente 25 anos de idade cada um. Um deles tinha uma constituição física que me lembra José Manuel Ibar, Urtain, que foi campeão europeu de boxe de pesos pesados. Implorei-lhes que se sentassem à minha mesa, e houve muita tensão quando lhes disse que o juiz havia ordenado que a administração estivesse nas mãos dos auditores judiciais. O menino forte estava constantemente tentando se levantar e se atirava violentamente contra mim, mas seu pai o impedia de fazer isso repetidas vezes. Até que eles decidiram partir e eu consegui recuperar minha compostura, especialmente porque eu tinha uma faca enorme e afiada ao alcance da mão direita, com a qual eu não sei o que teria feito se tivesse que me defender de um ataque daquele grande homem.

Em tudo isso, o sindicato e seus vínculos na empresa convocaram uma assembleia de todos os trabalhadores, onde o representante sindical decidiu que eu tinha que deixar a assembleia dos trabalhadores, porque eu pertencia aos patrões, e não havia um único deles que veio em minha defesa, como um dos trabalhadores que eu era.

Na verdade, alguns deles me olharam com um olhar franzido, como se eu fosse um inimigo pessoal. Tive que deixar a Assembleia, mas não antes de avisá-los que aquele Representante do Sindicato iria afundar definitivamente a empresa, como aconteceu um ano depois e, a partir daquele dia, comecei a pensar que não valia a pena continuar a lutar naquela empresa.

Lembro-me também de uma situação que vivi com grande estranheza e que mais tarde cheguei à conclusão, após reflexão, que tinha sido objeto de uma

verdadeira operação de espionagem. Minha filha Diana teria nove anos na época e frequentava uma escola pública chamada José Mardones, que ficava perto de minha casa. Uma tarde, quando chegou em casa com minha esposa, ela estava acompanhada por outro rapaz chamado Gorka, que era colega de classe em sua escola. Poucos minutos depois, sua mãe bateu à nossa porta. Olá, eu sou Arantxa e eu sou a mãe de Gorka. Nós não nos conhecemos e eu quis vir e ouvir de você. Tenho certeza que ela queria saber sobre nós, pois me deu um questionário muito completo sobre meu trabalho, meus estudos, onde minha empresa estava o que minha empresa fazia, etc., etc., etc. Achei o interrogatório muito exaustivo, mas na época não me ocorreu suspeitar que eu parecia uma Guarda Civil, com bigode incluído, e aquela senhora estava investigando se eu era o que eles chamavam de “txacurra” ou, na língua deles, de cão, que é o que eles chamavam a polícia.

Eles nunca voltaram para nossa casa, mesmo vivendo do outro lado da rua, nem a mãe nem a criança, e foi precisamente isso que me abriu os olhos para o que trouxe aquela senhora para minha casa.

MI PARAÍSO SOÑADO

Pedro Rivera Jaro

A bote pronto parece una elección sencilla, pero si me pongo a pensar detenidamente, resulta bastante más complicado de lo que me parecía en principio. Creo que sería muy oportuno hacer un recorrido por aquellos lugares que fueron los que soñé en cada momento de mi vida.

Por ejemplo, cuando era un niño de 4 ó 5 años, mis lugares soñados eran siempre en la calle jugando con otros niños. Si era un día de lluvia, hacíamos en los regueros de agua de la calle, con piedras y barro, pequeñas presas que retenían el agua, donde poníamos a flotar pequeños barquitos de papel, que cuando abríamos espacio para que el agua escapara, flotaban en la corriente y los niños seguíamos su carrera para ver cuál de ellos avanzaba mas rápido. Este juego nos lo enseñó Dña. Isabel, la bilbaína, que tenía junto con sus cuatro hijas, dentro de su vivienda, el colegio de niños y niñas, y que cuando salíamos al recreo, lo hacíamos directamente en la calle. Mi recordada doña Isabel que venía los domingos a buscarme a mi casa, para llevarme a oír Misa, bien arreglado. Ella me inculcó esa costumbre, igual que me enseñó a leer y a escribir en edad bien temprana y, por todas estas cosas, la tengo en mi recuerdo con mucho cariño. También recuerdo que me llevó al cine para ver Marcelino Pan y Vino, e igualmente recuerdo haberme despertado en varias ocasiones en su cama, porque me había quedado dormido encima de la mesa mientras escuchaba sus explicaciones.

Cuando fui creciendo, mis sueños fueron cambiando y me gustaba bajar al río Manzanares para ver como saltaban las ranas a nuestro paso y ver como los chicos mayores, como por ejemplo Ángel Salamanca, pescaban peces vivos con un cesto y los metía luego en una pecera redonda de cristal transparente en su casa. Uno de aquellos

días estaba yo esperando a mis amigos, cuando observé a un señor que atrapó con una ballesta un gorrión, poniendo un trocito de pan como cebo y enterrando toda la trampa excepto el cebo, en la parte más alta de un lugar en el que los vecinos acostumbraban a arrojar las basuras domésticas y donde los gorriones acudían, los pobres, a buscar restos de comida. Todavía eran años difíciles para mucha gente humilde y lo que hoy nos produce rechazo, como cazar pájaros para comerlos, era entonces una cosa habitual. De hecho yo mismo aprendí a atraparlos. Por aquella época aprendí a matar ratas, enormes ratas que salían por las aberturas de los sumideros del alcantarillado, por debajo de las pila del lavadero del patio de mi casa.

Más tarde mi lugar soñado se situó en un pueblecito precioso de la Sierra de Gredos llamado Las Rozas del Puerto Real, donde nacieron mis abuelos maternos, Pedro y Saturnina, y en el que mi padre mandó construir un pequeño chalet, en 1959. Mi ilusión, desde los diez años, era pasar allí el verano. íbamos a la piscina a mediodía y practicábamos la natación y el buceo. Por las tardes, aprendí a jugar con los naipes de la baraja española a la brisca y al tute con los señores mayores del pueblo, como Tío Perrachica, que es uno de los que más recuerdo porque hablaba mucho conmigo, y me contaba cosas de caza, que me divertían mucho. También recuerdo que los mayores nos echaban monedas a lo más hondo de la piscina (tres metros) y si las encontrábamos eran para nosotros. Por supuesto siempre las encontrábamos. Al anochecer subíamos andando hasta la piscina, que tenía una pista de baile alrededor de un viejo olmo, que tenía todo alrededor un banco donde se sentaban las abuelas a mirar como bailábamos los jóvenes. Los sábados ponían cine, con una sábana en la pared y un proyector portátil. Usábamos las sillas de la terraza de la piscina para sentarnos, pero como no eran nunca suficientes, muchos llevábamos nuestras propias sillas de casa. También veíamos en la casa parroquial la primera televisión del pueblo. Teníamos que llevar, para ver los

telefilms, 3 sellos usados a don Antonio, el señor cura, que luego él donaba para las misiones. Este cura no era otro que el que me enseñó a tocar la bandurria.

Pocos años mas tarde tuve las ilusiones de los primeros amoríos juveniles. Y en el mismo pueblo, y en la misma piscina, conocí al gran amor de mi vida un día de verano que, cuando atravesé buceando la piscina y saqué la cabeza para respirar, vi justo en el borde de la piscina, por primera vez a Estrella, una muñeca cuya sonrisa maravillosa y su preciosa cara, me dejaron completamente hipnotizado, hasta el punto de decirme a mí mismo que, si no llegaba a enamorarla y hacerla mi esposa, y madre de mis hijos, nunca podría alcanzar la felicidad.

Han corrido los años. Muchos años. Más de cincuenta. Aquella ilusión se realizó y tuvimos dos hijos que nos han dado dos nietas y dos bisnietos. Entre medias hubo de todo, bueno, malo y regular, que no todo fue vida y dulzura, pero seguimos juntos y queriéndonos. Al menos yo la quiero.

Hoy vivo en mi lugar soñado o al menos el más cercano a serlo. En Madrid en el Barrio de Palacio, junto a la Puerta de Toledo, en donde dispongo de todo tipo de servicios, tales como Centros Médicos, Biblioteca, Parques, Gimnasio, Mercado, Metro y autobuses.

¿Qué podría yo añadir para considerar mi barrio totalmente ideal?. Yo pediría que las personas nos respetemos unas a otras, que nadie odie ni persiga al diferente, que todos respeten a los que creen o practican religión, que todos respeten a los que no creen ni practican religión, que a todos sea indiferente quien sea hombre o mujer, homosexual o heterosexual.

Y el colmo para cumplir mis sueños de vivir en el Lugar Soñado, sería tener muy cerca de mí a mi hija, mis nietos y mis bisnietos que viven muy lejos de España. Pero claro, que cada uno tiene su propia vida y debe vivirla según su propio libre albedrío.

Mira Pirule. El perro labrador.

Pedro Rivera Jaro

Cuando vivían en Pinto, Fermín y María con Cuca (Maruja), Rafa y Conchita, que comerciaban con pescado, surgió una oportunidad de arrendar la taberna que estaba junto a la pescadería, en la plaza de Pinto.

Por la tarde de un día de Nochebuena, un año en la década de los 40, el alcalde de Pinto acudió a la pescadería de Fermín, para comprar pescado para la cena. Pero todo el pescado estaba ya vendido, y así se lo hizo saber Fermín. Había allí, sobre el mostrador un hermoso besugo, y el alcalde insistió en que se lo vendiera. Fermín le dijo que ese besugo se lo había encargado otra clienta que llamaban la Rata, y no podía dejarla sin él. El alcalde se marchó enfadado con Fermín, pero Fermín era un hombre de palabra y aquel besugo lo había comprometido ya.. En aquellos años de posguerra los alcaldes eran todos declarados partidarios del régimen de Franco, y sus palabras eran ley para la Guardia Civil.

Fermín tomó en arriendo la taberna, aunque había otra señora que la pretendía. Aquella señora resultaba que era la amante del alcalde, (en aquella época le decían “querida”). Y el alcalde que no podía declarar públicamente su interés porque el bar se lo quedara la citada señora, añadió otro motivo por el que tener ojeriza a aquel rojo, que era Fermín.

Los Guardias Civiles, fuera de servicio, paraban en la taberna y tenían buena relación con Fermín. Por esa razón, en secreto, le comentaron a Fermín que el alcalde estaba recabando informes de los antecedentes políticos de

Fermín, y que aún sabiendo que era una buena persona, les iban a obligar a actuar contra él. Fermín había sido durante la guerra de España, comisario político de las Juventudes Socialistas Unificadas y había pasado año y medio en prisión, pero nunca habían descubierto que tenía grado de capitán, pues si lo hubieran descubierto, muy probablemente seguiría estando encarcelado todavía. Por todo esto, Fermín y María decidieron marcharse urgentemente de allí, y salvar la vida al menos.

Tenían un perro labrador de color canela, clarito, que se llamaba MIRA, que habían criado en la casa y al que los niños adoraban. Fermín arregló con un vecino y amigo de Pinto que se quedara con el perro, y como los niños no se consolaban de la falta de su perro, aquel hombre les regaló unos juguetes. Pero el perro escapaba y volvía a la casa de Fermín una y otra vez, de manera que el vecino tuvo que encadenarle en su casa para evitar su fuga.

Una noche salieron a escondidas de Pinto, en un automóvil en el que transportaron sus escasas pertenencias. Y emprendieron nueva vida en Madrid, en la calle María Guerrero. Pasaron varios meses y un buen día Cuca volvía del colegio, y vio a lo lejos un perro que llevaba un señor, atado a una correa. Cuca pensó que aquel perro se parecía a su Mira, más aún, que era idéntico a su perro, pero más estropeado y más delgado. De pronto Maruja gritó con toda la fuerza de sus pulmones: MIRA PIRULE (Pirule le decía siempre la señora María cuando llamaba al perro para echarle de comer, el guiso de arroz y casquería). El perro al oír el grito de la niña, dio un fuerte tirón y se soltó de la mano del señor que le llevaba de la correa. Aquel animalito corrió hasta la niña y empezó a dar saltos y a hacer zalemas, sin parar. Lloraba de alegría aquel perrito, dando pequeños ladridos, como si llorara y se subía

las manos a los hombros de Cuca y le lamía la cara con su lengua. La niña lloraba de alegría repitiendo Mira, mi Mira pirule precioso. El perro se había escapado en Pinto y llegó hasta Madrid en busca de sus amos, y estaba famélico cuando le había recogido el señor que le llevaba de la correa, le había estado alimentando y le había llevado al veterinario, haciendo unos gastos que reclamaba a Fermín, cuando acompañó a Cuca, que lloraba por recuperar a su MIRA.

Después de cobrar la factura del veterinario, aquel señor que había visto claramente que el perro adoraba a aquella niña, dijo lacónicamente: El que da pan a perro ajeno, pierde pan y pierde perro.

MIRA PIRULE. O cão labrador

Pedro Rivera Jaro. Traduzido ao portugués por Sílvia C.S.P. Martinson

Quando viviam em Pinto, Fermin e Maria com Cuca (Maruja), Rafa e Conchita e comerciavam com pescado, surgiu uma oportunidade de arrendar a taberna que estava junto a peixaria, na praça de Pinto.

Numa tarde de um dia de Nochebuena em um ano na década de 40, o Prefeito de Pinto veio à peixaria de Fermin para comprar peixe para a ceia. Porém todo o peixe estava vendido o que lhe fez saber Fermin. Porém havia ali sobre o mostrador um formoso dourado e o Prefeito insistiu em que o vendesse. Fermin disse que o dourado havia sido ao encomendado por outra cliente que chamavam de A Rata e não podia deixá-la sem ele. O Prefeito saiu incomodado com Fermin, porém Fermin era homem de palavra e aquele dourado o tinha comprometido já apalavrado. Naqueles anos de pós-guerra os Prefeitos eram todos declarados partidários do regime de Franco e suas palavras eram lei para a Guarda Civil.

Fermin arrendou a taberna embora houvesse outra senhora que a pretendia. Aquela senhora resultava que era a amante do Prefeito, (naquela época eles a chamavam de “querida”). E o Prefeito que não podia declarar publicamente seu interesse, porque o bar seria mantido pela referida senhora, juntou outro motivo para ter ojeriza a aquele vermelho, que era Fermin.

Os Guardas Civis, fora de serviço, paravam na taberna e tinham boa relação com Fermin. Por esta razão, em segredo, comentaram a Fermin que o Prefeito estava arrecadando informações dos antecedentes políticos de Fermin

e que ainda sabendo que era boa pessoa, eles iriam forçar uma ação contra ele. Fermin havia sido durante a guerra da Espanha, Comissário Político das Juventudes Socialistas Unificadas e havia passado ano e meio na prisão, porém nunca haviam descoberto que tinha o grau de Capitão, pois se houvessem descoberto, muito provavelmente seguiria encarcerado ainda. Por tudo isto com Fermin e Maria decidiram ir-se urgentemente dali e salvar a vida pelo menos.

Tinham um cachorro labrador de cor canela clarinha e que se chamava MIRA, o haviam criado em casa e as crianças o adoravam. Fermin acordou com um vizinho e amigo, de Pinto, que ficasse com o cachorro e como as crianças não se consolavam pela falta do cachorro, aquele homem deu uns jogos às crianças. Porém o cachorro escapava e voltava à casa de Fermin uma e outra vez, de maneira que o vizinho teve que acorrentá-lo em sua casa para evitar que fugisse.

Uma noite saíram as escondidas de Pinto, em um automóvel em que transportaram seus escassos pertences. E empreenderam nova vida em Madri na Rua Maria Guerrero. Passaram-se vários meses e um belo dia Cuca ao voltar do colégio viu longe um cachorro a que levava um senhor atado em uma correia. Cuca pensou que aquele cachorro se parecia ao seu Mira, mais ainda, que era idêntico ao seu cachorro porém mais estropiado e mais magro. Prontamente Maruja gritou com toda força de seus pulmões: MIRA PIRULITO (Pirulito lhe dizia sempre a senhora Maria quando chamava o cachorro para dar-lhe de comer o arroz de guisado e miúdos). O cachorro ao ouvir o grito da criança deu um forte puxão e se soltou da mão do senhor que o levava pela correia. Aquele animalzinho correu até a menina e começou a dar saltos e a

fazer saudações sem parar. Chorava de alegria aquele cachorrinho dando pequenos latidos como se chorasse e subia as patas aos ombros de Cuca e lhe lambia a cara com sua língua. A criança chorava de alegria repetindo Mira, meu Mira pirulito precioso. O cachorro havia fugido de Pinto e chegado até Madri em busca de seus amos e estava famélico quando o havia recolhido o senhor que o levava pela correia, o estavera alimentando e o levara ao veterinário, fazendo uns gastos que reclamava a Fermin quando acompanhou Cuca, que chorava por ter recuperado seu MIRA. Depois de cobrar a fatura do veterinário aquele senhor que havia visto claramente que o cachorro adorava aquela criança disse laconicamente: Aquele que dá pão a cachorro alheio perde o pão e perde o cachorro.

! Mundo, Mundo!

Pedro Rivera Jaro

Había una familia en las Rozas del Puerto Real que tenía un perro llamado Mundo.

En aquellos días habían realizado la matanza del cerdo, criado durante todo el año y cebado con las castañas y bellotas tan sabrosas que se crían en sus montes.

Habían elaborado chorizos y morcillas, que una vez curados en las cuerdas y varas de su cocina se conservaban y consumían a lo largo de todo el año, junto a los jamones, paletas, lomeras de tocino, careta, orejas y lomos curados igualmente.

Se utilizaban para su curación además de la sal, pimentón de la Vera, ajos de Las Pedroñeras y la hierba llamada orégano, que se cría en las laderas de sus montes y que tiene una calidad extraordinaria, y que sirve para la conservación de las carnes.

Aconteció que unos días después el padre de la familia enfermó y murió repentinamente. En aquella época se acostumbraba a velar a los muertos en su propia casa. Por parte de familiares y amigos, durante 24 horas hasta que el día siguiente se procedía a enterrar el cadáver.

Mundo, el perro, llevaba todo el día sin comer, por olvido de su ama, y estando hambriento se subió en una mesa y alcanzó una ristra de chorizos y los llevó en su boca, cruzando la sala del duelo, donde el ama de la casa

dando gritos lastimeros empezó a decir: "Ay Mundo, Mundo, como te los vas llevando. Y de los mejores".

Lo cómico de estas frases está en que, la mujer se refería a los embutidos que había robado el hambriento animal y, en cambio los asistentes al duelo creían que se estaba refiriendo a las personas que iban falleciendo en el correr del tiempo.

! Mundo, Mundo!

Pedro Rivera Jaro . Traduzido ao português por Sílvia C.S.P. Martinson

Havia uma família em Las Rozas del Puerto Real que tinha um cachorro chamado Mundo.

Naqueles dias haviam realizado a matança de porcos, criados durante o ano e cevados com castanhas e bolotas, tão saborosas e que existem em seus montes.

Foram elaborados chouriços e morcelas curados nas cordas e varas que se conservavam na cozinha e consumidos durante todo ano juntamente com presuntos, paletas, lombo de toucinho, cara e orelhas e lombos curtidos igualmente.

Se utilizava para curtir estas peças além do sal, pimenta de Vera, alhos das Pedroñeras e a erva chamada orégano que se cria nas ladeiras dos montes que tem uma qualidade extraordinária e serve para a conservação das carnes.

Aconteceu que uns dias depois o pai da família enfermou e morreu repentinamente.

Naquela época se costumava velar os mortos, pelos familiares e amigos em sua própria casa, durante vinte e quatro horas, até o dia seguinte quando se procedia enterrar o cadáver.

Mundo, o cachorro, levava todo dia sem comer por conta do esquecimento de sua dona. E estando esfomeado subiu em uma mesa e

alcançou uma réstia de chouriços e os levou à boca cruzando a sala do velório onde a dona da casa dando gritos lastimosos começou a dizer: “Ah! Mundo, Mundo, como os estas levando! E dos melhores!”

O cômico destas frases está em que a mulher se referia aos embutidos que havia roubado o esfaimado animal e em troca os assistentes ao velório acreditavam que a mesma se referia às pessoas que iam falecendo no correr do tempo.

Servid al pueblo

Pedro Rivera Jaro

Respecto a lo Decreto-Ley que el gobierno de España expidió con el nombre de “Plan de Ahorro Energético”

Quería comentar mi opinión acerca del nuevo Decreto Ley relativo al ahorro de energía en toda España, que es algo que nos afecta a todos los que habitamos este maravilloso país.

Sobre todo quiero llamar la atención sobre algo que me desconcierta y me disgusta: Cómo es posible que nuestro Gobierno, que presume de progresismo, publique una normativa, despreciando cualquier tipo de búsqueda de consenso democrático, con los demás Gobiernos regionales, de las diferentes autonomías españolas. Si lo hubiera intentado, al menos, lo más probable habría sido llegar a cerrar acuerdos, que con algunas variaciones en su plan, todos lo aceptarían como propio. Pero por desgracia estamos en manos de políticos, cabalgando sobre el potro enloquecido de la soberbia, muchos de ellos con una ignorancia supina y que dictan las normas por imposición, y sin discusión previa, provocando el rechazo total de otros grupos opositores.

No ejercen la más mínima pedagogía y lo que consiguen es perjudicarnos a la mayor parte de la ciudadanía, para quien se supone que gobiernan.

Por otra parte, los medios de comunicación social, lejos de ser independientes como deberían, toman partido por aquellos políticos que les llenan los bolsillos. Atacan con denuedo a aquellos que tienen alguna controversia con sus amos, para convencer al pueblo, y a veces solo consiguen su propio des prestigio y la pérdida de la confianza de aquellos que les escuchan o les leen.

No quiero defender a ningún partido político. Ahora gobierna uno, pero antes gobernó otro y después puede entrar a gobernar otro. Y en mi opinión todos absolutamente están para servir al pueblo, con total honradez y están obligados a negociar democráticamente para conseguir el mejor plan para el ciudadano. No pueden atacar a políticos de partidos opositores y en cambio tolerar y callar ante el mismo comportamiento en políticos afines o que me apoyan con su voto en el Gobierno.

Nos toman por tontos, señores. Decir que la ley se publica para ser cumplida, es algo obvio. Pero es válido siempre, no sólo para obligar a apagar Madrid, sino que igualmente habría que apagar la iluminación de Vigo. También tendrían que acatar la ley en Cataluña y aceptar el español en los colegios, en el porcentaje que obliga la ley. Y podríamos seguir hablando de la negativa del país Vasco, o de Murcia, etc etc.

Sin embargo con reuniones y consenso se acercarian posturas, porque entre otras cosas, no puede dictarse un café para todos obligatorio. Ni todos los negocios tienen la misma temperatura en sus locales, ni todas las regiones viven de la misma manera, ni las zonas rurales viven siempre igual que las urbanas. Por no alargarme más, diría que uno tomaría café solo, otro tomaría cortado y el tercero tomaría café con leche.

El trabajo de los políticos sería alcanzar en la mayor medida de lo posible dar a cada autonomía el plan más adecuado para sus características.

Servir as pessoas

Pedro Rivera Jaro

Traduzido ao português por Sílvia C.S.P. Martinson

Referente ao Decreto Ley expedido pelo Governo espanhol que trata do
“Plan de Ahorro Energético”

Queria comentar minha opinião a respeito do novo Decreto Lei relativo à economia de energia em toda Espanha, que é algo que nos afeta a todos que habitamos este maravilhoso país. Sobretudo quero chamar a atenção sobre algo que me desconcerta e me desgosta. Como é possível que nosso Governo que se presume progressista publique uma normativa, desprezando qualquer tipo de acordo democrático com os demais Governos regionais, das diferentes autonomias espanholas. Se ao menos houvera tentado o mais provável teria sido fechar acordos, que com algumas variações em seus planos, todos aceitariam como próprios. Porém, por desgraça, estamos em mãos de políticos, cavalgando sobre o potro enlouquecido de soberba. Muitos deles com uma ignorância supina e que ditam norma por imposição sem discussão prévia, provocando rechaço de outros grupos opositores.

Não exercem a mais mínima pedagogia e o que conseguem é prejudicar a maior parte dos cidadãos para quem se supõe que governem.

De outra parte os meios de comunicação social longe de serem independentes, como deveriam, tomam partidos daqueles políticos que lhes enchem os bolsos. Atacam com ousadia aqueles que têm alguma controvérsia com seus amos, para convencer o povo e às vezes somente conseguem o seu

próprio desprestígio e a perda de confiança daqueles que lhes escutam ou os leem.

Não quero defender a nenhum partido político. Agora governa um, porém antes governou outro e depois pode governar outro. Em minha opinião todos absolutamente estão para servir ao povo com total honradez e estão obrigados a negociar democraticamente para conseguir o melhor plano para os cidadãos. Não podem atacar a políticos opositores em troca tolerar e calar perante o mesmo comportamento dos políticos afins ou que apoiam com seu voto o Governo.

Tomam-nos por idiotas senhores. Dizer que a lei se publica para ser cumprida é algo óbvio, Porém é tão válido para obrigar a apagar Madri como igualmente apagar a iluminação de Vigo. Também teriam que acatar à lei em Catalunha e aceitar o espanhol nos colégios na percentagem que obriga a lei. E poderíamos seguir falando da negativa do país Vasco ou de Murcia, etc. etc.

Sem embargo com reuniões e consenso acertariam posturas, porque entre outras coisas não se pode obrigar todos ao mesmo café. Nem todos os negócios têm a mesma temperatura em seus locais, nem todas as regiões vivem da mesma maneira, nem as zonas rurais vivem sempre iguais às urbanas. Para não alargar-me mais diria que: uma toma cafezinho, outra um cortado e uma terceira, café com leite.

O trabalho dos políticos seria alcançar, em maior medida do possível, o dar a cada autonomia um plano mais adequado às suas características, um milésimo.

Tío Mete, abuelo Tello

Pedro Rivera Jaro, según narración de Emeterio Rivera

Quiero que seáis conscientes de que en mis historias, no distingo entre izquierdas y derechas, porque entre otras causas, creo firmemente que la gente buena se encuentra en todas las creencias políticas, exactamente igual que la mala.

Tenemos que situarnos en los primeros años cuarenta, conocidos como los años del hambre en España. Después de una sangrienta guerra civil, en la que se enfrentaron españoles contra españoles, España quedó arrasada, sus campos improductivos, la flor y nata de sus pobladores habían fallecido, había sido mutilada, o se había visto obligada a huir fuera de España, por temor a las represalias de los vencedores sobre los vencidos. Toda España se convirtió en un inmenso campo de prisioneros, en el que sin prisa, se iba investigando a cada preso sobre sus antecedentes y con todas las informaciones que pudieran aportar las personas que les conocían..

Más adelante las democracias europeas, una vez que la Segunda Guerra Mundial había finalizado, con la derrota de los nacionalsocialistas alemanes y fascistas italianos, decretaron el aislamiento de España, motivado porque el bando vencedor de los militares españoles, se suponía alineado con los perdedores en Europa. El maná que supuso en Europa el Plan Marshall, no dejó en España ni un solo Dólar, por lo que el daño se produjo, no sobre nuestros gobernantes, sino sobre el pueblo español, cuyas clases más humildes padecieron el azote del

hambre y de enfermedades como la tuberculosis, sufriendo miles de muertes entre sus habitantes.

Mi tío Emeterio, a quien toda su familia llamábamos Mete y que cuando fue abuelo, uno de sus nietos llamaba Tello cuando era chiquitín, era el tercero de los cinco hermanos que quedaron huérfanos de madre el año 1928. Mi abuela Isabel, nacida en un pueblecito de Toledo próximo a Torrijos, llamado Gerindote, de donde también eran naturales su esposo Apolonio y sus cinco hijos, Contaba se trasladó a vivir a un barrio muy humilde del sur de Madrid con su esposo e hijos, donde falleció con treinta y pocos años. Mi abuelo Apolonio, nunca quiso volver a casarse y permaneció viudo hasta su fallecimiento, trabajando con la familia Ferrando, propietarios de tierras en la zona sur de Madrid, (Pradolongo, San Fermín, Ciudad de los Ángeles, Orcasitas, etc.), y de un Parador de Ganados, en el que los ganaderos que traían animales al matadero de Madrid, los aposentaban la noche anterior a su llegada a dicho matadero para su sacrificio.

Mi tío Mete me regaló una historia que él vivió cuando tenía 19 ó 20 años y trabajaba en un taller de reparación de carros, propiedad del señor Diego Hurtado, manuscrita por él, y pasada a máquina por uno de sus nietos. Dicha narración es la mayor parte del traje que yo he confeccionado, cortando aquí y añadiendo allá, y que dice así:

El trabajo de reparación de carros era duro, muy distinto al de carpintero, o al de ebanista. En este oficio se trabajaba la madera de encina para los radios y las pinas de las ruedas, el álamo negro para los cubos, también de las ruedas, los

varales y todo el bastidor del carro. También se empleaba el fresno para las pinas. Se trabajaba también mucho el hierro para la fabricación de un carro, en la confección de las llantas y aros de los cubos de las ruedas, barrotes laterales y pletinas de refuerzo. Todo este hierro había que prepararlo y forjarlo en la fragua a mano, a base de martillo y macho. En la fragua tenían un fuelle para encandilar el carbón y para hacer los taladros al hierro, tenían un taladro con un volante que había que mover a mano, porque entonces no tenían otros adelantos más cómodos para hacerlos.

El taller estaba situado en el sur de Madrid, en el barrio de Las Carolinas, cerca de la antigua carretera de Andalucía, hoy calle de Antonio López, en cuya carretera se cruzaba una vía de ferrocarril, con un paso a nivel con barreras, donde los vehículos que circulaban por élla, cuando se acercaba un tren y bajaban las barreras, se detenían hasta que terminaba de pasar y reemprendían su marcha.

Una tarde muy fría de aquel mes de Diciembre en la que estaban trabajando dentro del taller, llegó un señor con un carro tirado por una mula. Era un carro muy bonito, del tipo valenciano, con su toldo y sus cortinas, bien pintado, y que tenía en la parte de abajo una bolsa tipo arcón, donde los carreteros solían llevar sus objetos personales, apartados de la carga de mercancías que transportara.

Aquel señor entró en el taller diciendo que le habían dado un golpe en un varal del lateral del carro, y que se lo habían roto, por lo que necesitaba que se lo

reparásemos. El maestro del taller le dijo que lo dejara para otro día, puesto que dentro no tenía hueco en aquel momento para introducir el carro dentro, y fuera hacía demasiado frío para poder trabajar. Pero aquel señor insistió tanto, que acabó convenciendo al Maestro, quien dijo a Emeterio que saliese fuera y lo reparase. Así lo hizo Emeterio tomando las herramientas y saliendo a la calle, donde soplaban un viento del norte que pelaba de frío.

El dueño del carro se quedó dentro del taller y se puso a charlar con el Maestro al lado de la fragua. Mientras mi tío Mete estaba arreglando el carro, y en un momento dado sintió la curiosidad de ver lo que había dentro del arcón, y levantó la tapa de madera que lo cerraba. Entre otras cosas, allí había muchos manojitos de palitos de unos 10 centímetros de largo, y una bolsa de tela con dos panes en su interior redondos, de unos 35 centímetros de diámetro cada uno. Los ojos se le fueron a Emeterio detrás de aquellos dos panes, puesto que hacía mucho tiempo que no veía unos panes así ni en pintura.. Además de los panes, junto a ellos, había 2 chorizos que, estirados vendrían a medir cada uno alrededor de 50 centímetros. También había un puchero de barro nuevecito, lleno de tajadas de conejo con chorizo en aceite. A pesar de que pasaba muchísimo hambre, Emeterio volvió a tapar el arcón y lo dejó tal como lo había encontrado al principio. Para que se hagan una idea del hambre que pasaba en aquella época mi tío Mete, les diré que todas las tardes, cuando salían del taller, él y su compañero Diego, que era de su misma edad e hijo del Maestro, se iban al Mercado Central de Frutas y Verduras de Legazpi, que les quedaba cerca del Taller, y allí descargaban naranjas de los camiones y por ese trabajo les daban a cada uno

una buena bolsa de naranjas y algunas remolachas, que una vez cortadas en rodajas y asadas, les parecían tan ricas y engañaban al maldito hambre que pasaban.

Emeterio siguió con su trabajo, preparó 2 pletinas de hierro y paso al interior del taller para hacerles unos taladros. En ese momento el dueño del carro, se estaba haciendo el gracioso, contándole al Maestro algo que le producía fuertes carcajadas refiriéndose a los manojo de palillos que llevaba guardados en el arcón del carro. Contaba que unos días antes, según venía por la carretera vió tumbada en el suelo una acacia, que el viento había arrancado. Paró al lado y cargó dos brazadas de ramas de dicho árbol en el carro y fue haciendo manojitos de cuatro palitos cada uno, sentado en el carro mientras la mula le iba acercando al próximo pueblo en la provincia de Toledo. Al entrar en el pueblo, con los manojo ya hechos, metidos en una cesta empezó a pregonar: "Palojos de oro para curar la diarrea de los niños" (en aquellos días morían muchos niños de diarrea). Las madres del pueblo compraron todos los manojo que tenía en la cesta, a dos reales cada manojo. Al Maestro y a su hijo Diego, no les causaba risa la venta de palojos de oro, porque el nombre del pueblo donde los había vendido aquel estafador era Gerindote, donde había nacido mi padre, mi tío Mete y todos los miembros de mi familia paterna. Mi tío Emeterio se dio cuenta que aquel timador vivía de engañar a la gente humilde y le causó un profundo deseo de venganza, por el daño que hacía jugando con el dolor ajeno. Salió fuera del taller para terminar de arreglar el carro y llamó a Diego con la escusa de que le necesitaba y le mostró el contenido del arcón, y al verlo dijo a Emeterio: "vamos a

quitarle un pan", porque si a mi tío Mete se le iban los ojos, a Diego se le iban las manos. Mi tío le respondió que lo dejara de su cuenta. Entra al taller y si ves que va a salir, das con el martillo en la bigornia dos veces, para avisarme. De lo demás me encargo yo, le dijo mi tío.

Por la calle, esa tarde tan fría no pasaba nadie. Enfrente del taller había un solar, donde iban a construir una nave y habían descargado un viaje de bloques, para hacerlo. Mi tío se subió a la pila de bloques y retiró a un lado tres de ellos, en el hueco que quedaba, metió la bolsa con los panes, los chorizos y el puchero, volviendo a colocar los bloques encima para taparlo todo.

Después entró al taller y le dijo a su Maestro que el carro estaba reparado. Salieron a la calle el Maestro y el carretero, y después de pagar la reparación, el dueño del carro invitó al Maestro a tomar algo en un bar próximo a la carretera, a donde fueron los dos subidos en el carro.

Al rato volvió el Maestro al taller y como una hora más tarde volvió el carretero al taller y nos dijo que le habían quitado un poco de comida que llevaba en el carro. Emeterio le preguntó que donde había dejado el carro cuando entraron al bar, porque si lo habían dejado fuera, allí se lo habrían quitado, que por allí cerca debido a que los vehículos paraban en el paso a nivel, andaban muchos rateros para robarles. El maestro reforzó esa explicación y el dueño del carro tuvo que marcharse resignado con su pérdida.

Al final de la jornada de trabajo, el Maestro se fue para su casa y entonces Diego y Emeterio que se quedaron para recoger el taller, salieron a por su tesoro

escondido, lo recuperaron y lo metieron al taller, donde lo escondieron en el lugar que suponían mas seguro, no sin retirar previamente una ración para cada uno de los dos. A continuación se dirigieron hacia Legazpi, pero no para trabajar en el Mercado, sino que entraron en un cine que allí existía, junto a la entrada del Metro.

Una vez dentro del cine se pusieron a comer ambos con muchas ganas. Ese día ponían la película titulada La Salvaora, de Lola Flores y Manolo Caracol, pero los asistentes cercanos a ellos estaban más pendientes de lo que estaban comiendo, que de ver la película. Durante 5 días estuvieron comiendo del contenido de la bolsa del arcón del carro. Uno de los días invitaron a un muchacho de edad aproximada a la suya con un trozo de pan y otro de chorizo, porque al pobre se le iban los ojos detrás de la comida y les dio algo de compasión.

Durante esos cinco días cuando mi tía Lucía, su hermana mayor que fue quien se ocupó de criar y cuidar a todos los hermanos, le ponía las gachas que tenían cada noche para cenar, porqué otra cosa mejor no tenían, Emeterio no tenía hambre. Eso les venía bien a los demás hermanos que saciaban mejor su apetito, pero a ella la preocupaba aquella falta de apetito de Emeterio, que no se atrevió a explicarla el porqué de su desgana.

A mi tío Mete le dio pena tirar aquel puchero nuevo de barro y lo dejó en el patio de la casa familiar, lo cual extrañó mucho a mi tía Lucía, que se hartó de preguntar a todos sus hermanos la procedencia del puchero. Esfuerzo baldío porque nadie lo sabía, excepto el tío Mete que no abrió su boca y simuló no saber nada.

Transcurrido un año, Diego y Emeterio, que al acabarse la comida volvieron a ir cada tarde al Mercado a descargar camiones, le contaron al Maestro lo sucedido, pero no le pareció bien. Pasado un tiempo les disculpó, comprendiendo que la maldad del carretero mereció sobradamente el comportamiento de los dos muchachos, puesto que no había dudado en abusar de la desesperación de las madres de Gerindote en unos tiempos tan difíciles como fueron aquellos.

Tío Mete, avô Tello

Pedro Rivera Jaro, como narrado por Emeterio Rivera. Traduzido ao português por Sílvia C.S.P. Martinson

Quero que vocês saibam que em minhas histórias, não faço distinção entre esquerda e direita, porque entre outras razões, acredito firmemente que pessoas boas podem ser encontradas em todas as crenças políticas, assim como pessoas más.

Temos que nos colocar no início dos anos quarenta, conhecidos como os anos da fome na Espanha. Após uma sangrenta guerra civil, na qual os espanhóis foram colocados contra os espanhóis, a Espanha foi devastada, seus campos tornaram-se improdutivos, a nata de seu povo havia morrido, sido mutilada ou forçada a fugir para fora da Espanha, por medo de represálias por parte dos vencedores contra os vencidos. Toda a Espanha se tornou um imenso campo de prisioneiros, no qual cada prisioneiro era investigado sem pressa sobre seus antecedentes e com todas as informações que as pessoas que o conheciam podiam fornecer. Mais tarde as democracias europeias, uma vez terminada a Segunda Guerra Mundial com a derrota dos nacional-socialista alemães e dos fascistas italianos, decretaram o isolamento da Espanha, motivadas pelo fato de que o lado vencedor do exército espanhol deveria estar alinhado com os vencidos na Europa. O maná que o Plano Marshall trouxe para a Europa não deixou um único dólar na Espanha, portanto o dano foi feito, não aos nossos governantes, mas ao povo espanhol, cujas classes mais pobres sofreram o flagelo da fome e doenças como a tuberculose, com milhares de mortes entre seus habitantes.

Meu tio Emeterio, a quem sua família inteira chamou de Mete e que, quando ele se tornou avô, um de seus netos chamava-o de Tello enquanto era um menino, era o terceiro de cinco irmãos que ficaram sem mãe em 1928. Minha avó Isabel, nascida em um pequeno vilarejo de Toledo perto de Torrijos, chamado Gerindote, de onde seu marido Apolonio e seus cinco filhos também eram originários . Ela contava que se mudou para viver em um bairro muito humilde no sul de Madri, com seu marido e filhos, onde morreu no início dos anos trinta. Meu avô Apolonio nunca quis se casar novamente e permaneceu viúvo até sua morte, trabalhando com a família Ferrando, proprietários de terras no sul de Madri (Pradolongo, San Fermín, Ciudad de los Ángeles, Orcasitas, etc.), e de um Parador de Ganados, onde os fazendeiros que traziam os animais para o matadouro de Madri e os colocavam na noite anterior à sua chegada para abate.

Meu tio Mete obsequiou-me com uma história que ele viveu quando tinha 19 ou 20 anos de idade e trabalhou em uma oficina de reparação de carruagens, de propriedade do Sr. Diego Hurtado, escrita à mão por ele, e datilografada por um de seus netos. Este relato é a maior parte do traje que eu confeccionei, cortando aqui e acrescentando ali, e que diz o seguinte:

O trabalho de conserto de carroças foi muito difícil, muito diferente do de um carpinteiro ou marceneiro. Neste ofício, foi utilizada madeira de carvalho para os raios e para os fusos das rodas, choupo preto para os cubos, também para as rodas, as vigas e toda a estrutura da carruagem. As cinzas também foram utilizadas para as pernas. O ferro também foi usado extensivamente na fabricação de um carrinho, na fabricação dos pneus e aros dos cubos das rodas, barras

laterais e placas de reforço. Todo este ferro teve que ser preparado e forjado na forja à mão, usando martelos e tornos. Na forja eles tinham um fole para acender o carvão e para fazer furos no ferro, eles tinham uma furadeira com um volante que tinha que ser movido manualmente, porque naquela época eles não tinham outro meio mais conveniente de fazê-los.

A oficina estava localizada no sul de Madri, no bairro de Las Carolinas, perto da antiga estrada da Andaluzia, agora chamada Calle de Antonio López, em cuja estrada uma linha ferroviária atravessava, com uma passagem de nível com barreiras, onde os veículos que viajavam ao longo dela, quando um trem se aproximava abaixava as barreiras, paravam até terminar de passar e depois retomavam sua viagem.

Numa tarde muito fria de dezembro, quando estavam trabalhando na oficina, chegou um homem com uma carroça puxada por uma mula. Era uma carroça muito bonita, do tipo valenciano, com seu toldo e cortinas, bem pintados, e com uma arca no fundo, onde os motoristas da carroça carregavam seus pertences pessoais, além da carga de mercadorias que estavam transportando.

Este senhor entrou na oficina dizendo que tinha sido atingido na lateral da carroça que havia se quebrado, então ele precisava consertá-la. O mestre da oficina lhe disse para deixá-la por mais um dia, pois naquela época não havia espaço interno para trazer a carroça para dentro, e estava muito frio lá fora para poder trabalhar. Mas o homem insistiu tanto que finalmente convenceu o mestre,

que disse a Emeterio para ir lá fora e consertá-lo. Emeterio o fez, pegando as ferramentas e saindo para a rua, onde o vento norte soprava e estava gelado.

O proprietário da carroça ficou dentro da oficina e começou a conversar com o mestre ao lado da forja. Enquanto meu tio Mete reparava a carroça, a certa altura ele ficou curioso para ver o que estava dentro da arca e levantou a tampa de madeira que a fechava. Entre outras coisas, havia muitos pequenos fardos de paus com cerca de 10 centímetros de comprimento e um saco de pano com dois pães redondos dentro, cada um com cerca de 35 centímetros de diâmetro. Os olhos de Emeterio foram atraídos por aqueles dois pães, pois já havia muito tempo que ele não via um pão assim. Além dos pães, junto a eles, havia duas salsichas, cada uma medindo cerca de 50 centímetros quando esticadas. Havia também uma panela de barro novinha em folha cheia de fatias de coelho com chouriço em óleo. Embora estivesse com muita fome, Emeterio colocou a tampa de volta no baú e a deixou exatamente como a havia encontrado no início. Para lhes dar uma ideia de como meu tio Mete estava com fome naquela época, lhes direi que todas as tardes, quando saíam da oficina, ele e seu parceiro Diego, que tinha a mesma idade que ele, e filho do Mestre, iam ao Mercado Central de Frutas e Vegetais em Legazpi, que ficava perto da oficina, lá descarregavam laranjas dos caminhões e para este trabalho lhes davam e cada um deles um bom saco de laranjas e algumas beterrabas que, uma vez fatiadas e assadas, pareciam tão saborosas e enganavam a fome maldita pela qual estavam passando.

Emeterio prosseguiu com seu trabalho, preparou duas placas de ferro e entrou na oficina para fazer alguns furos nelas. Naquele momento, o dono da

carroça estava sendo engraçado, dizendo ao Mestre algo que o fazia rir alto, referindo-se aos feixes de palitos de dentes que ele havia armazenado na arca da carroça. Ele disse que alguns dias antes, quando estava chegando ao longo da estrada, viu uma acácia deitada no chão, que havia sido arrastada pelo vento. Ele parou junto a ela e carregou dois braços cheios de galhos da árvore na carroça e fez fardos de quatro paus cada um, sentado na carroça enquanto a mula o levava para o próximo vilarejo na província de Toledo. Quando entrou na aldeia, com os fardos já feitos, colocados em uma cesta, começou a proclamar: "Bastões de ouro para curar a diarreia das crianças" (naqueles dias muitas crianças morriam de diarreia). As mães da aldeia compraram todos os cachos que ele tinha na cesta, a dois reais por cacho. O Mestre e seu filho Diego não riram da venda dos pedaços de ouro, porque o nome da aldeia onde o vigarista os havia vendido era Gerindote, onde meu pai, meu tio Mete e todos os membros de minha família paterna haviam nascido. Meu tio Emeterio percebeu que o vigarista ganhava a vida enganando pessoas humildes e isso lhe causava um profundo desejo de vingança, pelo mal que estava fazendo ao brincar com a dor de outras pessoas. Ele saiu da oficina para terminar de consertar o carro e chamou Diego com a desculpa de que precisava dele e mostrou-lhe o conteúdo da arca, que quando o viu disse a Emeterio: "vamos tirar um pedaço de pão dele", porque se os olhos do meu tio Mete estavam indo, as mãos de Diego já estavam vindo. Meu tio lhe disse que tudo era por sua própria conta. Entrarei na oficina e se você ver que ele vai sair, bata duas vezes com o martelo na grande bigorna duas vezes para me avisar. Eu cuidarei do resto, meu tio lhe disse.

Na rua, naquela tarde fria, ninguém passava por ali. Em frente à oficina havia um terreno onde eles iam construir um galpão e tinham descarregado uma carga de blocos para fazê-lo. Meu tio subiu na pilha de blocos e retirou três deles para um lado, colocou o saco com o pão, as salsichas e o guisado no buraco que ficou, e colocou os blocos de volta em cima para cobrir tudo.

Então ele entrou na oficina e disse a seu mestre que a carroça estava consertada. O Mestre e o motorista da carroça foram para a rua e, após pagar pelos reparos, o dono da mesma convidou o Mestre para tomar uma bebida em um bar perto da estrada, onde ambos entraram no veículo.

Depois de um tempo o Maestro voltou à oficina e cerca de uma hora depois o motorista da carroça voltou à oficina e nos disse que eles haviam levado parte da comida que ele carregava. Emeterio perguntou-lhe onde ele havia deixado a carroça quando entraram no bar, porque se a tivessem deixado do lado de fora, a teriam tirado dele, e disse ainda que: como os veículos pararam na passagem de nível, havia muitos ladrões por perto para roubar deles. O mestre reforçou esta explicação e o proprietário do carro teve que sair resignado à sua perda.

No final do dia de trabalho, o mestre foi para casa e depois Diego e Emeterio, que ficaram para limpar a oficina, saíram à procura de seu tesouro escondido.

Eles o levaram para a oficina, onde o esconderam no que acharam ser o lugar mais seguro, mas não sem antes recolher uma ração para cada um deles. Depois foram para Legazpi, mas não para trabalhar no mercado e sim entraram

em um cinema que existia lá, ao lado da entrada do Metrô. Uma vez dentro do cinema, ambos começaram a comer avidamente. Naquele dia eles estavam assistindo o filme La Salvaora, de Lola Flores e Manolo Caracol, mas as pessoas ao seu redor estavam mais interessadas no que estavam comendo do que em assistir ao filme. Durante 5 dias eles estavam comendo do conteúdo do baú da carroça. Em um dos dias eles convidaram um menino de mais ou menos de sua idade com um pedaço de pão e um pedaço de linguiça, porque os olhos do pobre não paravam de vaguear atrás da comida e a eles lhes deu um pouco de compaixão.

Durante aqueles cinco dias, quando minha tia Lucía, sua irmã mais velha que estava encarregada de criar e cuidar de todos os irmãos, lhe serviu o mingau que comiam todas as noites para o jantar, porque não tinham nada melhor, Emeterio não estava com fome. Isso era bom para os outros irmãos, que eram mais capazes de satisfazer seu apetite, mas ela estava preocupada com a falta de apetite de Emeterio, que não ousava explicar a ela por que estava tão relutante.

Meu tio Mete lamentava ter jogado fora aquela nova panela de barro e a deixou no pátio da casa da família, o que muito estranhou a minha tia Lucía que se fartou de perguntar a todos os seus irmãos de onde tinha vindo a panela. Foi um esforço inutil porque ninguém sabia, exceto o tio Mete, que não abriu a boca e fingiu não saber de nada.

Depois de um ano, Diego e Emeterio, ao acabar-se a comida voltaram ao mercado todas as tardes para descarregar caminhões e contaram ao Mestre o que

havia acontecido, mas ele não gostou. Depois de um tempo ele os desculpou, percebendo que a maldade do motorista da carroça mais do que merecia o comportamento dos dois meninos, posto que não hesitasse em abusar do desespero das mães de Gerindote em tempos tão difíceis como aqueles.

Tío Valentín

Pedro Rivera Jaro

Existe un pequeño pueblecito serrano, en el límite de la Provincia de Madrid con la de Ávila, donde nacieron mis abuelos maternos, Pedro y Saturnina, que se llama Las Rozas del Puerto Real. En este precioso lugar, mis padres construyeron un pequeño hotelito en el cual he pasado una parte muy importante de mi vida y en donde tengo muchísimos amigos y parientes lejanos. No es la primera vez que hablo de este maravilloso lugar en las estribaciones de la Sierra de Gredos, y espero que no sea la última.

Cuando yo era niño me gustaba escuchar a los mayores contar sus historias, y a ellos les gustaba que yo les oyera con suma atención. Tía Cruz, que en paz descanse, hermana menor de mi abuelo Pedro, Tía Maximina prima hermana de ambos, personas que superaban los 70 años, como Tío Perrachica, Tío Valentín que también era primo hermano de mi abuelo, y que tenían historias en su vida que a mí me encantaba escuchar.

Pues bien hoy quiero contáros una de esas historias que ocurrió recién acabada la guerra fratericia de 1936-1939, mal llamada Guerra Civil, porque no hay nada menos civil que unos hermanos se maten con otros hermanos.

Tío Valentín tenía varios hijos Victoriano y Pepe, e hijas María Cruz y Adela. Uno de sus hijos, no voy a nombrar cuál de ellos, estuvo combatiendo en el Ejército de la República durante la contienda, probablemente porque fue movilizado correspondiendo a la edad que tenía.

Quiero señalar aquí, que todos los que voy nombrando eran excelentes personas que yo siempre vi que vivían de sus huertecitos, de sus animales y del cuidado de sus tierras, que nunca eran grandes fincas, y criaban su cerdito para hacer su matanza, y tenían un borriquito, o un caballo o mula, para el transporte de sus frutos, o para llevar el estiércol de las cuadras al huerto para abonarlo.

Pues bien, sería el mes de Mayo, o quizás Abril de 1939, cuando se presentó una pareja de la Guardia Civil en casa de Tío Valentín, requiriéndole para que les acompañara al Cuartel de San Martín de Valdeiglesias, que es la cabeza más importante de los pueblos de aquella zona.

El pobre Valentín perplejo, preguntaba a los guardias por el motivo de su detención, pero ellos le dijeron que desconocían el porqué, que en todo caso el Comandante de Puesto ya le explicaría el motivo de su detención. Cuando llegó al cuartel, le registraron de arriba abajo y les entregó el contenido de sus bolsillos que no era más que una pequeña carterita de cuero, cosida a mano y su pañuelo que él llamaba moquero y le metieron en un calabozo, y allí estuvo unas cuantas horas hasta que el Comandante del Puesto que era Sargento, le mandó llamar a su despacho.

Le explicó el Sargento a Valentín que le habían puesto una denuncia porque tenía un hijo revolucionario. Se referían al hijo que había combatido con la República y que en esa fecha estaba en un Campo de Concentración, como la mitad de españoles que habían peleado en el Ejército Republicano. Valentín lo explicó todo, y le dijo que su hijo era mayor de edad y que él como padre solo podía darle una opinión o un consejo, pero que su hijo tomaba sus propias decisiones. El le preguntaba al Sargento por la persona que le había puesto la denuncia, pero el Comandante no se lo dijo, porque eso no podía hacerlo.

Le preguntó por el contenido de su carterita de piel, que tenía un recibo de reconocimiento de una deuda de 500 pesetas, que le había prestado a un paisano y amigo suyo.

Valentín empezó a pensar que quizás hubiera sido ese supuesto amigo al que prestó el dinero quién hubiera denunciado, para librarse de la devolución de la deuda, y así se lo dijo al Sargento, quien no podía declarar quién había sido el denunciante, pero que por la expresión de la cara del Sargento, Valentín interpretó que había sido el que pensaba él que era amigo suyo. Más le reafirmó en su convicción el hecho de que el Sargento le puso inmediatamente en libertad sin ningún cargo.

En aquellos días por una denuncia podías pasarte años en la cárcel o, a veces, algo peor. Eran tiempos muy revueltos e inseguros, al menos hasta que se tranquilizaron las revueltas aguas que circulaban por nuestra España.

TIO VALENTIN

Pedro Rivera Jaro. Traduzido para o espanhol por Silvia C.P.S. Martinson

Há uma pequena aldeia de montanha, na fronteira entre as províncias de Madri e Ávila, onde nasceram meus avós maternos, Pedro e Saturnina, chamada Las Rozas del Puerto Real. Neste belo lugar, meus pais construíram um pequeno hotel onde passei uma parte muito importante da minha vida e onde tenho muitos amigos e parentes distantes. Esta não é a primeira vez que falo sobre este lugar maravilhoso no sopé da Serra de Gredos, e espero que não seja a última.

Quando eu era criança, gostava de ouvir os mais velhos contando suas histórias, e eles gostavam que eu os ouvisse com muita atenção. Tia Cruz, que descanse em paz, irmã mais nova de meu avô Pedro, tia Maximina, prima irmã de ambos, pessoas com mais de 70 anos, como o tio Perrachica, o tio Valentín que também foi primo irmão de meu avô, e que tinham histórias em suas vidas que eu adorava ouvir.

Bem, hoje quero contar-lhes uma dessas histórias que aconteceram logo após o fim da guerra fratricida de 1936-1939, chamada erroneamente de Guerra Civil, porque não há nada menos civil do que irmãos matando irmãos.

Tío Valentín teve vários filhos, Victoriano e Pepe, e as filhas María Cruz e Adela. Um de seus filhos, não vou citar qual, estava lutando no Exército da República durante a guerra, provavelmente porque foi mobilizado pela idade em que já se encontrava.

Gostaria de salientar aqui que todas as pessoas que estou mencionando eram excelentes pessoas que sempre vi que viviam de suas hortas, de seus animais e dos cuidados de suas terras, que nunca foram grandes propriedades, e criavam seus porcos para o abate e tinham um burrinho, ou um cavalo ou uma mula, para transportar suas frutas, ou para levar o esterco dos estábulos para o pomar para fertilizar.

Bem, foi em maio, ou talvez em abril de 1939, quando um casal da Guardia Civil apareceu na casa de Tío Valentín, pedindo-lhe para acompanhá-los até o quartel de San Martín de Valdeiglesias, a cidade mais importante da região.

O pobre Valentín, perplexo, perguntou aos guardas sobre o motivo de sua prisão, mas eles lhe disseram que não sabiam o motivo, e que em qualquer caso o comandante do posto explicaria o motivo de sua prisão. Quando ele chegou ao quartel, eles o revistaram de cima a baixo e ele entregou o conteúdo de seus bolsos, que nada mais era do que uma pequena carteira de couro costurada à mão e seu lenço, que ele chamou de coriza e o colocaram em uma cela, onde ele ficou por algumas horas até que o Comandante do Correio, que era sargento, mandou chamá-lo ao seu escritório.

O sargento explicou a Valentín que eles haviam apresentado uma queixa contra ele porque ele tinha um filho revolucionário. Eles se referiam ao filho que havia lutado com a República e que naquela época estava em um Campo de Concentração, como metade dos espanhóis que haviam lutado no Exército Republicano. Valentín explicou tudo e lhe disse que seu filho era maior de idade e que ele, como pai, só podia dar-lhe uma opinião ou conselho, mas que seu filho tomava suas próprias decisões. Ele perguntou ao Sargento sobre a pessoa que havia apresentado a queixa, mas o Comandante não lhe disse, porque ele não podia fazer isso. Ele lhe perguntou sobre o conteúdo de sua pequena carteira de couro, que continha um recibo de 500 pesetas, que ele havia emprestado a um compatriota e amigo dele.

Valentín começou a pensar que poderia ter sido esse suposto amigo a quem ele havia emprestado o dinheiro que o havia denunciado para se livrar da dívida, e assim o disse ao sargento, que não podia declarar quem havia sido o denunciante, mas pelo olhar no rosto do sargento, Valentín interpretou que havia sido aquele que ele pensava ser seu amigo. Sua convicção foi reforçada ainda mais pelo fato de que o sargento o liberou imediatamente sem acusação.

Naqueles dias, você poderia passar anos na cadeia por uma queixa, ou às vezes pior. Esses eram tempos muito conturbados e inseguros, pelo menos até que as águas agitadas que circulavam na Espanha se acalmassesem.

Un discurso memorable: I Have a Dream (Tengo un sueño)

Pedro Rivera Jaro

Hace unos meses estábamos hablando mi nieta menor, Georgia, mi hija Diana, mi esposa Estrella y yo mismo, acerca de una señora de su entorno, madre de familia, casada y con dos niños (niña y niño) preciosos. Georgia comentaba que le disgustaba esta amiga de la familia porque, al parecer era un punto racista.

Tengamos en cuenta que estábamos hablando en una ciudad sureña, del Estado de Alabama, en los Estados Unidos de América, donde la segregación racial era muy marcada hasta los años sesenta y setenta.

Mi nieta Georgia, es de raza blanca, tiene 20 años, estudiante universitaria de Arte, goza de la amistad de chicos y chicas de su edad, de todas las razas. De hecho, la última vez que viajó a Madrid, la acompañó su amiga Dau, que es americana, pero que sus padres son originarios del Sudeste Asiático, concretamente de Tailandia. También he visto fotografías de Georgia disfrutando de la compañía de jóvenes de piel negra.

Al hilo de esta conversación me puse a explicarles: Desde como mínimo los tiempos de la Antigua Roma, existieron las reivindicaciones sociales de las clases más humildes de la sociedad. Me estoy refiriendo concretamente a los miembros de la Plebe, y a los esclavos. Estos grupos sociales constituían un elemento cuantitativamente muy importante en aquella sociedad. Los esclavos llegaron a alcanzar el 20 % de la población romana. En cuanto a los miembros de la Plebe, constituyan la mayoría de dicha población si exceptuamos a los Patricios. Sus luchas

perseguían la igualdad con la clase superior de los Patricios y sostuvieron verdaderas revoluciones en su época. Llegaron a conseguir representatividad mediante el nombramiento de los Tribunos de la Plebe. En cuanto a los esclavos, la más importante fue la espartaquista, cuyo nombre se debe a su líder, Espartaco, y que llegó a contar con 120.000 miembros en su improvisado ejército, en su búsqueda común de la libertad.

En la Edad Media fue también muy frecuente el abuso de los señores feudales sobre los Siervos de la Gleba, o lo que es lo mismo, Señores y Vasallos.

Más adelante sobrevinieron entre otras la Carta Magna en Gran Bretaña, obtenida del Rey Juan Sin Tierra, hermano de Ricardo Plantagenet, Corazón de León, y la Revolución Francesa en Francia, que fue el gran hito que señala el derrocamiento del Antiguo Régimen representado por la Monarquía Borbónica y la conquista por el pueblo llano francés, representado por el Tercer Estado, de los grandes avances retratados en su lema: Libertad, Igualdad y Fraternidad.

Sin ánimo de ser exhaustivo podemos seguir citando a distintas revoluciones que fueron sucediéndose a lo largo del tiempo siempre en búsqueda de más libertades, como por ejemplo la lucha por la Independencia de las Colonias Inglesas en América del Norte, las Colonias Españolas en Norteamérica, Centro y Sudamérica, etc., etc.. Y dentro de Europa las Constituciones como la de Cádiz de 1812, en España, la Primera y Segunda Repúblicas también en España; el desmembramiento del Imperio Austro Húngaro y por último citar la Revolución Bolchevique que derrocó al dominio Zarista e instauró el Régimen de los Soviets en lo que durante gran parte del siglo XX se conoció como la URSS. Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Durante varios siglos, las potencias europeas tuvieron la enorme necesidad de colonizar los inmensos territorios del continente americano, territorios que previamente fueron arrebatando a los nativos existentes en ellos, que eran sus poseedores legítimos. Para poder hacerlo, además de enviar a los condenados por los tribunales, con la opción de rehabilitarse mediante el trabajo en las colonias, además de emigrar personas perseguidas por sus creencias religiosas, como era el caso de los judíos que buscaban allí liberarse de dichas persecuciones sin renunciar a la práctica de su religión, además de todo ello, no dudaron en utilizar el comercio de esclavos procedentes del continente africano. La historia está llena de ejemplos de cómo fueron tratados como mercancía. Dependían de la voluntad de sus poseedores o amos, que disponían de su vida a su antojo y les privaban del libre albedrío que es consustancial al ser humano. Cuando aproximadamente a la mitad del siglo XIX, los Estados Unidos de América van generando un abismo de separación respecto a la esclavitud, y se polarizaron en dos grupos antagónicos, unos a favor y otros en contra de la esclavitud, terminaron desembocando en el estallido de la Guerra de Secesión. Después de finalizar tan sangriento conflicto, con el triunfo de los estados antiesclavistas del Norte, se suponía que la libertad había llegado para todos los americanos, fuese su piel del color que fuese. Pero la realidad demostró que los afroamericanos en los estados del sur, continuaron ocupando el escalón inferior de la escala social americana, y continuaron sufriendo la segregación racial en escuelas, en medios de transporte, en iglesias, y en general en todos los lugares donde existía la posibilidad de mezclarse blancos y negros. Las personas de color defendieron con su vida a su nación, en todos los conflictos en los que intervino. Pongamos como ejemplo la segunda Guerra Mundial. Con todos esos sacrificios se fueron ganando un prestigio creciente en la opinión pública americana,

que no terminaba de reflejarse fehacientemente a nivel jurídico en sus derechos y libertades civiles.

El 28 de Agosto de 1963 el Doctor Martin Luther King, predicador negro, pastor de la iglesia Baptista, nacido en Atlanta, Georgia, contaba en Washington al mundo su sueño, en forma de discurso, me dejó profundamente ilusionado e impresionado. No solamente a mí, sino a millones de personas. De entre todo su discurso, hubo dos párrafos formados por un total de cuarenta y ocho palabras que me dejaron commocionado. Entre todo su discurso, aquellas cuarenta y ocho palabras commocionaron al mundo. Fueron un aldabonazo en las conciencias de la mayor parte de los americanos, así como el despertar al ansia de libertad de todos los afroamericanos.

Estos dos párrafos decían:

“No habrá ni descanso, ni tranquilidad en Estados Unidos, hasta que el negro tenga garantizados sus derechos de ciudadano.

Sueño que mis cuatro hijos pequeños vivirán un día en una nación, donde no serán juzgados por el color de su piel, sino por el contenido de su carácter.”

Al año siguiente, el 14 de octubre de 1964, el doctor Martin L. King fue galardonado con el Premio Nobel de la Paz, como reconocimiento a sus esfuerzos y valentía en pro de la defensa de los derechos civiles de los negros en Estados Unidos de América, pero, ni siquiera ese reconocimiento público mundial fue suficiente para reservar su vida contra el odio y el rencor racista encarnados en la persona de James Earl Ray, que le disparó y asesinó en Memphis-Tennessee el 4 de Abril de 1968.

Han transcurrido desde entonces 58 años, y han habido grandes cambios en la forma de pensar de los americanos del Sur, pero Georgia, sigue quedando un poso de racismo, que yo tengo la esperanza de que vaya desapareciendo con el transcurso del tiempo.

En ese instante sonó el timbre de la puerta de la calle y nos dimos cuenta de que la amiga de la familia, llegaba a la casa de Diana y Georgia. Inmediatamente cambié de conversación y me puse a contar a mi nieta una historia anecdótica, que a su vez me contó en su día, 45 años atrás, la abuela Conce, que era la abuela de mi esposa Estrella, o sea, tatarabuela de Georgia.

Escucha Georgia , voy a contarte lo que aconteció en un pequeño pueblo de la provincia de Madrid, llamado Las Rozas del Puerto Real, que es el último pueblo que hay antes de entrar en la provincia de Ávila, del cual desciendo yo, y desciende también tu abuela Estrella. Han transcurrido 130 años desde que ocurrió. En los montes de ese pueblo existían y existen magníficos castaños cuyo fruto delicioso, la castaña injerta, junto con las bellotas de sus encinas, servían para rematar la crianza, que se efectuaba en todas las familias, de los cerdos ibéricos. Estos animales que se alimentaban durante todo el año y que pastaban entre encinas, robles , castaños y quejigos, subiendo y bajando por las laderas serranas, se mataban en San Martín, en pleno invierno y producían los deliciosos jamones, paletas, lomos, caretas, pancetas, chorizos y morcillas ibéricos. La sal de mar, el pimentón extremeño de la Vera producido por la molienda de los pimientos rojos una vez secos, ajos traídos desde Las Pedroñeras pueblo de Cuenca famoso por su cultivo, y por último el orégano de la sierra que tiene propiedades antibióticas y que se usa desde muy antiguo para conservar carnes en curación. La matanza del cerdo era una fiesta en la mayor parte de los pueblos de España. Se limpiaban y lavaban

sus intestinos y una vez bien limpios se utilizaban para preparar distintos productos. Con los intestinos, según su mayor o menor grosor se elaboraban chorizos, salchichas, salchichones, morcones y si se añadía la sangre batida recogida al degollar al cerdo, se producían las deliciosas morcillas. Los jamones y paletillas se curaban en sal, dependiendo del peso de cada pieza, se le mantenía cubierto de sal más o menos días. Después de sacarse de la sal, se lavaban y escurrían la sangre de cualquier vena que pudiese haber quedado sin sacar. Los lomos se embutían en las tripas culares gruesas una vez bañados en pimentón. Todos los productos se ataban con cordeles y se colgaban en las cocinas de cada casa, con objeto de que el calor de la leña de encina que ardía lentamente en los hogares de las lumbres bajas, fuese secando y aromatizando lentamente las morcillas colgadas en los varales de castaño, junto con los chorizos y otros embutidos. Los jamones, paletillas, lomos, lomeras de tocino, pancetas adobadas, careta con orejas y morro adobado, se colgaban más altos en los techos y separados de la lumbre.

En la casa de tía Teresa y Tío Juan, tenían un perro al que llamaban Mundo, y del cual se ocupaba la dueña de la casa, Tía Teresa. Hicieron su matanza y colgaron todos sus productos el 11 de noviembre. En la fecha de la matanza se hacían las probaduras de las carnes que iban a ser embutidas, para comprobar su punto de sal y especias y se tenía por costumbre guisar las patatas de matanza. Riquísimas, llenas de sabor y que producían mucha gana de beber. El Tío Juan, que ya era un hombre pasados los sesenta, aquel día se hinchó de comer y de beber vino. Y por la noche remató comiendo una buena sartén de torreznos de panceta. Aquella noche el buen Tío Juan, falleció de una indigestión. Y al día siguiente prepararon su velatorio como se tenía costumbre hacer en aquella época en la que no existían los tanatorios donde velamos en la actualidad a nuestros difuntos, en el

salón de su casa, que estaba justo al lado de la cocina donde se habían colgado chorizos y morcillas.

Con todos los trajines de lavar, amortajar y vestir el cadáver, la Tía Teresa se olvidó de dar de comer a Mundo, y el pobre animal gruñía desesperadamente de hambre en el patio de la casa. Alrededor del féretro velando al cadáver del Tío Juan, estaban familiares, vecinos y amigos llegados al enterarse de la mala noticia para acompañarle en su última noche.

Mundo, el perro de la casa, harto de pasar hambre y con el olor de chorizos que salía por la ventana de la cocina, trepó por la pila de troncos de madera de encina y se coló en la cocina, donde con su boca atrapó una ristra de chorizos y dando un salto desde lo alto de la mesa salió cruzando el salón a la carrera y alcanzó la puerta de la calle a todo correr. Poco, por no decir nada, pudo hacer Tía Teresa para evitar que el can arrebataste sus chorizos y entre lamentaciones y gritos, decía: ¡Ay, Ay Mundo, Mundo, cómo te los vas llevando!. Y de los mejores..

Lo más gracioso de estas frases, era que ella se refería a los chorizos, mientras que los que velaban el cadáver pensaban que se refería al difunto que se marchaba de este Mundo.

Georgia, observo que te ríes, porque te ha gustado la historia de tu tatarabuela. Otro día con más tiempo, te contaré la historia de otro perro de tu tatarabuela que se llamaba Tenazas, por la fuerza de sus mandíbulas.

Un perro llamado Tenazas

Pedro Rivera Jaro

La abuela paterna de Estrella, mi esposa, se llamaba Concepción. Era la hija mayor del primer matrimonio del abuelo León, que posteriormente al quedarse viudo, caso en segundas nupcias con una chica joven llamada Leonor con la que tuvo otro montón de hijos.

El abuelo León estando viudo acostumbraba a llevar invitados a comer a su casa y correspondía a Concepción, como hija mayor, preparar comida al padre y a su invitado, cosa de la cual estaba muy harta.

Pensó que si hacia malos guisos, los invitados dejarían de acudir a su casa y cargarla de trabajos.

En consecuencia preparó unas patatas guisadas bien cargadas de picante que efectivamente el invitado no se atrevió a terminar de comer. Tampoco se atrevió a volver a su casa.

Las patatas se las puso de comida a su perro, de nombre Tenazas, quien cuando lleno de hambre se avalanzó al recipiente lleno de patatas para comerlas, dando el primero bocado, soltó un aullido lastimero y salió corriendo de la casa, y a día de hoy todavía no ha vuelto.

Conce, como la llamábamos todos era una mujer llena de vida y con ocurrencias llenas de gracia.

Um cão chamado Tenazas

Pedro Rivera Jaro. Traduzido ao português por Sílvia C.S.P. Martinson

A avó paterna de Estrella, minha esposa, se chamava Concepción.

Era filha mais velha do primeiro matrimonio do avô León , que posteriormente ficou viúvo. Veio este a casar-se em segundas núpcias com uma jovem chamada Leonor com quem teve muitos filhos.

O avô León estando viúvo costumava levar muitos convidados para comer em sua casa e cabia a Concepción, como filha mais velha, preparar comida ao pai e a seus convidados, o que já estava farta de fazê-lo.

E pensando que se fizesse mal os alimentos, os convidados deixariam de vir a sua casa e de dar-lhe trabalho.

Então preparou umas batatas cozidas carregadas em pimentas que efetivamente o convidado não se atreveu a seguir comendo e tampouco voltou a sua casa.

As batatas as colocou para comer ao seu cachorro de nome Tenazas, que cheio de fome se avançou ao recipiente, cheio, para comer.

Dando a primeira bocada, o cão, soltou um grunhido queixoso e saiu correndo da casa e até hoje não voltou.

Conce, como a chamava-mos todos, era uma mulher cheia de vida e de maneiras graciosas.